BANCO DE ESPAÑA
Eurosistema

BIBLIO TECA

**Homem, Manoel**

**Memoria da disposiçam das armas castelhanas que injustamente invadirâo o Reyno de Portugal no anno de 1580 ... / por Fr. Manoel Homem ...**

Em Lisboa : na Officina Craesbeckiana, 1655.

Signatura: FEV-SV-M-00051

La obra reproducida forma parte de la colección de la Biblioteca del Banco de España y ha sido escaneada dentro de su proyecto de digitalización

http://www.bde.es/bde/es/secciones/servicios/Profesionales/Biblioteca/Biblioteca.html

Aviso legal
*Se permite la utilización total o parcial de esta copia digital para fines sin ánimo de lucro siempre y cuando se cite la fuente*

Banco de España. Biblioteca

Exlibris

Jesús Rodríguez Salmones

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

FEV-SV-M-00051
Cod: 6000000075781

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

# MEMORIA DA DISPOSIC, AM DAS ARMAS CASTELHANAS,

que injuſtamente, inuadirão o Reyno de Portugal, no Anno de 1580.

Deſpertadora do valor Portugues, pera não temer.

Da prudencia, & conſelho, pera ordenar o preſente.

Da preuenção, & cautela, pera diſpor o futuro.

*OFFERECIDA AO EXCELtiſsimo Principe, Dom Raymundo, Duque de Aueiro, Duque de Torres Nouas, Marquez de Monte mòr, Conde de Penela, ſenhor das Terras do Infantado, & Comẽdador maior da Ordem de San-Tiago.*

Por Fr. Manoel Homem, da Ordem dos Pregadores, Examinador por S. Mageſtade das tres Ordens Militares.

*Com Licença.* EM LISBOA. *Na Officina Craesbekiana. Anno* 1655.

Banco de España. Biblioteca

# MEMORIA
## DA DISPOSIÇAM
### DAS ARMAS CASTELHANAS,

que injustamente, invadiraõ o
Reyno de Portugal no
Anno de 1580.

Despertadora do valor Portuguez, para
naõ temer.

Da prudencia, & conselho, para ordenar
o presente.

Da precaupçaõ, & cautela, para dispor
o futuro.

## OFFERECIDA AO EXCELLENTISSIMO PRINCIPE, DOM RAYMUNDO, DUQUE DE AVEIRO, DUQUE DE TORRES NOVAS, MARQUEZ DE MONTE MOR, CONDE DE TRANCOSO, SENHOR DAS TERRAS DO INFANTADO, & COMMENDADOR MAYOR DA ORDEM DE SAN-TIAGO.

Por Fr. Manoel Homem, da Ordem dos Pregadores, Examinador por S. Magestade das tres Ordens Militares.

Com licença. EM LISBOA, Na Officina [illegible] Anno 1677.

Banco de España. Biblioteca

*Licença do Santo Officio.*

VIstas as informaçoẽs, podese imprimir o liuro, que tem por titulo: *Memoria da disposição das Armas Castelhanas*, Autor o Padre Frey Manoel Homem; & depois de impresso, tornarâ ao Conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr; & sem ella, naõ correrâ. Lisboa, 6. de Setembro, de 1655.

*Pedro da Silua de Faria. Francisco Cardoso de Torneo. Diogo de Sousa. Pantaleão Rodriguez Pacheco. Frey Pedro de Magalhaes.*

*Licença do Ordinario.*

Podese imprimir. Lisboa, 10. de Setembro, de 1655.

*O Bispo de Targa.*

*Censura, & approuação do sapientissimo Doutor, Manoel Delgado de Mattos.*

VOssa Magestade foi seruido, mandarme reuer os discursos, que compos o Padre Frey Manoel Homem, da Ordem dos Pregadores, em que mostra o cuidado, que se deue tèr, no apresto de poderosas Armadas, pera defensaõ, & augmento desta Real Coroa, recopilando o Autor as Chronicas dos nossos Reys, & enseñandonos muitas



Banco de España. Biblioteca

tas doutrinas politicas, tocantes a este particular. A obra naõ sò he louuauel pello assumpto, com que se emprendeo, & acerto, com que se escreue: mas tambem pella ocasiaõ, em que nos vemos, por nos faltar Armada naual, pera resistirmos às hostilidades maritimas, que podem soceder no tempo presente.

Continua o Autor esta empresa, com nos inculcar o porte, & fabrica das nossas naos, trazendonos á memoria o Galeaõ São Ioão, que na jornada de Tunes, que expugnou o Emperador Carlos V. (socorrido das armas de Portugal, gouernadas por Antonio de Saldanha, & Simão de Mello; & muito mais do valor, & presença do Infante Dom Luis, a cujo imperio, tudo o tocante a esta Coroa, estaua subordenado) grãgeou grande credito a nossa Monarchia. Porque defendendose os piratas, na Goleta, varonilmente; foi tal a carga das balas, & fogo, que deu o dito Galeão, que abaterão o orgulho, & fugirão, largando a praça, sem se atreuerem a esperar a dilaçaõ de rendella.

Seguese o vltimo discurso, em que o Autor, como letrado, & Theologo erudito, explica, com distinçoẽs, os casos, em que os rendidos no mar, se podem queimar licitamente. Forma de desesperação, que os Hereges desta nossa idade, introduziraõ, sem distinçaõ algũa. Assim que me parece, que V. Magestade pode dar ao Autor a licença que pede.

Lis-

Bancò de España. Biblioteca

Lisboa 25. de Setembro, de 1655.

*Manoel Delgado de Mattos.*

*Licença do Paço.*

QVe se possa imprimir este liuro, visto as licenças do Santo Officio, & Ordinario, que offerece; & depois de impresso tornarà a esta mesa, para se taxar, & sem isso naõ correrà. Lisboa 28. de Setembro, de 1655.

*Dom Pedro de Lancastro.*

*Càsado. Pacheco. Carualho.*

*Censura do Padre Mestre Frey Thomas Aranha.*

LI com applicaçaõ & gosto este liuro, que se intitula. *Memoria da disposição das Armas Castelhanas*, Autor o muito Reuerendo Padre Fr. Manoel Homem, Religioso da Ordem dos Pregadores, Examinador das Ordẽs Militares. E parece me, q̃ em seu tãto, se pode alistar na ladainha das muitas, & calificadas prouas, que temos da nossa justica, contra Castella; porque vem a ser, como prodigioso effeito do nosso direito, & razaõ; o dar hum frade taõ prudentes arbitrios Militares, & saber falar de guerra, & disposiçaõ das Armas, com tãta propriedade, & concerto; em symbolo, & pronostico, de que saberaõ menear estas, quando importar, atè as molheres Portuguesas, & matar Castelhanos; renouando exemplos, de que ainda hoje, em Castel-

la,

Banco de España. Biblioteca

la, ſaõ iguaes o medo, & a memoria.

Tambem conſidero, que pera hũa cauſa taõ iuſtificada, como a noſſa, quer Deos, que ſe recolhaõ teſtemunhos, & abonos, *ex ore infantium*. Na expoſiçaõ do qual verſo do Pſalmiſta, diz aquelle graue, & douto Expoſitor, Dõ Pedro de Figuero 1 (& outras de hum Rabino) *Magnam fundaſti fortitudinem, de ore infantium, & lactentium: & voluiſti laudari à Liuitis, & Sacerdotibus*. E quãto menos he vſado, eſcreuerem frades da Milicia, tanto mayor ſerá o temor, q̃ deue cõceber o inimigo: pois como diſſe Seneca: *Ex inſolito fit formido maior*.

Reconheço outroſi, em ſer frade noſſo o Autor, naõ sò preſumpçaõ, mas eſperança certa, de que noſſo Sanctiſſimo Pay, & Patriarcha S. Domingos, concorreſſe ao apoyo, & conſeruaçaõ deſta Coroa, & Monarchia, neſtes Principes, & ſenhores noſſos, tantas vezes ſeus parentes; & a eſte fim, diſpenſou brios, pera eſta curioſidade taõ particular, & empreſa, taõ digna de louuor, a eſte Religioſo, filho ſeu. E a outros, nas ocaſioẽs futuras, dará forças pera pelejarem, animoſamente ſoldados, & ſabiamente aſſiſtirem Capitaẽs; como já em Santarem foi feito Capitaõ, contra Caſtella, o noſſo grande Frey Amaro Lopes, daquelle illuſtre pouo, que com razaõ ſe preſa, de ſer entaõ o primeiro, que acclamou deſenſor da patria, contra Caſtelhanos, aquelle Principe, em quẽ, todavia ſem paixão, ſenão podião

negar

Banco de España. Biblioteca

negar partes, & prẽdas, que o fazião, por certo, digno (não da succeſſaõ na Coroa) mas pello menos, de muito melhor fortuna Neſte liuro, & em ſeus diuerſos, & politicos diſcurſos, não notei couſa contra a Fè, ou bõs coſtumes, nẽ de q̃ haja de reſultar perda de credito ao habito, & Religião: põto, q̃ conforme noſſas leis, deuemos cõ sũmo rigor, examinar ſempre. Pelloque, me parece eſte liuro digniſſimo da eſtampa. Em S. Domingos de Lisboa, a 27. de Abril. de 1655.

*Fr. Thomas Aranha, Magiſter.*

COm grande cuidado & attenção paſſei eſte liuro, q̃ fez o muito R. P. Fr. Manoel Homem, Examinador das tres Ordẽs Militares, o qual ſe intitula: *Memoria da diſpoſição das Armas Caſtelhanas, &c.* A materia que trata, he bem q̃ ſe traga na memoria de todos, & em eſpecial daquelles, a quẽ toca diſpor as Portugueſas, pera rechaçar as Caſtelhanas, quãdo a occaſião o pedir. Em breue diz o Autor muito, & cõ grande erudição, & varia lição, o q̃ fica ſendo de grande vtilidade; & atalhando o enfado de volumes grandes, os quaes nunca ſe acabão de ler, nem o q̃ nelles ſe trata, paſſa à memoria. Pareceme mui juſto, que voſſa Paternidade Muito Reuerenda, cõceda licença, peraque ſe imprima. Em S. Domingos de Lisboa, 16. de Mayo, de 1655.

*Fr. Domingos de Queirõs, Magiſter.*

*Licença*

Banco de España. Biblioteca

*Licença do Padre Prouincial.*

FRey Dinys de Lancastro, Mestre em Sancta Theologia, Prior Prouincial da Ordẽ dos Pregadores, nestes Reynos de Portugal. Vistas as informaçoẽs dos Padres Mestres, a quẽ commetemos o exame & approuaçaõ do liuro intitulado, *Memoria da disposição das Armas Castelhanas*, que compos o P. Fr. Manoel Homem: pella presente, & authoridade de nosso officio, lhe concedemos licença, pera que o possa imprimir, visto estar approuado pello Santo Officio, Ordinario, & Mesa do Paço. Dada neste nosso Conuento de S. Domingos de Lisboa, aos 12. de Nouembro de 1655.

*Fr. Dinys de Lancastro Prior Prouincial.*

Visto estar conforme com o original, pode correr este liuro. Lisboa 25. de Ianeiro, de 1656.

*Pedro de Sylua de Faria.* *Francisco Cardoso de Torneo.*
*Fantaleão Rodriguez Pacheco.* *Fr. Pedro de Magalhães.*
*Luis Aluares da Rocha.*

Taxaõ este liuro em duzentos reis em papel. Lisboa 19. de Ianeiro, de 656.

*Pinheiro.* *Casado.* *Pacheco.* *Almeida.* *Carvallo.*

Banco de España. Biblioteca

# AO EXCELLENTISSIMO Principe Dom Raymundo, Duque de Aueiro, Duque de Torres Nouas, Marquez de Montemòr, Conde de Penela, Senhor das terras do Infantado, Comendador maior da Ordẽ & de Santiago.

POR grande acerto tenho, offerecer a V. Excellencia este Liuro, porque sendo o intento daquelles, que querem sair a publico, buscar o amparo, & protecção dos Grandes, contra os que por natureza (& tal vez sem sciencia, & he o mais contingente) asperamente censuraõ & condenão, não podia eu, pera conseguir este fim, fazer melhor eleição, que buscar a V. Excellencia, não sò por tantos Titulos, tantas vezes Grande, mas por Principe sublime, por reaes condiçoẽs, & tão excellente, & alto nacimento.



He

Banco de España. Biblioteca

He o assumpto destes meus desuelos, & applicação, hũa Memoria da disposição das Armas Castelhanas, que injustamente inuadirão este Reyno, no Anno de mil, quinhentos, & oitenta; com intento de mostrar o em que elles acertarão, & fazer presente os nossos desacertos, com que nos sogeitamos, facilitando o nosso descuido & negligencia. Estas noticias colhi de papeis antigos & verdadeiros, de que fiz esta Memoria, na qual se estampa ao natural, & representa ao certo a guerra injusta, que ha 75. annos, nos fez o inimigo Castelhano. Mostro nella, os passos & caminhos por onde nos buscarão, pera que se impidão; & sinalo as portas, por que entrarão, peraque se fechem, & cerrem.

Não fora mà, antes boa, a preuẽção de grossas muralhas pera Lisboa; mas impossibilitás a incerteza do tẽpo, & a grande despeza as difficulta. Os soldados pagos & satisfeitos, saõ a defensaõ do Reyno; mais segura: porque defendem & offendẽ. Assi o julgauão, & sentiaõ os antigos & valẽtes Portuguezes, na India, dizendo ao grande Dom Ioão de Castro, que

voltaua

Banco de España. Biblioteca

voltaua vencedor de Dio (estranhandolhes arruinarem os muros de Goa, pera o receberem, com bizarria & grandeza) que as barbacans de mais força, erão seus braços & espadas.

A falta, que em Portugal ouue naquelle accidente, foi o mao trato, que se deu à gente de guerra. Este a deteue em suas casas, como affirma Antonio Herrera, Author graue Espanhol, que nelle assistio presente, no liuro 3. §. 12. *Como los Regidores no pagauan, ni fauorecian al pueblo, ni al negocio; haziaseles de mal, salir de sus casas.* Dinheiro ha sem gente, mas sem elle, não ha soldados. As pisadas, que esta Memoria auiua, hão de seguir os Castelhanos, obrigados de hum successo exprimentado, & felice; que mais se obserua na guerra; porque os successos prosperos passados, promettem iguaes accidentes.

Assi o conheceo o Capitão Claudio Ciuil Alemão, inimigo do Imperio Romano, quãdo vio os seus temerosos pella chegada de Quintilio Cerial. Marchando com o seu exercito, o tornou a compòr, & formar, no mesmo lugar & sitio, em que tinha alcançado hũa grande vi-



Banco de España. Biblioteca

ctoria dos Romanos, animando a ſua gente, & promettendolhe, confiado, ſegundo vencimẽto; ſò com a eleição da meſma campanha, em que hauião ſido vencedores; diz Tacito, no liuro 5. das Hiſtorias, na vida de Veſpaſiano Ceſar. Foi efficaz & poderoſo o exemplo.

Eſte que refiro do Caſtelhano, ſe pode fruſtrar facilmente; porque anteuiſto o dano, com facilidade ſe remedea. O mal conhecido, com ſuauidade ſe repara. A noticia do deſpenhadeiro, enſina o deſuio. Relato neſte papel os danos, os riſcos, os perigos, & os precipicios, em que Portugal cahio. Claro eſtà o remedio, & cautela, & a preuencão; porque entendida a cauſa da doença graue, corrente fica a cura, & a meſinha.

Neſta pode V. Excellencia obrar muito, ſe não com a experiencia, com o juizo & prudẽcia, com o lugar, com a grandeza, & com a peſſoa, verdadeiramente digna de Imperio. Nem o verdor dos annos contradiz eſte conceito, que tambem o grande Cataõ, quando de poucos, enſinaua nos Conſelhos, na meſma conjunção (que dando em tempo ao tempo) ſe ſe

diuertia

Banco de España. Biblioteca

diuertia como moço; discursaua como velho.

Por este respeito se deue a V. Excellencia esta Memoria contra o esquecimento do tempo. E reconhecida a diuida, mal podia buscar outra protecção, que fora negar o seu a seu dono. Disse elegantemente, o Philosopho Seneca. *Id quod merenti datur, non beneficium, sed ius est.* Dar a quem merece, não he seruir, he pagar. Offereço a V. Excellencia esta Memoria; & fora falta esquecerme dos fins, que aquelles, que escreuẽ, obseruão em dedicar suas obras, que saõ o emparo dos Principes, contra a censura dos maldizentes, & publicar suas excellencias, & grandezas. Com esta me acomodo mais; porq̃ nunca li, nem vi que algũ Mecenas, leuasse ao campo o Zoylo censurador.

Louuar & engrandecer a V. Excellencia, tẽ euidente perigo; porque dizer pouco de hum Principe tão grande, he falta & he defeito. Dizer muito, pode parecer lisonja. Alentame neste aperto, conhecer a gèral noticia, que todos tem das regias condiçoẽs de V. Excellencia, & nunca pode ser culpa, escreuer o que tantos confessaõ.

Acção

Banco de España. Biblioteca

Acção he esta, que não sò julgo por decẽte, mas por precisa, & forçosa; porque a murmuração sempre faz tiro aos grandes, sem perdoar ao Illustre & famoso Pompeo, a quem notauão, coçarse na cabeça, com hũ sò dedo; & de apertar com liga branca a ferida, que tinha em hũa perna. No primeiro, o notauaõ de demasiado, & descomposto. No segundo, de caprichoso. Sendo hũa tal pessoa, que affirmão todos os Authores antigos, que não teue nunca Roma Principe, na guerra, mais valeroso, nem na paz, mais reportado, & prudente. Refereo *Alciato, no Emblema 71.* Saõ os Principes parecidos aos montes altos, & mais leuantadas torres, emprego sempre dos furiosos vẽtos. Escreueo o Poeta.

*Summa petit liuor, perflant altissima venti.*

Necessario he logo, & forçoso, q̃ diga o que de V. Excell. se conhece, sem notta de adulaçaõ. Lõge fica desta, o assumpto, que se me offerece, pois o ministra à mesma natureza, q̃ costuma, trãsfundir nos ramos, as calidades do trõco, & communicar aos filhos, & descendentes as illustres propriedades de seus progenitores.

Muito

Banco de España. Biblioteca

Muito se empenhou Germanico, em persuadir a sua molher Agrippina, que deixando as inquietaçoẽs, & sobresaltos do exercito, se retirasse à cidade de Treueris, aonde passaria, cõ menos perturbaçaõ, & mais descanço.

Persuadida a Princesa, que o marido presumia nella temor, lhe disse. Que desprezaua todos os medos & receos, porq̃ descendia do real sangue de Augusto, & que naõ lhe faltaua animo, & espirito pera passar todos os perigos da guerra, nem degenerauа de seus gloriosos ascẽdentes. Assi o escreue o sentencioso Chronista Tacito, falando de Germanico, & de Agrippa. *Diu cunctatus, aspernante vxore, cum se diuo Augusto ortam; neq; degenerem, ad pericula testaretur.*

Comprouada, & euidente fica, Senhor, a maxima referida. São os filhos herdeiros das nobres condiçoẽs de seus pays, & auós. Esta conclusaõ assentada, vasto & dilatado campo, se me offerecia, pera dizer muito de tantos, & taõ grandiosos Principes: mas fora graue offensa, reduzilas todas ao limitado de hũa Epistola, quando a cada hum delles, se deue hũa Chro-

nica

Banco de España. Biblioteca

nica muy grande. Com tudo, por naõ interrõper o estylo, & fugir do que todos seguem, he obrigaçaõ tocar de algum modo parte de suas grandezas, por naõ parecer ingrato. Là disse o Poeta, quando quiz engrandecer a Mecenas. *Mecænas attauis edite Regibus.*

Destes naceo V. EX.ª que he a mais alta ventura, como quinto netto do senhor D. Iorge de Lancastro, Duque de Coimbra, Mestre de Saõ-Tiago, filho do Principe perfeito, o senhor Rey D. Ioão Segundo. Foi este Infante, dotado de ricas prẽdas, Pio, Magnanimo, Prudente, Valeroso, & liberal. Propriedades, que se inseparaueis do real sangue, mais perfeitas, & illustradas, pella grande Ama que o criou, & douttinou, que foi a Santa Princesa D. Ioanna; irmãa del Rey seu pay. De tres meses o recebeo debaixo de sua educçaõ & tutela, como ella lhe affirmou (despedindo se delle, quãdo morria) & cõ tãta affabilidade, & ternura, & cõ taes palauras, que saõ o maior testemunho, de que o amor (que causa mais nobre & apertado parentesco) o subio tanto & leuãtou, que de sobrinho por sangue, o fez filho por adopçaõ.

Assi

Banco de España. Biblioteca

Assi escreue o Padre Vasconcellos, no Cõpendio, em lingoa Latina, das vidas dos Reys de Portugal, & na desta santa Princesa, o que apartamos pera maior applicação.

Morria Religiosa, no reformado Mosteiro de Iesus, da Ordẽ dos Pregadores, da villa de Aueiro, & tendo presente o Infante, lhe disse. *O filho meu, com todo o maior affecto de meu coração, vos encarrego & encõmendo o cuidado, & protecção deste Mosteiro em que viuo, & morro, & que sempre estimei, por sua reformação & virtude, como a propria alma. E pera q̃ mais vos obrigue, lembraiuos sempre dos estremos de amor, com que vos recebi, & criei, sendo tenra criança de tres meses. Tende firme na memoria que por vos trazer em meus braços, despresaua as galas mais preciosas, & ricas. Nos accidentes varios de vossa educação & infancia, por vos conseruar risonho, ou por acalentar choroso & triste, sentia em mim taes estremos, que hũas vezes, vos cantaua com lagrimas, & outras, cõ ellas vos diuertia. O motiuo das lagrimas, era veruos queixoso & sentido; o do cantar alegre, o gosto cõ que vos criaua, pesaua, & assistia. Esta*



Banco de España. Biblioteca

*mescla de effeitos diuersos, obraua o grãde amor, que vos tinha. Restituime penhores de tanto preço, venerando, & assistindo a este mosteiro (como se nelle houuereis nacido) no amor & estimação. Reconheceo por vossa patria, & como tal o defendei, com vossa grandeza, & fauorecei cõ vossa liberalidade. E a Deos, que vos guarde, & prospere.*

Ventura grande foi do Infante ter em lugar de mãy, Aya, & Mestre hũa Princesa sancta, que muito se acõmoda, & com grãde fundamento se appropria, o nome de Mestre ao de Pay, como affirma Petrarcha, no 1. liuro, Dialogo 96. *Nomen Patris congruit Magistro.* E cõ razão grandissima; porque o ensino & a doutrina, he hũ nobre modo de gerar, & dar principio & ser: & assi como os pays, pella via da geração, cõmunicão aos filhos o ser, os accidentes, & as condiçoẽs de preço; assi o bõ mestre, transfunde no discipulo, nouo saber, conhecimento, & noticia, que he hũa perfeita, & sublime geração.

Com este intento escreue Plutarcho a seu discipulo Trajano, na occasião que o elegerão

Empe-

Banco de España. Biblioteca

Emperador, hũa discreta carta, dandolhe o parabem da mayor grandeza. *Gratulor fortunæ meæ, si te recte gesseris; alioquin me detrahensium linguis subiectum non dubito: cum & ignauiam Imperatorũ Roma non ferat, & sermo publicus, delicta discipulorum refundere soleat, in præceptores.* Graças a minha fortuna (diz este grande Philosopho) se gouernardes bem; & se mal, eu hei de leuar a negra, & sobre mim hão de cair as maldiçoẽs; porque Roma, se não sofre Principes descuidados, conhece muito bem, que as culpas, & delictos dos discipulos, procedem da mà vida, & doutrina dos mestres.

Digo em summa. Quem quizer conhecer as regias propriedades do Infante Dom Iorge, & suas grandes virtudes, lembrese, que quem o criou, quem teuepor Aya & Mestre, não foi menos, que hũa Princesa tão santa (entre as calidades que lhe communicou, forão virtude, & valor, pello que mostrou contradizendo casar, & ser senhora de hum Reyno) adornada de tantas graças diuinas, que se tem por milagrosa, nao só na vida, mas na morte. Grandemẽte o certeficarão, as aruores, as flores, & as boni



Banco de España. Biblioteca

nas do jardim daquelle Mosteiro, murchãdose & secandose todas de repente ao tempo, que por ellas passaua, aquelle casto, & santo corpo pera o sepulcro. Marauilha admirauel, sabida de todos os que lerão, & de nouo referida, pello *Padre Antonio de Vasconcellos, na vida desta gloriosa Princesa. fol. 257.*

Filho do Infante Dom Iorge foi o Duque Dom Ioão, nome que tomou, por immittar o Auò, o senhor Rey Dõ Ioão II. Foi este Principe vniuersal herdeiro do Infante seu pay, na grãdeza, & na virtude; muito temente a Deos, muito pio, muito Christão, charitatiuo sobremodo, & particularmente, grande venerador dos Sacerdotes, Religiosos, & cousas sagradas. Estas excellẽcias acompanhou, com hum juizo, & discrição muito grande, & com tão valeroso animo, que resoluta a Rainha Dona Catherina a se tornar a Castella, despois de viuua, & deixar o gouerno, & o Reyno; calandose muitos, dissimulando outros; só quem a resistio, & contradisse varonilmente, foi o Duque, & com tanta liberdade, que dizendo a Rainha determinadamente, que se hauia de ir, o Duque

lhe

lhe respondeo, com seu grande animo. *Não se irá V. Alteza, porque o impedirei eu.* Mudou a Rainha de parecer; que pode muito hum Principe zeloso, que sò respeita o bem cõmum.

Bem merecido foi do Duque o respeito q̃ a Rainha lhe guardou. Deuia de estar lembrada, & reconhecida da grandeza, com que foi buscar à Raya do Reyno, a Princesa Dona Ioãna, filha do Emperador Carlos V. & sobrinha da Rainha Dona Catherina, & sua nora; que vinha a ser molher do Principe Dõ Ioão. Foi o Duque a buscala & recebella, como Embaixador, com tanto esplendor, & grandeza; que em breues dias, chegou a Eluas, cõ mais de 500. de cauallo, criados, & vassallos seus, vestidos todos ricamente, com as cores do Duque, roixo, amarelo, & branco. Assi mais de 80. Alabardeiros de sua goarda; preeminencia tão antiga nesta Real Casa, que passa de cem annos de posse, principiada por merce & graça dos senhores Reys seus Auós; & com mais de cento & sincoenta Azemalas, com ricos repcsteiros bordados, em que hia a sua recamera, & com grande multidão de gente de pé, que bem mostraua

Banco de España. Biblioteca

ſtraua grande pōtencia de hum Rey, que mandaua a taes vaſſallos. Inſtaua o Duque de Eſcalona, que a Noiua ſe entregaſſe ao modo de Caſtella, preualeceo o Duque de Aueiro contra o parecer Caſtelhano, que a entrega ſe fizeſſe ao vſo de Portugal. Gloria foi grāde do Rey. no acção tão honrada, & generoſa. Sempre iguais competencias forão perigoſas. Muitos competirão, mas poucos ſaberão vencer.

Seu grande eſtado ficou nas mãos de ſeu filho o Duque Dom Iorge o 2. que em nada degenerou de tão illuſtres aſcendentes. Todos o confeſſaõ, ninguem o contradiz. Hũa sò couſa direi deſte Principe, q̃ue foi exemplo da fidelidade do Rey; & do mayor valor. Aduirtio muitas vezes, com ſua grande prudencia, ao ſenhor Rey Dom Sebaſtião, o riſco da jornada de Africa, moſtrādo ſua inconueniencia, com razoẽs viuas, & efficazes. Não obrarão, porque os noſſos bons diſcurſos, não preualecem contra os decretos do Ceo. *Sic erat infatis*. Poucos dias antes da infelice batalha, lhe fez a vltima aduertencia, eſtymulādoo noſſa ruina total, quando ja ſe conhecia mais proxima, & viſinha,

Banco de España. Biblioteca

ſinha, dizendolhe, que aceitaſſe os partidos do Mouro, que erão grandes & honroſos; & que mayor gloria era render o inimigo, cõ a eſpada na bainha, que na mão; que naõ arriſcaſſe ſua Real peſſoa, & hum Reyno.

Podèra taõ prudente conſelho obrar muito, mas ElRey tinha os olhos fechados pera ſeu bem. Reſpondeolhe (arguindoo de temor, ſendo valor conhecido): Duque, ſe naõ quereis pelejar, embarcaiuos. (Sempre a temeridade deſprezou a prudencia.) Tornou o Duque dizendo. Senhor, nem eu, nem aquelles donde venho, ſe embarcaraõ nunca, ſe naõ em ſeruiço de V. Alteza: mas eſpero moſtrar cedo a V. Alteza por obras, ſe me hei de embarcar, & o zelo da verdade que lhe deuo falar.

Na mayor força da batalha encõtrandoſe com ElRey, todo cuberto de ſangue, com a eſpada apertada na mão, lhe diſſe. Veja V. Alteza, ſe ſou eu homem, que me embarco. Aſſi eſcreue *Miguel Leitão de Andrada, no Dialogo 7. folhas* 189. Foi o Duque excellente Principe (diz o meſmo Author) & esforçado Caualeiro, entendido, ayroſo, diſcreto, & engraçado,

& naõ

Banco de España. Biblioteca

& naõ sei se muito enuejado, por tantas, & taõ excellentes prendas. Na occasiaõ da batalha, lhe viraõ fazer feitos admiraueis, dando muitas mortes desesperadas; porque durou muito espaço viuo. Assi testemunha Andrada.

Deixou este Principe esclarecido por vniuersal herdeira de sua grande casa, a Excellentissima senhora Dona Iuliana, sua filha vnica, & em tudo verdadeiramẽte vnica, Princesa de raras virtudes; na fermosura Rachel, na fecundidade Lia, no juizo & gouerno Debora, & no valor Iudith. Duas sublimes calidades, entre as mais, particularisaõ suas, aquelles, que a trataraõ & seruiraõ, estas foraõ. Hũa grãde piedade com Deos, & hum ardentissimo zelo do bem da Patria. A primeira, lhe conheciaõ na continua & larga liberalidade, com que acodia às pessoas Religiosas, & aos pobres, & com tanto estremo, que parece entenderse por ella, com toda a propriedade, aquelle grãde louuor, que o Espirito Santo, no cap. 31. dos Prouerbios, dà à matrona illustre, forte, & perfeita. *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit, ad pauperem.* Hũas vezes occulta, & as es-

condidas

Banco de España. Biblioteca

condidas abria a mão, que fechada leuaua a esmola ao necessitado. Outras (quando a prudẽcia o permittia) com ambas as mãos abertas, & cheas, remediaua ao pobre, & o desemparado.

A fidelidade nobre, & o zelo grande, que tinha do bem do Reyno, teue em grao taõ intenso, & feruoroso, que em idade de quatorze annos (ou por vingança, ou por temor) a tirou ElRey Catholico de sua Real Casa, leuandoa pera Madrid. Com razoẽs viuas, & com affecto claro, mostraua na puericia, naõ consentir na vniaõ da Real Coroa Portuguesa, à Castelhana. Refereo o senhor Infante Dom Antonio, em hũa carta, que de França escreueo ao Papa, Gregorio Decimo tercio. Argumento efficaz de seu animo varonil, procedido de seu real sangue.

Casou esta senhora, com o Duque Dõ Aluaro seu primo, que assi o deixou por sua vltima vontade o Duque Dom Iorge, respeitando as prendas, & real sangue. Motiuo, que sempre fez felices os desposorios; como mal logrados, os que vne, & auincula o dinheiro, &



Banco de España. Biblioteca

interesse. Não quis o Emperador Tyberio, que Liuia Princesa do real sangue, casasse com Seyano, por não diuidir a casa dos Cesares, senão que fosse, com Principe parente.

Este dictame prudente ministra a prouida natureza. Assi o conhecerão os Emperadores Romanos, que nunca casarão seus filhos & irmãas, com Reys estrangeiros, se não com Principes parentes & naturaes. Tiberio, casou a seu filho Druso, com Liuia irmãa de Germanico. Marco Aurelio, a Lucilla sua filha, com Pompeano. Septimio Seuero, desposou a duas, hũa com Probo, outra com Ecio, senhores Romanos. Assi os mais, como escreue Tacito, nos Annaes, & Mexia, na vida dos Emperadores. Multiplicar a Real descendencia dentro de casa, impede que a Coroa Real se desnaturalise. Nunca Castella dominara o Imperio Portugues, se a Emperatriz Dona Isabel, não sahira do Reyno.

Assi o Duque Dõ Iorge, tão discreto, quanto valeroso. Foi o Duque Dom Aluaro singular Principe, na religião, na prudencia, no juizo, & na grandeza, affauel, facil, com sobe-

rania,

Banco de España. Biblioteca

rania, zeloso do bem do Reyno, estudioso, & sobre tudo amigo da paz, & retiro, & cuidadoso dos augmentos de sua casa, & estado. E cõferindo, senhor, estes dous Principes, Auò, & Bisauò de V. Excellencia, pareceme, que se lhe pode, com grãde fundamento applicar, o que o Poeta Portugues, por outros dous, deixou escrito, pera estymulo de hũ valeroso, se pouco felice netto.

*Em vòs se vem da Olimpica morada,*
*Dos dous Auòs, as almas ca famosas:*
*Hũa, na paz angelica dourada:*
*Outra, pellas batalhas sanguinosas.*
*Em vos esperão, verse renouada*
*Sua memoria, & obras valerosas.*

Deixarão estes Principes tão dilatada, & gloriosa descendencia, que realçou a Nobreza; illustrou as Religioẽs, & authorizou os postos mayores do Reyno, assi no secular, como no Ecclesiastico. Herdeiro vniuersal de sua grandeza, foi o Excellentissimo Principe Dom Iorge, illustre progenitor de V. Excellencia,



Banco de España. Biblioteca

que em nada degenerou de ſeus auòs, eſmaltando ſuas reaes virtudes, com prudencia, liberalidade, & caualaria. E ſobre tudo (parece q̃ preuenindo o tempo) ſoube honrar tanto ſeus filhos, que os deixou com noua aliãça, em terceiro grào, ſobrinhos de S. Mageſt. que Deos guarde; pondo, com eſta conſanguinidade, hũ *Non plus vltra*, em ſeu nobiliſſimo ſangue, tantas vezes real, & mageſtoſo.

Eſtes forão os mais illuſtres progenitores de V. Excellencia, eſtas ſuas regias condiçoẽs, & calidades, tocadas neſta abbreuiada copia. Herdeiro he V. Excellencia de todas, por natureza, & razão. Diſputa o eloquente Tacito, ſe pode (ao intento) hũ filho dar mais ao pay, do que recebeo? Reſolue affirmatiuamente, quãdo nelle ſe conhecem, & experimentão as excellencias paternas, repartidas por ſeus nobres, & generoſos auòs. E com eſta diſtinção o ſublima, & engrandece mais que todos. *Si ſingula paternorum meritorum magnitudinem, filij exuperare non poſſunt: plura in vnum congeſta ſuperabunt.* Motiuo grande, eſtymulo poderoſo, he a gloria dos pays pera os filhos

gene-

Banco de España. Biblioteca

generoſos, ſe igualarem com elles, diz Caſſiodoro, com verdade, & eloquencia, não ſofrẽdo, não ſerem na virtude ſemelhãtes àquelles, que de ſeu ſer, & producção forão authores. *Magnus verecundiæ ſtymulus laus parentum; dum illis, non patimur eſſe impares, quos gaudemus auctores.*

Nobre emulaçaõ, & enueja ſanta, he que os filhos eſtudem, & ſe appliquem à generoſa cõpetencia, com as virtudes, & grandezas de ſeus pays. Muitas (por naõ dizer infinitas) tem V. Excellencia nelles que immittar, & muitas cõ que os exceder, pois todas vemos cifradas em V. Excellencia, & pello natural copiadas de todas as mayores, em que elles foraõ meſtres excellentes, & perfeitos. Argumento que fazia Tacito, & com que ſe perſuadia, que hũ grande Principe, com taes progenitores, tinha liçaõ viua, & cõtinua de caſa, pera ſer conſumado, em todas as boas partes, & condiçoẽs; que em certo modo, os faz immortaes, & perpetuos. *Satis amplis doctoribus inſtructus, maioribus tuis.*

Bem ſe verificaõ em V. Excellencia eſtes altos, & certos documentos, em quẽ aquelles

que

Banco de España. Biblioteca

que o trataõ, conhecem hũa grande Christandade, charidade do proximo; piedade, com os pobres; largueza, com os necessitados, reuerencia aos Sacerdotes Ministros de Deos, verdade, sem engano, lisura discreta, bondade nobre, liberalidade grande, inclinaçaõ ao bem, valor estremado, propensaõ à guerra, & aos nobres exercicios, que dispoem pera ella; da espada, da lança, & da geneta; prudencia conhecida, juizo delicado, & applicaçaõ às letras, às lingoas, & artes liberaes, taõ necessarias a hum Principe, & que tanto o sublimaõ, & engrandecem, que enganado Horacio, com a falsa Deidade, que a gentilidade attribuia a Iupiter, dando a este o primeiro lugar, no segundo assenta, & predicamenta hũ Principe sabio. *Ad summam sapiens minor est Ioue.* Leuado desta pensamẽto Xenofonte, dezia discretamente. *Non illos Reges, & Principes, qui sceptra ferũt; sed qui regere sciant.*

Em culto & veneraçaõ de tantas grandezas me julgo obrigado render humilde este tenue obsequio a V. Excellencia; & se pello limitado, naõ merece ser estimado, & valido, respeite V. Excellencia sua materia, que he grande, & a

vonta-

Banco de España. Biblioteca

vontade de quem o dedica, & presenta; q̃ estes saõ os mais finos quilates, q̃ sobem & leuãtão o seruiço, & a dadiua a mayor valia, & preço; como ensina o grãde Padre Santo Ambrosio, nos seus illustres Cõmẽtarios, sobre a carta aos de Corintho. *Non solum quaritur quãtum, sed de quanto: & à quãto animo detur.* Condene V. Excell. meu limitado talento, & não o affecto, & o animo cõ que o situo, q̃ este tẽ seu lugar, & merito. Assi o sentia o Sãto & discreto Bernardo, quando offereceo ao Papa Eugenio III. hũ breue, & resumido tratado. *Malumus nostrũ culpari ingeniolum, quàm voluntatẽ.* E no prefacio lhe diz, que lhe dedica & consagra o q̃ pode, mas naõ o q̃ deue. *Offerimus libẽter, quod possumus, nõ quod debemus.* E pera mayor abono proprio, permita V. Excell. que esta minha confissaõ, se repita em outra lingoa differente, peraque se cõmunique a mais a noticia de suas grandezas.

*Hæc ò Lysiadum Princeps clarissime, Regum*
*Reliquiæ, tanto nomine fulta volant.*
*Pignora sola damus, nã soluerere debitor vnquã*
*Vix potero, &c.*

Empare

Banco de España. Biblioteca

Empare vossa Excellencia, com sua grandeza, estes escritos, & seu Autor; que agradecido, sempre rogará à Diuina Magestade, prospere a Vossa Exçellençia por largos annos.

*Capellão de V. Excellencia.*

Frey Manoel Homem.

Banco de España. Biblioteca

TAmbem (Beneuelo Leitor) os ameaçados comem paõ, & nẽ sempre se lograõ os intentos da vingança. Hũa vez se empenhou o Emperador Carlos V. tanto contra Francisco Rey de França, que, com indignaçaõ grande, prometeo, que lhe hauia de tomar o Reyno. Soubeo o Frances, & disse. *Não prometta Carlos, o que não pode comprir; que pera tirar hum homem morto de sua casa, as vezes não bastão dous; quanto mais hum viuo, com a espada na mão, defendendo sua vida, a molher, filhos, fazenda, & a liberdade.*

Se o inimigo nos buscar, lembremonos, que he obrigaçaõ da alma, & da honra defender os penhores referidos. Costumado estâ vir a Portugal com as maõs nas barbas, mas voltar com ellas na cabeça. Nesta Memoria se mostra por onde nos sogeitaraõ, que foi falta de vniaõ nos animos, & nas vontades. Conheçamos, que os lanços de clemencia, que com os Cathalaẽs vsaraõ, saõ tiros fraudulentos, que nos fazem, & preuia disposiçaõ de seus enganos. E se no infausto Anno, de 1580. taõ cruelmente nos trataraõ, sem termos sombra de culpa (antes obrigaçaõ precisa de sustentar nosso direito, & liberdade) hoje, que nos publicaõ traydores rebellados (mas dizem mal) que mortes? que violen-



Banco de España. Biblioteca

cias? que destruições? que tyrannias naõ exutaraõ nos Portugueses? Abrir os olhos importa, & a vniaõ de todos, que com ella se conseruaõ os Imperios, & sem ella, tudo perece, & arruina, diz a Verdade Eterna. *Omne Regnum in se diuisum desolabitur, &c.*

O zelo, & natural affecto da conseruaçaõ de nossa liberdade, nos obrigaraõ fazermos nestes escritos, presente o cuidado, com que este inimigo nos buscou da outra vez; & o nosso grande descuido, com q̃ nos deixamos achar, sem nos armar, & defender. E se entaõ a ambiçaõ & cobiça de hũa herança mal entendida, o fez vir contra Portugal, taõ apostado; hoje, que o arguem, & acriminaõ (mas falsamente) com especie de treiçaõ, & esbulho; quem pode duuidar, que lãce maõ das armas, com mayor indignaçaõ & furia? O escudo, & o reparo della, he toda a necessaria fortificaçaõ, assi na terra, como no mar. Esta segunda, que nos falta, deue effectiuamente obrar a lembrança das Armadas continuas deste Reyno, as quaes a este fim numeramos. Esperando, que possa mais, com nosco a necessidade, & aperto, pera as refazer: do q̃ pode com os nossos Portugueses antigos a conueniencia, & opiniaõ, pera as conseruar. Aduirtimos o conueniente, & necessario, peraq̃ se obre: & se no arbitrar ouuer erro, esperamos, que o faça venial, o fiel animo, cõ que escreuemos.

Vale.

Banco de España. Biblioteca

# INTRODUCCIAM APOLOGETICA
## *sobre o Argumento deste Liuro.*

NAõ nos passa por alto, que muitos repararaõ em hũ Religioso escreuer materias de guerra, taõ alheas de sua profissaõ, o que parece cõdena o prouerbio vulgar, & sabido, q̃ diz. O que naõ exprimentares, naõ cudes que o sabes. Celebrada he a sentença de Plataõ, que diz. *Indolio, figularem artem discere.* A qual postoque tem varias explicaçoẽs & sentidos, a que nos serue ao intento he o de Dicæarelio. *Vnumquemque artificem, in suis negotijs exerceri oportere.* Cada hum trate do seu officio.

Refere Athęneo, que quis disputar hum carpenteiro, sobre a arte de tanger, com Estratonico, excellente tangedor de cythara, & viola. Este vendo sua insciencia, & ignorancia, lhe disse discretamente. Amigo, naõ vez, que falas fora do teu martello? *Non sentis, inquit, te vltra malleum loqui?* Com razaõ o notaua de nescio; porque professando a carpentaria somente, queria falar, & dar seu voto em materia de musica, & de viola. Vltimamente parece, que nos condena o nosso mayor Poeta, quando diz.

*De Phormiõ Philosopho elegante,*
*Vereis como Anibal escarnecia,*
*Quando das Artes Bellicas diante*
*delle; com larga vos trataua, & lia.*



Banco de España. Biblioteca

Naõ he logo conueniente; que quem por vida he frade, seja soldado por pena.

*Respondese às objecções.*

REspondendo a estas objecçoẽs, dizemos a primeira, que se deue muito considerar a ocasiaõ, & o tempo em que escreuemos, q̃ he de guera, & mais guerra; quando o inimigo nos pode inquietar, com intento de nos render, sogeitar, & destruir. E se neste acidente, he licito, & forçoso, que os Sacerdotes, & os Religiosos, lancem mão das armas, que he mais; porque naõ serà licito, & conueniente tomar a pena, que he menos?

*Hum Sacerdote vem brandindo a espada,*
*Contra Arronches, que toma por vingança*
*De Leiria; que dantes foi tomada;*
*Por quem por Mafamede enresta a lança*
*He Theotonio Prior, &c.*

Religioso, & Sacerdote santo, foi Theotonio, Prior do Real Conuento de Santa Cruz de Coimbro. Muitos inimigos matou na tomada de Arronches, Torres nouas, & outros lugares. Em taes tempos, melhor parece nas mãos sagradas à espada, que o liuro de deuaçaõ; porque naõ só na necessidade extrema, mas ainda na que for graue, por defensaõ da patria, naõ sò podem, mas deuem os Sacerdotes

pelejar

Banco de España. Biblioteca

pelejar na guerra defensiua, licitamente, sem peccado, & sem dispensaçaõ do Summo Pontifice.

Assi o ensinaõ os Doutores, & particularmente os Discipulos de Santo Thomas, *na 22. questão 40. artigo 2. O Cardeal Cayetano, neste lugar. Syluestre, na palaura Bellum 3. num 3. O Mestre Bañes, dubio 3. conclusione 1.* & os mais cõmũmente. São Rosendo Portugues, Bispo de Dume, Mondonhedo, & Compostella, presidindo em Portugal, na puericia del Rey D. Ramiro III. gouernou as armas na grãde inuasaõ dos Normandos, pelejando contra elles, sendo Santo, & depois Canonizado, por Celestino III. O santo Varaõ Matheus, Bispo de Lisboa, na tomada de Alcacere do Sal, no anno de 1217. Refereo *Faria, par. 3. cap. 4. & par. 2. cap. 8.*

Os santos Padres, & Doutores da Igreja sendo Sacerdotes, & sem professarem a Milicia, em mil partes falaõ, & escreuem della; & com tanta miudeza, & particularidade, que o Padre S. Ieronymo, nomea todas as armas de hum soldado, armãdoo, & vestindoo com ellas; como se ve, *no tomo 6. sobre o Propheta Amòs, cap. 1.* Mostra suas faltas & defeitos, cap. 3. singularizãdo as màs cõdiçoẽs, de muitos; instruindoos nas boas, que os fazem fortes & valentes. Na carta, que escreue à Pamachio, faz hũa lista de todos os nomes, & officios militares, como lemos, no tomo 1. E na carta a Exuperancio, trata mais deste particular,



Banco de España. Biblioteca

cular, & em outros muitos.

Assi os sanctissimos Varoẽs Bispos, & Frades, S. Agostinho, S. Gregorio, Sãto Thomas, no seu liuro, *de Regimine Principum*, & em outros lugares. Cõ mais extençaõ o P.S. Bernardo, escreuẽdo hũa carta, que contem treze Capitulos sobre a guerra, à petiçaõ de Hugo, Grão Mestre dos Templarios, incitãdoos, & exhortandoos a ella, ao valor, animo, & esforço. E no prologo desta carta, diz estas palauras, que referimos, por serẽ abonaçaõ grande do nosso assumpto, & saõ as seguintes que se achaõ, *no 1. tomo, Ad Milites Templi. fol.* 191. *no prologo.*

Assi escreue o santo, Religioso, & Sacerdote. *Petisti à me, Hugo charissime, vt tibi, tuisq; comilitonibus scriberem exhortationis sermonem. Et aduersus hostilem tyrannidem; quia lanceam non liceret, stylum vibrarem. Asserens vobis, non parum fore adiutorij; si quos armis non possum, literis animarem.*

Em nosso vulgar quer dizer. Pedisteſme (Hugo charissimo) que a vos, & a vossos cõpanheiros soldados, escreuesse hũa carta, que seruisse de exhortaçaõ & animo, pera cõ valor sofrerdes os impetos, & inuasoẽs dos tyrannos inimigos, que vos cercaõ, cõ quem tẽdes guerra viua, & continua. E postoque eu naõ posso acõpanharuos cõ a lança, pera os ferir; justo parece, que vos anime, & esforce, cõ as razoẽs, & com a pena: affirmandouos, que se as armas podem

muito

Banco de España. Biblioteca

muito; os discursos (que persuadem valor) naõ pedẽ pouco. Assi escreue o Santo, animando aos Religiosos Templarios, discorrendo nos casos militares, cõ tanta propriedade, como se fora soldado, como cada hum delles.

Orosio Bispo Espanhol, escreueo tambem da guerra. Assi S Paulino, Bispo de Nola, em tempo de Theodosio Emperador. Refereo Gennadio, no Catalogo dos Varoẽs illustres, que escreueraõ differentes liuros, & tratados, como vemos no 1. tomo de S. Ieronymo. Os Philosophos, & Authores gentios, & profanos, professores das humanas letras, tambem escreueraõ, com grande erudiçaõ da Milicia, entendendoa, sem a praticarem, como foraõ os seguintes.

*Aristotiles, no 4. liuro da Politica, & no 4. liuro dos Problemas. Plinio, no liuro 7. da natural historia. Herodoto liuro 4. Xenofonte, liuro 6. Platão, no liuro da Republica. Polybio, liuro 3. & 9. Vanucio, liuro vltimo. Apiano, na historia de Africa. Polieno, liuro 3. dos Estratagemas. Plutarcho, na vida de Galba.* Dos modernos, *Pedro Vitorio, nos liuros de varia lição, fol. 129. c. 136. Pedro Crinito, liuro 9. Da honesta disciplina, c. 2. Vuechero, no liuro dos Secretos, fol. 364. Polibio Caualcante, o Cardeal Polo. Brancacio Ferreti, Patricio, Tortalla, & outros, q̃ allega, & cita Christoual Suares. Figueroa, na Plaça vniuersal das sciẽcias, & artes, discurso 80.*

Cõsta do que deixamos escrito, que os Doutores sagrados, & Mestres santos, Religiosos, & Sacerdotes



Banco de España. Biblioteca

tes, escreueraõ, cõ grande erudiçaõ da Arte militar, que naõ exercitaraõ. O mesmo obraraõ os maiores Philosophos. Assi tantos homẽs doutos, & scientes, nas humanidades. Assi, os Authores modernos Catholicos, que naõ professaraõ a Milicia. Mal se pode logo notar, que hum Religioso escreua della.

Nem obsta: que a profissaõ differente, impede comprehender as Artes com propriedade; porque o estudo, applicaçaõ, & o entendimento, dotou Deos cõ tal excellẽcia, que naõ sendo grosseiro, pode alcançar, cõ a especulação; o que outros cõprehendẽ, cõ o exercicio, & cõ a practica. A esta, naõ negamos hũ saber extensiuo: mas tambem a hũ bom discurso, naõ se pode negar o intensiuo, proprio, & formal. Assi o confessa o Poeta.

*Que postoque em scientes muito cabe;*
*Mais em particular o experto sabe.*

Comprouado taõ largamente, & cõ tanta euidẽcia o nosso intẽto, não queremos passar em silencio hũa grande cõtradição, que os que se prezão de politicos (& saõ mais rigurosos os que menos sabem) fazem aos Religiosos, quãdo os ouuem praticar em materias de Estado, & em outras differentes, & diuersas. E logo dizem: Quem mete ao Padre falar no q̃ não sabe? E tal vez, desataõ cõ outros disparates.

A estes, que rigurosamente nos censurão, achais algũas vezes, disputando sobre os Mysterios mais al-

tos

tos, & segredos mais sublimes da sagrada Theologia, & da concordia do liure Aluidrio, cõ a efficacia da Graça; & sobre a infallibilidade da Predestinação eterna; & sobre outros põtos, & difficuldades, q̃ dão muito q̃ fazer aos Theologos, pera os entender, ainda cõ grande estudo, & applicação; porque excedem a natural virtude do juizo humano.

Pareceme, que com razão se pode dizer a hũ destes. Amigo, quem vos fez Theologo, se nunca estudastes? E se me condenais a mim, por falar na vossa Politica; como não quereis, que vos note, de falardes na minha Theologia? Sendo que esta scieneia, he a mais leuãtada, & sublime que todas, & a vossa Politica, & Arte Militar, he hũ sciuel, & hũa Arte muito inferior & practica; & tendes della tão pouca noticia, que nem diffinilla sabeis.

Muitos tempos ha, que o Mundo anda as auessas; porque vos marcão pella capa: *Los hombres queremos ver; que los paños son de lana.* Muitas vezes se vè, & exprimenta, que nesta materia saõ mais rigurosos censuradores, aquelles que menos alcansaõ, como poderamos cõprouar cõ muitos successos, sò dous queremos referir. Hum destes muito presumido de Ministro, foi ha poucos annos a bordo de hũ famoso Galeão, que era a Capitanea Real da Armada, & entrando no Conuès, pergũtou aos presentes assi. Por onde vão aqui pera a poupa? Mostrouselhe o caminho,

Banco de España. Biblioteca

nho, que não he taõ embaraçado & confuſo, como os bequos de Alfama.

Quaſi pellos meſmos annos, diſparandoſe hũa peça de groſſa Artilharia da poupa de hũa nao da India, quando lançaua ferro neſte rio, arrebentou, & leuou parte da varanda, matando hũa eſcraua, & ferindo muita gente. Diſputouſe, qual ſeria a cauſa de arrebentar, & reſolueoſe, que fora o cartuxo, & que não podia ſer outra. Diſſe, muito eſpantado, certa peſſoa graue. Não ſe pode ſenhores ſoffrer frades, que em tudo ſe querẽ meter, ſem experiencia, & tudo danão, como eſte frade Cartuxo, que fez arrebentar a bombarda. Os circunſtantes feſtejarão o dito, ou zõbarão da necedade. Não ſabia eſte meſtre, que ſe chama cartuxo a carga de poluora das peças de artilharia, que ſe mete nellas em hũa manga, ou ſaquitel de pano coſido, ou em pergaminho; & ſe eſte eſtà de muito tempo na bombarda, ganha muita ferrugem, & arrebenta. Eſte tal cartuxo de poluora, fazia frade de São Bruno eſte fidalgo.

Os que ſe achão com eſtas noticias, & com eſta ſciencia, como ſingem eſpada, & forão hũa vez às fronteiras, logo ſe dão por doutores graduados na faculdade, ou Arte da Milicia, & de preſumidos eſtranhão & notão, que os Religioſos dem nella ſeu parecer & voto; ſendo que eſte ſe permitte, ou pellos q ouuiſtes,

Banco de España. Biblioteca

ouuiſtes, ou pello que leſtes. A guerra viua, veſe ou na campanha, ou no liuro, eſcrita & debuxada. Nunca logo, poderà com razão notarſe, que hum Religioſo vote, & diga ſeu parecer nas materias da Milicia: porque ſe eſta lição inſina os ſoldados, valendoſe dos exemplos eſcritos, pera diſpòr a guerra melhor; porque não aprenderá della o Religioſo, o que baſte pera falar a propoſito? Sem fundamento nos condenão logo.

O que podemos affirmar he, que ha entre os Religioſos ſogeitos muito capazes, & que alguns dos antigos Reys de Portugal, pello entenderem aſſim, os tinhaõ em ſeus Cõſelhos, como na Chronica da Ordẽ dos Pregadores, affirma o Padre Fr. Luis de Souſa. O entendimento he Dom de Deos, & naõ dos pays. Eſte he hũ fino diamante, pulido, & laurado, com o eſtudar, & com o ſaber, cõ o exercicio, & com a experiencia.

Bem pode logo, o q̃ naõ for bruto, & material, falar nas materias, & eſcreuelas: porq̃ ſe as naõ experimentou, entendeas, penetràs, & cõprehendeas. Aſſi ſe vereficou, no illuſtriſſimo ſenhor Biſpo, Dõ Fernão Martim Maſcarenhas, Inquiſidor Geral, que Deos tem, cujo voto nas materias da Milicia, era o mais aceertado & prudente, pello teſtimunho dos aſſiſtentes, ſendo por vida Sacerdote, & Biſpo ſagrado, & por ſaculdade Theologo.

Con-

Banco de España. Biblioteca

Concluimós este discurso com hũa justificada descarga, & euidente disculpa, que o sentencioso Petrarcha dà àquelles, que escreuem sobre assumptos & objectos diuersos de seu instituto, & occupaçaõ. *Si posteris profuturus, nihil satius: si tibi nomen quæsiturus, nihil vanius.* Assi moraliza, *no Dialogo* 44. *do* 1. *liuro de Remedijs.* Se escreueis pera vtilidade, & bem dos outros, naõ ha emprego melhor; se pera ganhar nome & fama, naõ ha cousa mais vãa.

Esta Memoria fazemos pera bem de todos, que he nossa defenção & conseruação: & com este fim saimos a publico, aonde cada hum censure como quizer. Escreuemos pera lembrar, & pera aduertir, & não pera presumir, & pera insinar. Quem intentar contradição, justifique a censura, cõ escritos publicos, & não com argumentos vocaes, feitos nas encrusilhadas: diz *o Padre São Ieronymo, no* 2. *tomo, Ad Domnionem*, como se vè nestas palauras. *Scriptis ostẽdat obtrectator quid possit: non est grande, in triuijs, quem vis obstrepere.*

*Aduertencias a quem ler.*

Por inaduertencia se duplicou na estampa deste liuro o numero do cap. 23. mas não o assumpto. Deuese mais aduirtir, q̃ postoq̃ os cap 19 ate 21. por razão da materia pertẽcião, & se deuião colocar antes do cap. 26. comtudo, por razão da contextura, & do discurso, tambẽ se podẽ predicamentar, no lugar em que os pos, & lançou a impressaõ.

Banco de España. Biblioteca

# MEMORIA DA DISPOSIC. AM DAS ARMAS CASTEllhanas, que injuſtamẽte inuadirão o Reyno de Portugal, no anno de 1580.

## CAPITVLO I.

### *Do argumento deſte Tratado.*

SEmpre em materias & contingencias ſemelhantes, forão muito efficaſes, & poderoſos os exemplares, & ſucceſſos, & particularmẽte nas occaſioẽs, & conflictos da guerra; & por eſte reſpeito vemos, & lemos nos liuros & memorias antigas & modernas, valeremſe os grandes Capitaẽs das meſmas traças, & exemplos, com que ſe conſiguirão grandes, & famoſas victorias. Muitos caſos ſe podèrão repetir; màs porque ſaõ mui ſabidos, nos abſtemos de os recontar. Sò hum ſe referirà, que por ſer proprio & de caſa, fica ſendo mais



Banco de España. Biblioteca

persuasiuo, & concludente. Certificão as nossas Chronicas, que estando o nosso poderoso, & glorioso Rey Dom Affonso Henriques nos memoraueis cãpos de Ourique, turbado, mas não medroso, de com a pequena, mas forte multidão dos Portuguezes (não forão mais que quinze mil, contra hum milhão, & mais de infieis; como referem todos os Authores, a quem segue Sousa, no Epitome das historias Portuguesas, p. 3. cap. 2.) poder alcançar triunfo, & milagroso vencimento, posse em oração, pedindo a Deos ajuda de sua poderosa, & vencedora mão. Abrio a Sagrada Escritura pera buscar algum exemplar & semelhante, de que colhesse documentos, pera aquella mais perigosa batalha campal. Por ordem do Ceo (como em felice, & prospero pronostico) top. u com o liuro dos Iuizes, & no cap. 6. & 7. achou a gloriosa victoria de Gedeão, que sò com tresentos soldados, destruio & derrotou hũa tão grande multidão de Madianitas, que diz o diuino Texto, que igualaua em numero as areas do mar; comparação hyperbolica, significatiua da immensidade infinita dos inimigos.

Achou neste bellico recontro grandes documentos & exemplares, meyos, & preparaçoẽs pera a mais famosa, & illustre victoria, que o mundo vio. Estes repetiremos, pera cõfirmação do assumpto.

Banco de España. Biblioteca

pto. A gênte aliſtada por Gedeão, erão trinta & dous mil homens. Antes, lhe mandou Deos, que de noite deſtruiſſe os Altares profanos, & ſacrilegos do falſo Idolo Baal, a quem aquelles cegos Gentios attribuião deidade, & offerecião religioſo culto, sò deuido ao verdadeiro Deos. Significauão eſtes altares, & idolatras adoraçoẽs os peccados, que he neceſſario primeiro deſtruillos, & abraſallos aquelles, que quiſerem ſair com as palmas vencedoras, mediante a confiſſaõ verdadeira, & feruerosa, & deuota comunhão. Diſſe mais Deos a Gedeão, que deſpediſſe do exercito aquelles, que eſtiueſſem temeroſos: porque queria, que o vencimento, não ſe attribuiſſe a tanto poder humano, ſe não sòmente ao diuino. Com eſta licença, ſe retirarão a ſuas caſas vinte & dous mil homens, que ſempre a confraria do medo teue muitos confrades: ficarão dez mil alentados, & animoſos.

Com eſtes marchou Gedeão, & chegando a hum rio encalmados, & ſequioſos, lhe aduirtio Deos, que deſpediſſe os ſoldados, que bebeſſem lançados de bruços, & que ſe ficaſſe com aquelles, que tomaſſem a agoa com a mão. Obſeruou o General o diuino mandado, & com grande aduertencia alcançou, que de todo o corpo da gente, noue mil & ſetecentos ſe debruçarão a beber; & os treſentos erguidos, matarão a cede cõ a mão. Ficouſe



Banco de España. Biblioteca

Gedeão com os tresentos; mandalhe Deos, que de noite acõmetta a Madião. Ordena que todos leuem fogo, & alampadas acesas, metidas em panellas tapadas & cubertas. Reparte os tresentos em tres batalhoẽs, & todos com suas trombetas, aduirtindoos, que tanto, que elles ouuissem tocar a sua, quebrassem as panellas, & ficassem com as luzes nas mãos esquerdas, & as trombetas nas direitas, & as tocassem fortemente, & inuestissem o campo inimigo por tres partes. Executarãose as ordens, derão nos Madianitas no quarto da madorra, que he o da meya noite; & destruindoos quasi todos (forão os mortos sem numero) appellidarão victoria, & cõ ella se ficarão. Não vencem sempre os mais, muitas vezes vencem os menos, se vão armados com Deos, com a razão, & com a justificada causa, qual he a nossa por tantos titulos contra Castella. Nas representaçoẽs & copia desta batalha, meditaua o Santo Rey Dom Affonso Henriques, aprendendo dellas experiencias certas pera os casos, & accidentes da guerra; & concebendo de Deos grandes cõfianças pera atropellar, & render os inimigos de seu santissimo Nome.

Pede a razão, & ensina a prudencia, persuade o bom juizo preuençoẽs, pera o que pode acontecer em dano de hum Reyno, & de hũa Monarchia: & por esta causa, he symbolo do Principe cuidado-

so,

Banco de España. Biblioteca

ſo, & vigilante o Delfim enroſcado, & enuoltó em hũa anchora. Alciato nolo offerece, no Emblema 143. & com muita propriedade, porque eſte peixe, por natural inſtincto, anteué, & conhece as tormentas, tempeſtades, & alteraçoẽs do mar; como affirma Plinio, no liuro 18. & moralizando Alciato o ſeu Emblema, diz, que he hum perfeito retrato, & dechado de hum Rey, que com todas as forças, & applicação ſe emprega, & procura impedir, & obuiar todos os accidentes, & acontecimentos, que podem turbar o Reyno, & offender ſeus vaſſallos. *Sic debet ſtudere Princeps ne Reſpublica turbetur.*

Eſte eſtudo he preciſamente neceſſario neſte tempo, em que o inimigo Caſtelhano, deſcanſando em Catalunha, pode voltar ſuas armas a inquietar, & cançar a Portugal; & concluſaõ he prouauel, ſe não certa, que na inuaſaõ delle, ſigua os meſmos dictames, & eleja os meſmos meyos, de que outra vez ſe aproueitou, com que conſiguio o imperio Portugues, impondonos hũa dura ſeruidão, bem merecida pellos peccados de Portugal, que forão: injuſtiça, cobiça, ſoberba, odios, inimizades, & diuiſoẽs. Diſpòs a conquiſta (como elles falſamente chamão, & dizem) deſte Reyno na forma, que logo diremos, pera que ella entendida, ſeja a noſſa preuenção a que conuẽ, & a que melhor o pode rechaçar de noſſas fronteiras; das quais ha de querer



Banco de España. Biblioteca

a Diuina Clemẽcia, fuja, & se retire derrotado, corrido, & confuso, como Camoẽs, em tempo de outro Rey Dom Ioão, nos declara em seus versos, liu. 4. octaua 44.

*As costas dão, & as vidas: já fallece*
*O furor, & sobejão as lançadas.*
*Iá de Castella Rey desbarratado*
*Se vè, & de seu proposito mudado.*

E na octaua seguinte, mostra as causas de sua grande pena, & dor.

*Encobrem no profundo peito a dor:*
*Da morte, & da fazenda despendida;*
*Da magoa, da deshonra, & triste nojo,*
*De ver outrem triunfar de seu despojo.*

Poucos saõ os Portugueses. Muitos saõ os Castelhanos: mas com esta differença; que elles, saõ vassallos, & nos filhos; & sempre estes pella defensaõ do Rey, & da patria, apertarão melhor a espada na mão, como antigamente disse a Rainha de Castella a ElRey D. Fernando o Catholico seu marido.



Banco de España. Biblioteca

# CAP. II.

## *Da ordem, & disposição das armas Castelhanas.*

AO Conde de Lemos se ordenou, què por Galliza entrasse em Portugal, com o seu exercito, acommettendo os lugares do Minho, que he a raya, que diuide Portugal de Castella; & que entrasse com toda a sua gente, & cõ os vassallos do Bispo de Tuy, Dõ Garcia Sarmiento, Dom Fernando de Monte Negro, Dona Theresa de Soto Mayor, & outros particulares; & que procurasse tomar hũa Ilha, que està na boca do rio Minho, aonde ha hum conuento de Frades Capuchos, pera assim ganhar a boca delle, que he nauegauel algũas legoas.

Ao Conde de Monte Rey, se encarregou toda a terra, que corre do Minho, atê a raya do Reyno de Leão, pera que elle com a sua gente, & a do Marques de Viana, Vassallos do Bispo de Orense, & do Mosteiro de Cella noua, & o da Ordem de São Ioão: Aluaro Doca, Dom Ioão Sarmiento & outros, acometessem as fronteiras visinhas de Portugal.

Ao Conde de Benauente se encõmendou, que



Banco de España. Biblioteca

com toda a gente de ſuas terras,& das delRey,que confinão com Portugal; inueſtiſſe por aquella parte,que confinaua com o ſeu diſtricto.

Ao Conde de Alua de Liſte, ſe mandou, que com os ſeus vaſſallos, & dos Marqueſes de Alcaniſes, Tauora, & a gente de Camora, & Toro, apertaſſe as terras de Portugal, por aquelle lugar, que lhe tocaua.

Ao Marques de Cerraluo, ſe deu inſtrucção, peraque com os ſeus vaſſallos, & os do Duque de Albuquerque, do Conde de Ledeſma, os do Duque de Alua, & com a gente de Ciudad Rodrigo inueſtiſſe Portugal.

Ao Duque de Albuquerque, ſe deu ordem, que com as gentes das villas de Caceres, Coria, las Broças, Alcantara, & Valença, offendeſſe hũa parte da Eſtremadura.

Ao Duque de Feria, ſe deu cuidado, que com as gentes das cidades de Placencia, Trugillo, Badajòs & Merida, infeſtaſſe & rendeſſe a outra parte da Eſtremadura.

Ao Duque de Medina Sidonia, ſe pós obrigaçaõ, que com a gente do ſeu Condado de Niebla, & com os Marqueſes de Ayamonte, & Gibraleon, & as gentes de Siuilha, ſogeitaſſe o Reyno do Algarue.

Antes deſtas ordens militares, pera que os Capitães

Banco de España. Biblioteca

pitaẽs Generaes podeſſem melhor executar ſeus intentos, & guardarſe mais pontualmente a forma da guerra, ſe mandarão eſpias a Portugal, pera que reconheceſſem a terra, ſuas entradas, & ſuas forças. Aſſim ſe ordenou por ElRey de Caſtella, que o Commendador Franciſco de Valencia, com toda a diſſimulação entraſſe neſte Reyno, reconhecendoo do Algarue, até Lisboa. A Dom Alonſo de Vargas, que deſde Xeres de Badajoz foſſe vendo, & conſiderando toda aquella parte de Portugal. A Pedro Bermudes de Santìs, ſe mandou entraſſe pella parte fronteira a Galliſa, & a Caſtel-Rodrigo. Ao Engenheiro Iuan Baptiſta Antoneli ſe mandou, foſſe reconhecendo a terra, deſde Badajoz atè Lisboa, & que conſideraſſe a diſpoſiçaõ della, & como podia ſer combatida, & que de Lisboa paſſaſſe ao Caſtello de Almada, reconhecendoo, com as torres de Bellem, S. Giaõ, & Caſcais.

Era taõ pouca a preuençaõ dos Portugueſes, & taõ pouco o cuidado, & vigilancia de ſua defenſaõ, que entraraõ em Portugal eſtes Caſtelhanos ( & medindoo a palmos, ſe tornaraõ a Caſtella, com todas as noticias baſtantes, pera a ſua empreſa) ſem auer neſte Reyno, quem cuidaſſe, no como ſe podiaõ impedir eſtas eſpias. Sempre perdemos por confiados, ainda com o inimigo

migo à porta, ſem que haja quem corte pello ſono, & ſe deſuelle pera o que tanto importa: E pera que nos afrontemos de noſſo deſcuido, relataremos hum ſucceſſo particular neſta materia.

Eſtando ElRey de Caſtella em Badajoz com hum tão poderoſo exercito, que paſſaua de quarenta mil homens: & começando elles a entrar em Portugal, deſtruindo quanto achauão; o Capitão do Caſtello de hũa villa, pouco diſtante de Eluas, tendo noua, que o inimigo ſe acercaua, vigiou com os ſeus ſoldados atè a meya noite. Deuſe por ſeguro, & quieto com eſta diligencia, & recolheuſe a dormir, & os ſeus ſoldados dizendo, que os Caſtelhanos, não coſtumauão caminhar de noite. Cõ eſta reſolução mandou diſparar duas peças de artelharia (perſuadido, que com o eſtrondo ſe diuertiria o inimigo) & ſe foi deſcançar, & o meſmo fizerão os demais. De madrugada vierão os Caſtelhanos (que caminharão de noite) gouernados por Sancho de Auila; arrimarão hũa eſcada ao Caſtello, & por ella ſubirão ſem ſerem ſentidos: porque os de dentro, dormião deſcanſados, & como gente, que não tinha que temer, & nem hũa centinella acharão que vigiaſſe. Quem vio nunca tal deſcuido? Forão ao apoſento do Capitão, & arrombandolhe a porta, acordou alimpando, & esfregando os olhos (deuia de hauer ceado peixe, & bebido muita agoa)

agoa). E vendoosperguntoulhes, cõ muita fleima, por onde entrarão? Respondeřãolhe, que não faltou lugar, em tẽpo de tanto dormir, & descuido. Queira Deos, que neste Capitão se acabassem todos os nossos descuidos, que se assim for, teremos as praças seguras. Quatorze annos nos tem dado o Ceo de repouso. Acordar, acordar, & não haja mais dormir; porque a quem dorme, dormelhe a fazenda.

Não dormio ElRey de Castella, antes tanto se desuellaua sobre acõmeter este Reyno, que se não deu por contente de tanta preuenção, & de armar contra os Portugueses os oito exercitos, que deixamos mostrado (parece que naquelles tempos tudo apoucaua o valor de Portugal:) mas ainda se empenhou tanto, que formou outro exercito, que passaua de quarenta mil homens, todos gente escolhida, & soldados velhos, gouernados por Dom Fernando Aluares de Toledo, Duque de Alua, com titulo de Capitão General, com os melhores Capitaẽs, que então hauia em Espanha. Com este grande poder entrou por Eluas, no fim do mes de Iunho de 1580.

A todo este poder mandou ElRey Phelippe aggregar outro igual de mar, pondo nelle hũa grande armada, que constaua, & se compunha de mais de quarenta galeoẽs, & nauios grandes, & fortes, a

fora.

Banco de España. Biblioteca

fora outros muitos de guerra de menos força, com grande quantidade de barcos, & barcaças, & gastadores, com muitas muniçoẽs, & petrechos, pera fazer pontes, & o mais que fosse necessario. Vinhaõ mais neste exercito naual, todas as galles de Castella, as de Napoles, & as de Sicilia, & todas ellas, & os mais baixeis prouidos de gente de guerra, & de muita, & boa artilharia, & mosquetaria. Affirmaõ as memorias daquella era lamentauel, que trazia esta armada, mais de quinze mil homens O numero das Galles, passaua de settenta, a fora sessenta chalupas.

Nunca os Castelhanos quiseraõ dizer o numero de toda a gente, com que inuadiraõ este Reyno, falto de gente pella perda de Africa, de dinheiro, de forças, de nauios, & de todo o necessario pera a defensaõ; & sobre isto estar comprado, & vendido pellos mesmos Portugueses, como diz Sousa, no Epitome das historias Portuguesas, par. 3. cap. 18. por estas palauras. *Don Christoual por lo menos assi lo entendio, pues teniendo en su mano muchas firmas en blanco de Philippe, para dar a cada vno aquello en que se concertassen: dig.lo assi, que venta, y compra era.* Mas com tudo feitas as contas pello grosso, & confuso; eraõ quasi cem mil os combatentes. Assim o persuade hũa armada taõ grande, que passaua de cento, & cincoenta vellas, o grande exercito, que passou por

Eluas,

Banco de España. Biblioteca

Eluas, & as muitas gentes; que leuauaõ oito Generais repartidos por toda a raya do Reyno.

## CAP. III.

### *Da preuenção dos Portugueses, & disposição de suas armas.*

A Preparaçaõ que os Portugueses naquella occasiaõ fizeraõ, foi taõ pouca, que podemos affirmar, que foi nenhũa: porque nas fronteiras do Reyno se naõ puseraõ gouernadores da guerra; as praças se naõ fortificaraõ, nem se leuantaraõ terços pera resistir ao inimigo. Seria a causa naõ hauer Principe Portugues, que fosse cabeça de todos, a quem os mais obedecessem, como na verdade naõ houue. E atè nesta Corte de Lisboa se tratou taõ pouco da preuençaõ necessaria, que o mais a que auançou a diligencia de Dom Ioão de Meneses, foi ajuntar trezentos cauallos, & pouco mais de tres mil infantes; os mais se retiraraõ a suas casas, huns por medo, outros por seus respeitos, & conuenieucias.

Particularmente se vio o descuido na fortificaçaõ de Cascais, praça de tanta importancia, pois podendo com muita facilidade impedir o passo ao inimi-

Banco de España. Biblioteca

inimigo, pera que naõ desembarcasse (como os Castelhanos confessaraõ) o naõ fizeraõ, como se vio,& exprimentou,estando os Portugueses senhores da praya, com bem grande magoa de Dõ Diogo de Meneses, que gouernaua a Villa. Desembarcou o inimigo, & nos entrou por casa o açoute de Deos,que assi o ordenou por nossos peccados. Pouco, ou nada se trattou da conseruaçaõ da fortaleza de Saõ Giaõ, lugar taõ bem disposto, & forte,que estando bem prouido dos petrechos necessarios, pode destruir todas as armadas do mundo: mas ha de ser tendo muitos, & bons soldados; que se elles forem os que se vião ha poucos tempos, com facilidade se ganharà a força;porque estauaõ todos taõ esfomeados, fracos, magros, & macilentos, que mais parecião doentes da enfermaria dos ethicos incuraueis, que gente de guerra,& de peleja.

O em que se faltou,& hoje se falta(pera sua segurança, & pera ser inexpugnauel o sitio) he fazer hũ reducto forte, & bem artilhado,sobre hum padrasto, & emminencia,que a terra faz à torre da parte de Oeiras, em distancia de setecentos passos da fortaleza; porque delle se aproueitàraõ, & valéraõ os Castelhanos, plantandolhe vinte & quatro peças, em que entrauaõ noue canhoẽs, & colobrinas, com que bateraõ o baluarte da maõ esquerda, que cae sobre o mar, & fizerão muito effeito na fortaleza.

Banco de España. Biblioteca

leza. E estando nella por Gouernador Tristão Vaz da Veiga, com quinhentos soldados; & vendo o padrasto, que ella tem (de que so pode ser offendida, pella parte da terra) trataraõ taõ pouco de o occupar com algũa força, & de reparar o parapeito, & cortinas do baluarte da maõ esquerda, da parte da terra, que à vista do inimigo, & já com elle em casa, fizeraõ grandes estacadas, & trincheiras, & reuestiraõ o mesmo baluarte, com sacas de terra; preuençaõ, que fora de muita importancia, se os Portugueses tratarão della com tempo. Tudo guardamos pera o dia, nada obramos nas vesperas. Nestas estamos jà, acudase por amor de Deos a occupar o padrasto com força, que importe, & aproueite; ou arrazesse de todo, que sera facil, & menos custoso, & ficaremos sem cuidado, de o poder ganhar o inimigo pera nosso dano.

Ganhada a fortaleza de Saõ Giaõ, se veo chegando o inimigo, & junto â ponte de Alcantara, alojou o exercito, a vinte & quatro de Agosto, occupando os lugares da Iunqueira, & Santo Amaro, atè o lugar das casas do Doutor Paulo de Carualho. Nelle se pòs o Duque de Alua, ao outro dia pella manhãa, q̃ foraõ vinte & cinco, pera ver a briga, como vio, que se fez na ditta ponte do rio. Da outra parte antes da ponte (na emminencia fronteira que faz a terra, que corre de Nossa Senhora dos

Praze-

Banco de España. Biblioteca

Prazeres) se aproueitaraõ os Portugueses, & nella, formaraõ seus esquadroẽs, que constauaõ sò de gente do pouo, & essa fraca, & desarmada; de sorte que eraõ quasi quatro mil homens. Aqui estauaõ intrincheirados, com duas ordens de trincheiras, hũas distantes das outras, ficando entre duas cercas de fortificaçaõ, & reparo.

Assim estauaõ acompanhados de algũas peças de artilharia, com que faziaõ muito dano ao inimigo, & sempre com o rostro nelle. Nesta forma, estauaõ dispostos & ordenados. Mas naõ se preueniraõ de guardar as ilhargas, vendo que o inimigo, tinha as saidas liures, pera os poder inuestir. Mas Sancho de Auila, vendo o descuido nosso, & que tinha a estrada desempedida, pera acommetter os Portugueses, caminhou pello rio assima, com mil & quinhentos cauallos, & dous mil arcabuseiros; & passando pellos moinhos, que ficaõ assima da orta Nauia, auançou à outra banda, & dando nos nossos (que estauão com o rostro pera o exercito Castelhano, de quem eraõ acommettidos) teue o Auila lugar, pera nos entrar. & descompor: o que naõ fora, se tiueramos cuidado de guardar os lados: que postoque ficauaõ com as costas pera a Cidade, donde estauaõ seguros, com tudo os lados da maõ direita da parte do rio, estauaõ abertos, sem segurança, nem guarda.

Todo

Banco de España. Biblioteca

Todo este immenso poder Castelhano fora de pouco, ou nenhum effeito, se os Portugueses tiueraõ Principe que os gouernasse; porque hum, que sem direito se quiz introduzir neste Reyno, vendo a nossa gente derrotada, se retirou com algũa de cauallo, & se foi a toda a pressa à cidade do Porto, aonde se embarcou pera Inglaterra. Acçaõ foi esta grandemente demonstratiua de naõ ser elle o legitimo successor desta real Coroa; porque o santo Euangelho nos certifica, que esta differença ha entre o verdadeiro pastor, & o mercenario jornaleiro, que este, vendo que o lobo carniceiro arremete às ouelhas, logo foge & as desampara, & deixa: mas o legitimo pastor, defendeas, socorreas, & tal vez dá o sangue & a vida por ellas. Naõ o fez assim este Principe, naõ era elle logo o verdadeiro pastor, & o direito Rey de Portugal. Foise, deixou o Reyno entregue aos dentes do lobo, que o tratou como quiz.

Naõ foi parte a sua ida, pera que os Portugueses deixassem de mostrar o fino de seu esforço, & valor; porque estando senhores da ponte de Alcantara, engoliraõ terços inteiros dos inimigos, sendo bem poucos os que pelejauaõ: porque Prospero Colona, com o seu terço de Italianos da Toscana, & Napoles, todos soldados velhos, & valentes, cerrou com os Portugueses, & elles carregaraõ com



Banco de España. Biblioteca

tanta força, & valor sobre os Italianos, que os fizeraõ em pedaços, degolando quasi todos; retirandose os pouços que ficaraõ com vida afrontosamente. Acudio Luis Douàra com outro terço de Alemaẽs (que sem falta desmayraõ à vista da agoa) que lhe deu o Conde Hieronymo de Lodron, & da mesma sorte todos foraõ degollados pellas espadas Portuguesas.

Vendo Prospero Colona tanto estrago, foi correndo ao Duque de Alua (que estaua no sitio das jâ referidas casas do Doutor Paulo de Carualho) dizendolhe com grandes vozes estas palauras, tiradas do Autor Castelhano, de quem colhemos algũas verdades: *Señor, mande V. Excelencia luego socorrer aquella gente, que la degollan toda los Portuguezes.* Elle lhe respõdeo: *Bien està.* Gloriosa victoria podera alcançar a gente Portuguesa aquelle dia, se tiueraõ cuidado de guardar as ilhargas; porque dando nellas Sancho de Auila, & o graõ Prior de Castella Dom Fernando de Toledo, filho do Duque de Alua, com os mil & quinhentos cauallos repetidos, & dous mil arcabuseiros, obrigaraõ a se retirarem os nossos; postoque vencedores, & triumfantes. Refereo Baeia, na 3. par. da historia Pontifical, cap. 52. ol. 255. col. 1.

CAP. IV.

# CAP. IV.

## *Da fortificação maritima dos Portugueses, rendida pella cobiça, mal mais perjudicial, & da necessidade de conselheiros scientes, & Capitaẽs de experiencia.*

MAis cuidaraõ os Portugueses na defensaõ do rio, do que se empregaraõ na da terra: porque a dispuseraõ gentilmente; & foi desta sorte. Tomaraõ muitos nauios, & os puseraõ em hũa bem ordenada fileira, juntos, & vnidos o mais que podia ser, por hũa & outra banda da torre de São Vicente de Bellem, ficando ella no meyo deste naual esquadraõ, cerrado, & fechado com taõ gentil ordem, que de hũa ponte da terra à outra, se naõ via outra cousa mais que aquella fachada de nauios, todos com as proas ao mar. A torre jugaua tres ordens de artelharia, & o mesmo os nauios pellas proas, postas as peças sobre andares, & varandas de madeira. Diante de toda a maquina guerreira estaua, como capitaõ do nautico exer-



Banco de España. Biblioteca

cito, o famoso, & taõ celebrado galeaõ Botta fogo, chamado Saõ Ioão, com outros menores; assim ordenados, pera derrotarem, & destruirem a armada Castelhana.

Estaua tudo disposto & composto com taõ boa disposiçaõ & forma, que diz o mesmo autor estas palauras, que pomos em Castelhano, por ser testimunho de hum inimigo, & por isso reputado em direito por mais legal, & conuincente, & saõ estas, que refere Herrera, no liuro 3. fol. 118. na segunda pagina, *Teniendolo todo con tan buena orden, que en ninguna cosa parecieron los Portugueses mas hombres de guerra, que en aquello.* Esta machina & apparato naual, taõ forte & excellente, se rendeo em breue tempo, naõ à força do inimigo, mas à cobiça dos Capitaẽs dos nauios, que corrompidos com promessas de merces, & despachos (a troco de ficarem em suas casas liures & ricos) quiseraõ fazer catiua & pobre a patria em que naceraõ: o que parece pronosticou Camoẽs, dizendo na Octaua 38.

*Dizeilhe, que tambem dos Portugueses,*
*Alguns tredores houue algũas vezes.*

Nestes

Neſtes fez emprego a cobiça Caſtelhana; eſtas foraõ as armas de proua, & mais finas com que nos conquiſtaraõ. Naõ nos rendeo a ſua eſpada; porque as noſſas coſtumadas eſtaõ a embotar o fio das ſuas. Sobre promeſſas, & cartas de merces edificaraõ ſuas eſperanças, & conſiguiraõ ſeus injuſtos intentos. Eſta porta por onde nos entraraõ, ſe pode com facilidade fechar tendo os ſoldados pagos, & contentes, deſpachando ſeus ſeruiços, premiando os que merecem; porque com facilidade deixa o ſeruo o amo que o maltrata por outro, que lhe promette melhoras. Saõ os ſoldados toda a ſubſtancia, fortaleza, & ſegurança das Monarchias, & hoje muito mais importante, que as letras; & ſe eſtas ſe reſpeitaõ tanto, nas armas porque naõ ſerà o meſmo? He o deſcontentamento o primeiro degrao pera a infidelidade, & treiçaõ. O reparo he trazer a gente da guerra ſatisfeita. Maxima he eſta, tanto verdadeira & certa, quanto antiga, & prudente. Entre os conſelhos que daua ao ſeu Rey hum grande Capitaõ, era eſte.

*Que pague bien los ſoldados,*
*Pues le defienden ſus Reynos;*
*Que fie en piernas quebradas,*
*Mas que en ſanos conſejeros.*



Banco de España. Biblioteca

Ouue dous Capitaẽs em Flandes; & os ſoldados da companhia de hum delles, ſempre andauão em brigas, & pendencias, & por qualquer leue ocaſiaõ, logo vinhaõ à eſpada, & tudo eraõ feridas, cutiladas, & mortes. Os da outra eraõ a meſma quietaçaõ, ſem nunca ferirem, nem acutilarem alguem. O Capitaõ deſtes, recolhia em ſi as pagas (como muitos oje fazem) & os pobres pereciaõ de fome, & andauaõ caindo de debilitados, & fracos. O outro, trazia bem pagos os ſeus, & andauão fortes, & alentados, porque comiaõ, & tinhaõ que comer. Succedeo, que os dous Capitaẽs praticando, condenaua, o que furtaua as pagas, o pouco brio, & valor dos ſeus, que ſofriaõ muitas couſas, & que calauaõ, contra os pundonores da guerra. O outro, que ſabia a cauſa, que era morrerem de fome, lhe reſpondeo: *Hermano, ſingula, hay ſeptimo, mas no hay quinto.* Diſſe diſcretamente: porque ſoldado faminto, ſe tem manhas pera a vnha, naõ tem valor pera as maõs. Se a hum deſtes ſe promettem duas pagas adiantadas, jà ſe paſſa ao inimigo.

Podem muito as promeſſas com os que tem pouco; & pode ſer que mais, com os que lograõ muito; porque à medida do poſſuir crece o deſejar, & o appetecer. O tyrano tributo do peito cobiçoſo, & vil! como diſſe o Poeta, no liuro 1. Faſtorum.

Cre-

Banco de España. Biblioteca

*Creuerunt & opes, & opum furiosa libidó,*
*Et cum posideant plurima, plura petunt.*

Boecio, metro 5. liuro 2. diz discretamente, que abrasa a cobiça o coroçaõ do cobiçoso, & que he peor o fogo da cobiça, que o do monte Æthna.

*Sed sauior ignibus, Æthna.*
*Feruens amor ardet habendi.*

Acudir aos soldados he necessario, & tellos contentes, fauorecellos, & honrallos. Ponha o Principe os olhos nelles, que sò este fauor he bastante, pera resistirẽ animosos ao mesmo Inferno, quãto mais a outros homens. Assim o sente Camoẽs, oct. 148.

*Sò com saber que saõ de vos olhados,*
*Demonios infernais negros, & ardentes*
*Cõmetterão com vosco; & não duuido,*
*Que vencedor vos fação, não vencido.*

Com a gente de guerra bem tratada, paga, & satisfeita, & bons mestres de larga experiencia, naõ ha que temer inimigos. Naõ basta o valor dos soldados pera vencer, mas he muito necessario, que nos Capitaẽs haja as maiores noticias da guerra, assim



Banco de España. Biblioteca

pera a boa disposiçaõ do que se emprende, como pera os acertos do que se consulta, & determina. Diz o nosso Poeta Portugues, que em tudo falou taõ propriamente, na octaua 152. & por isso o repetimos tantas vezes.

*Tomai conselho sò de exprimentados,*
*Que virão largos annos, largos meses;*
*Que posto que em scientes muito cabe,*
*Mais em particular o experto sabe.*

## CAP. V.

### *Dilatase a materia precedente, & refere se hum caso politico, & discreto.*

QVe bem se certifica esta certa, & infalliuel verdade, com os varios casos, & sucessos do mundo, & particularmente com os do Emperador Carlos Quinto, que mereceo a ventura de ser seruido pellos melhores Capitaẽs de seu tempo. Sobre o cerco, que Francisco Rey de França, pòs à cidade de Pauia, no estado de Milaõ, se tomou conselho, & porfiando o VisoRey de Napoles, Carlos de La Noy, que se partisse o exercito em dous troços, pera que hum inuestisse ao Fran-

ces

Banco de España. Biblioteca

ces pella parte do rio Tesino, & o outro o acõmettesse pellas costas, entrando pello Parcho de Mirabel, em que estaua alojado; & que assim necessitauaõ ao inimigo, tomandoo no meyo.

Parecendo o designio bem aos mais, só ao famoso Marquez de Pescara pareceo mal, & o contradisse, & reprouou com fortes & concludentes discursos militares, & fez preualecer a sua acertada resoluçaõ, que foi, que o exercito se naõ diuidisse mas que todo vnido, & junto acõmetesse os Franceses pella retaguarda, rompendo pera esse effeito os muros do Parco, ao som dos tambores; porque com o seu estrondo, naõ ouuiria o campo inimigo as pancadas que se dessem pera derrubar a cerca. E que principio era natural, que a virtude vnida he mais forte, & poderosa, que diuidida, & separada em partes; que pera diuertir, & enganar o contrario, que bastaua lhe fizessem rostro: mas pera o acommetter, & render, eraõ necessarias as forças de todos vnidas, & juntas. Seguiose o voto do Marquez, fundado na grande, & continua experiencia, que tinha nas materias da guerra, vencendo com poucos annos de vida (que naõ foraõ mais que trinta) treze batalhas campaes, pella direcçaõ de sua experiencia, & prudencia. Refereo Illescas, liuro 6. da 2. par. da Historia Pontifical, & outros.

Com tudo, naõ se pode negar, que hum bom

juizo

Banco de España. Biblioteca

juizo muito alcança, & comprehende; & que lendo liuros, & obſeruando os caſos, & ſucceſſos, ſaia hum ſpeculatiuo ſciente pera fallar na guerra doutiua: mas naõ ficará ſoldado exprimentado, & pratico, porque lhe falta a praxis do bellico exercicio: &

*A diſciplina militar preſtante,*
*Não ſe aprende, ſenhor, na fantaſia,*
*Sonhando, imaginando, ou eſtudando;*
*Se não vendo, tratando, & pelejando.*

Como diz o Poeta, octaua 33. Sejão os officiaes de guerra ſoldados expertos, & lograremos nella bõs ſucceſſos. Que bem conheceo eſte particular o grande Alexandre, que naõ daua a geneta a ſoldado, que naõ tiueſſe ſeſſenta annos. Refereo Curſio, no ſeu liuro 2. Vſauaõ naquelles tempos de barbas compridas, & guedelhas curtas: & diz o meſmo Autor, que ver o exercito de Alexandre formado, com os Capitaẽs velhos diante, que parecia hum grauiſſimo Senado; & que mais terror punhaõ nos inimigos aquellas veneraueis cãas, que ſuas proprias armas. E com muita razão, & fundamento; porque as armas, ſaõ inſtrumentos ſem alma, & a madura idade, he hũa virtude, & experiencia viua.

Fizeraõ Capitaõ nos tempos paſſados a hum fidalgo

Banco de España. Biblioteca

dalgo moço de poucos annos, & de nenhũa experiencia; foi a prouisaõ muito censurada, & perguntando hum cortesaõ a outro, com que sciencia hauia aquelle Capitaõ de gouernar a sua gente? Elle lhe respondeo, que com o Dom. Seus licitos empregos tem o verdor da fidalguia: mas pera os postos da guerra, annos & mais annos, com hũa experiencia conhecida, & grande. Com mais de quinhentos mil combatentes, infestou o Turco Solimão o Reyno de Vngria, imperando Carlos Quinto; que pera resistir ao inimigo, formou hũ exercito de cento, & vinte mil homens soldados velhos, & que hauiaõ tido officios na milicia, despedindo muita gente bisonha. E sabendo Solimão a qualidade da que ficaua, & que era criada na guerra, foi taõ grande o temor que concebeo, que logo leuantou o campo, & se retirou vergonhosamente, com perda de mais de cem mil homens. E dizendolhe o Baixa Abrahimo valido seu, que acõmettesse os Imperiais, pois tinha poder taõ grande, que era infalliuel a victoria. O Grão Turco lhe respondeo: Fazei vos com o Emperador, que tome os meus muitos soldados, & que me dè os seus poucos, que logo o acommetterei. Com razaõ temeo este barbaro à vista de gente taõ experimentada, & guerreira.

He tudo a experiencia, & necessaria em qualquer materia; & muito mais nos conflictos da guerra;

Banco de España. Biblioteca

ra; & por isso mais conuem nella para Capitaõ ũ Ioão Fernandez, assinalado de estocadas, & cutiladas recebidas nos recontros, que hum mancebinho muito aparado, & cheiroso, sem mais noticia, & sciencia, que pera fazer duas chaças no jogo da pella. Naõ queremos deixar de repetir hum galante successo a este intento. Partia hum Senhor pera Euora a beijar a maõ a Sua Magestade, porque hia por Embaxador extraordinario pera França. Antes que fosse, o visitou hum fidalgo muito honrado, & lhe pedio fosse seruido dar hũa carta a Sua Magestade, authorizandoa com sua pessoa. O Embaxador se encarregou da diligencia, & lhe perguntou, se era possiuel ter noticia da materia della, pera fazer melhor effeito? O fidalgo lhe respondeo, que vinha aberta, pera que sua Excellẽcia a visse, & ficasse inteirado do assumpto.

Abriose logo, & tinha este titulo: (Forma & disposiçaõ das armas pera a defensaõ de nossas fronteiras). E logo tratando de cada Prouincia por menor, dispunha hũas cousas bem, & outras mal. Replicoulhe o Embaxador à algũs pontos, que padecião contradiçaõ, satisfez o fidalgo como pode, mas naõ como a difficuldade pedia. Tornou o Embaxador a lhe perguntar, se militàra algum tempo, & em que partes? Respondeolhe, que nunca fora soldado, nem vira guerra algũa; mas que em idade

de

Banco de España. Biblioteca

de mimino, & moça, continuara muito o jogo das pedradas em Nossa Senhora da Graça, & que dali lhe ficàra grande propensaõ à milicia; & que pello habito que tinha juraua, que via homens em lugares & postos grandes de guerra, que naõ sò nunca a trataraõ, mas nem ainda quando moços, hauiaõ jugado as pedradas. Celebrouse a reposta cõ grande festa & applauso, & com ella prouou mui bem seu intento, & nos sentimos taõ grandes descuidos em materia taõ necessaria, & importante.

## CAP. VI.

### *Continùa o discurso precedente, & ponderase hum accidente muito particular.*

AXioma he philosophico, & certo; & assim o dicta a razaõ, & a prudencia, que quem quer o fim, quer os meyos, que a elle se encaminhaõ, & ordenaõ. O que todos os verdadeiros Portuguesses deuemos querer he, desbaratar & vencer os Castelhanos nossos mortais inimigos, em caso que nos venhaõ a inquietar, & acometer. Esta victoria se ha de alcançar, com exercitos de soldados, que saõ os que pelejaõ & arriscaõ suas vid s

pella

pella defensaõ natural da patria. Importa logo muito tratallos bem, & trazelos satisfeitos; este ha de ser o mayor cuidado do Principe: este o seu principal emprego. Naõ faltou neste ElRey de Castella; porque na ocasiaõ em que se armou contra este Reyno, fez grandissimas merces aos officiaes da guerra, & aos soldados deu muitas pagas adiantadas, & por isso leuantou tanta gente, quanta trouxe a Portugal. Esta preparaçaõ militar foi ordenando, & dispondo, tanto que El Rey Dom Henrique começou a gouernar, que foi em vinte & oito de Agosto, de mil & quinhentos & sessenta & oito saindo esse dia das casas dos Excellentissimos senhores Duques de Bragança a tomar o juramento na Igreja do Hospital Real.

E he muito pera reparar sair este Rey daquelles Paços a reynar, em tempo, que a huns trabalhos se seguiraõ outros; porque passado o da perda de Africa (ou pera melhor dizer, estandose actualmẽte chorando) tomou este Rey posse, & logo se lhe siguio hũa taõ terribel peste, que consumio quasi o Reyno todo. Parece que foi pronostico de que viria tempo, em que daquella Real casa sahiria outro Rey a descansar, & liurar da dura sogeiçaõ os Portugueses, hauendo saido della outro, que deu causa à perda de sua liberdade; porque effeito he da diuina Omnipotencia, & de sua infinita piedade, don-

de

Banco de España. Biblioteca

de ſahio a morte, nacer a vida, como a Santa Igreja diz: *Vt vnde mors oriebatur, inde vita reſurgeret.* Foi ElRey Dom Henrique a morte, & fim dos Reys Portugueſes, que naceraõ em hum Henrique, & acabaraõ em outro. He ElRey Dom Ioão o IV. a vida, & reſurreiçaõ dos Principes de Portugal, & de noſſa antigua liberdade. Saya pois da Caſa de Bragança hum Rey, que foi noſſa morte; porque della hauia de vir outro Principe, que he a noſſa vida, & glorioſo libertador de noſſo catiueiro.

Gouernou ElRey Dom Henrique hum anno, ſinco meſes, & ſinco dias, & morreo o vltimo de Ianeiro (dia em q̃ nacco) de 1580. Logo ElRey de Caſtella começou a procurar o Reyno, & conhecendo variedade, em ElRey Dom Henrique, com todo o cuidado tratou de leuantar exercitos contra Portugal, motiuo baſtante, conforme as leys, pera ficar priuado do direito a eſte Reyno, quando elle algum tiuera. Pera eſte effeito ordenou ao Marquez de Mondejar, ViſoRey de Napoles, a Marco Antonio Colona, ViſoRey de Sicilia, & ao Marquez de Ayamonte, Gouernador de Milaõ, que fizeſſem grande prouiſaõ de muniçoẽs, & petrechos de guerra, & que leuaſſem infantaria Italiana, & Alamãa, & que ſe apercebeſſe a mayor parte dos ſoldados Eſpanhoes, que militauaõ naquellas Prouincias, & hum exceſſiuo numero de gaſtadores;

Banco de España. Biblioteca

res; & todos se embarcaraõ nas gales de Napoles, & Sicilia.

Em Castella, mandou por Dom Gabriel Niño, & Dom Luis Henriques, leuantar terços de Infantaria, companhias de cauallos ligeiros, & de arcabuseiros de caualo, & das guardas, & dos Continos daquelle Reyno, que he graõ copia de gente de importancia, com os genetes de Granada. No mar se pos hũa armada taõ poderosa, como deixamos escrito, composta de tantas naçoẽs. Com todo este grandissimo apparato de guerra, formado de quasi cem mil homens, como jà temos referido, deziaõ os Castelhanos, que era pouco, & que fora imprudencia, & temeridade acõmetter hum Reyno taõ grande. Assim o escreue Herrera, no liuro 3. §. 52. Tambem ElRey de Castella admittia este receyo, naõ querendo sair de Badajoz, sem certeza, de que o Reyno estaua quieto, & reduzido a sua obediencia. E ainda quando lhe deraõ as nouas alguns fidalgos Castelhanos (que se adiantaraõ pera ganhar as aluiçaras) as naõ quiz crer, atê que chegou a Badajoz Dom Fernando de Toledo, irmaõ do Marquez de Velada, & sobrinho do Duque de Alua, que o mandou certificar a ElRey da sua chamada victoria, como affirma Herrera, liuro 3. §. 51.

Com grande fundamento duuidaua o Castelhano della; porque naquelle tempo, ou os Portuguesses

eraõ

eraõ outros, ou o medo do inimigo era grande. E assi o mostrou, quando pouco mais de seiscentos Portugueses animosos, chegaraõ à villa de Oeiras ao reconhecer, & apertaraõ tanto, com dous esquadroẽs de mosqueteiros, que se inquietou todo exercito Castelhano de sorte, que pareceo a muitos Capitaẽs, que a maior parte delle sahisse aos Portugueses, & o naõ fizeraõ por temor de perder a gente, & foi necessario retirarse Sancho de Auila (por naõ dizermos fugir) de seiscentos Portugueses, segurandolhe as costas hũ exercito de mais de quarenta mil homens.

Fraqueza grande he, jactaremse os Castelhanos de triumfantes deste Reyno, em tempo que naõ houue preuençaõ nelle pera a guerra; porque os Castellos & praças, todas estauaõ desarmadas, & sem gente, sem artelharia, nem mosquetes; tirando as torres de Lisboa, Setuual, & o Castello de Villa viçosa, em que hauia sessenta peças, entre grandes, & pequenas; & todas as fronteiras sem fortificaçaõ algũa. O numero da gente Portuguesa, que podia tomar armas, muito limitado, & pouco; porque em Africa, entre mortos & catiuos, tinhaõ ficado dezoito mil homens, & aos que cà ficaraõ consumio, quasi todos a cruel peste, como cõ verdade refere Herrera, no liuro 2. §. 24. Faltaua juntamente o dinheiro, neruo taõ principal pera a



Banco de España. Biblioteca

guerra (despendido a seu tempo); porque a excessiua despesa, que se fez com a jornada Africana, deixou o Reyno necessitado & pobre, & com o resgate dos catiuos, que foi hũa immensidade de ouro.

E neste miserauel estado, mais razaõ tem os inimigos de naõ blasonar de tal victoria; & nòs com ella, naõ perdemos o credito de mais valentes, & animosos; porque poucos Portugueses, pobres & doentes, impedirão por muitos dias o passo a tantos contrarios, saõs, ricos, & possantes. E assim podemos cõ muita verdade dizer, que pelejou Europa toda contra Portugal enfermo, & doente. E sobre tudo, tendo elles à porta hũ Rey muito poderoso, & prudente, a quem temiaõ, & respeitauaõ tanto, & este Reyno, sem Principe, sem Rey, sem Gouernador, & sem cabeça, a quem dessem obediencia, & vassallagem.

## CAP. VII.

### *Mostrase o valor Portugues, com illustres victorias dos Castelhanos.*

COm tantas, & taõ verdadeiras noticias deste infelice successo (permitido por Deos pera castigo

Banco de España. Biblioteca

castigo de nossos peccados, & naõ alcançado por valor contrario) colhemos esta conclusaõ certa. Que não temos hoje causa justificada, pera temer os Castelhanos, aindaque multipliquem mais, & mais forças; porque, a Deos graças, temos por nòs a justiça; temos Rey valeroso, & intrepido; temos gouernador; temos cabeça a quem nos sogeitarmos por amor, por direito, & por vontade; & temos por nòs a posse de sempre os atropellar, & vencer, como se comproua cõ a memoria seguinte, de certos, & verdadeiros exemplos, em que, em tempos varios & diuersos, se voltaraõ pera Castella desbaratados. & com as maõs na cabeça, vindo com ellas nas barbas, echando chispas, y centellas. E se nos naõ querem crèr à nòs, & a nossos auòs (que foraõ testimunhas de vista) pergũtemno a suas proprias terras, opprimidas pello valor Portugues, com insignes victorias, & triumphos, sendo nòs sempre poucos, & elles muitos.

Perguntemno a Lima, & Turon, no Reyno de Galiza, & a Badajoz, em tempo delRey D. Affonso Henriques, o q̃ celebra Camoẽs, no canto 4. oct. 26.

*Quando tantas bandeiras, tantas gentes*
*Puserão em fogida de maneira;*
*Que sette illustres Condes lhe trouxerão*
*Presos, a fora a presa, que tiuerão.*



Banco de España. Biblioteca

Foi esta famosa victoria, no anno, de 1181. na cidade de Tuy, em Galiza; reynando Don Sancho o primeiro, na era, de 1212.

A Ledesma, Simancas, Valledolid, & Salamanca, saqueadas, & quasi destruidas por ElRey Dom Dynis, em os annos de mil & duzentos & nouenta & oito.

Albuquerque, & Badajòz (segunda vez) Aracena, Arouche, Cortegana, Burgilhos, & Alconchel, rendidas pello valor delRey Dõ Affonso IV. em mil & trezentos & quarenta & tres.

A Aljubarrota memorauel, aos Atoleiros, termo da villa da Ponte do Sor, Siuilha, Coria, & a outros muitos lugares de Castella, imperando ElRey Dom Ioão primeiro de Boa memoria, gouernando as armas Portuguesas, & illustrandoas com seu valor inuenciuel, o Grande Condestable Dom Nuno Aluares Pereira, pellos annos do Senhor, de mil & trezentos & oitenta & dous, quando seis mil Portugueses venceraõ & desbarataraõ hum potente exercito, de trinta & oito mil Castelhanos, como os Chronistas affirmão.

A Camora, Baltanás, Cantalapiedra, Toro, Castronunho, que exprimentaraõ o forte braço delRey D. Affonso Quinto, & do Principe D. Ioão seu filho, & depois Rey glorioso, no auno de mil & quatrocentos, & sessenta & sete. As demais victorias

ctorias leão os curiosos em Manoel de Faria de Sousa, no seu elegante Epitome das historias Portuguesas, da terceira parte por diante, & nos outros Authores, que compuserão as Chronicas destes Reynos. Bastem estes illustres testimunhos pera proua legal, & irrefragauel da nossa conclusaõ. Não podemos os Portugueses hoje negar estas verdades, nem deixar de confessar, que somos nettos, & descendentes de nossos pays, & auós, que taes proesas obraraõ: logo herança he nossa o vencer estes inimigos; & obrigação precisa he, naõ degenerarmos de troncos, & progenitores taõ honrados. Estas formaes consequencias parece, que fazia o Illustrissimo Conde stable Dom Nuno Aluarez Pereira, como retrata nestas palauras Camoẽs octaua 15. liuro 4.

*Como, não sois vos ainda os descendentes*
*Daquelles, que debaixo da bandeira,*
*Do grande Henrique; feros, & valentes*
*Vencestes esta gente tão guerreira?*

E na octaua 17. confirma esta obrigação mais hõrada, & posse certa, dizendo:



Banco de España. Biblioteca

*Com quem forão contino ſopeados*
*Eſtes, de quem o eſtais agora vòs*
*Por Dynis, & ſeu filho ſublimados,*
*Se não com voſſos fortes paes, & auòs?*

Naõ ſe pode negar ſerem os Portugueſes hoje os meſmos, que ſempre foraõ: & naõ ha duuida, que eſtimulados com tantos exemplos referidos, & com a apertada obrigaçaõ, que agora lhes corre, de defenderem hum Rey dado por Deos, & ſua antiga liberdade, & em cõſeruaçaõ della, obrarão taes façanhas, & faraõ taes proezas, que em tudo ſe igualem a todas as paſſadas. E naõ ſe pode negar, que com a mudança de Principe, ſe mudaõ as condiçoẽs dos vaſſallos. Aſſim o certefica o Poeta, dizendo:

*Torneuos voſſas forças o Rey nouo,*
*Se he certo, que com o Rey ſe muda o pouo.*

Rey nòuo temos hoje por miſericordia Diuina, rezaõ he logo, que as forças, & brios antiguos, & a valentia de ſeus auòs tornem aos Portugueſes, como verdadeiros filhos & deſcendentes de taõ glorioſos progenitores, que com ſeus illuſtres feitos,

tanto

Banco de España. Biblioteca

tanto assombraraõ o mundo, & sublimaraõ a gloria do nome Portugues. E obrigaçaõ he dos filhos serem immitadores das excellentes emprezas de seus paes. Esta declara bem a Eterna verdade, no capitulo octauo de São Ioão, por estas palauras:

*Si filij Abrahæ estis, opera Abrahæ facite.*

Bastantes saõ os exemplos, que referimos, pera o nobre impulso que se intenta: com tudo pera mayor abonaçaõ do assumpto, naõ queremos passar em silencio hũ grandioso successo acontecido aos Portugueses com os Castelhanos, que dilatamos em o seguinte Capitulo.

## CAP. VIII.

### *De hum grande feito de valor, obrado por poucos Portugueses, contra muitos Castelhanos.*

GRandemente se comproua este intento com o testemunho do Cõde Pedro Nauarro Castelhano, que descontente da satisfaçaõ, que o Emperador Carlos Quinto deu a seus muitos ser-



Banco de España. Biblioteca

uiços, se passou à Corte de França, em tempo de Francisco Primeiro, pellos annos de 1520. que o estimou muito, & honrou por sua pessoa & valor; & nas guerras contra os Imperiaes o seruio, com grande pontualidade & aceitaçaõ. E praticando cõ elle algũas vezes ElRey de França, & mostrandose sentido, de que os Castelhanos preualecessem contra os Franceses, lhe disse, que naõ sabia a causa; porque sendo a gente Francesa taõ animosa, & exprimentada na guerra, naõ leuasse nos recontros a melhor dos Castelhanos, & que desejaua muito saber, que naçaõ ouuesse no mũdo, que tiuesse maõ contra elles.

O Conde lhe respondeo, que se elle trouxesse no seu exercito tres, ou quatro mil soldados Portugueses, lhe asseguraua, que sempre os Franceses seriaõ vencedores; por quanto hũa das naçoẽs mais bellicosas de Europa, eraõ os Portugueses, & que a estes só temiaõ, porque sempre lhes quebrauaõ a cabeça, & que falaua como exprimentado, & sentido de hum notauel successo, que com elles lhe acontecera, no porto de Cadiz, gouernando treze gales de Espanha, zombando de todos hum pequeno nauio Portugues, com pouca gente. E pera a Magestade Christianissima ter melhor noticia do succedido, lhe referio o grande valor de poucos Portugueses, contra hũa grande multidaõ de Castelhanos,

Banco de España. Biblioteca

ſtelhanos, ſoldados praticos & velhos, & paſſou o caſo deſta maneira.

Gouernando o ſenhor Rey Dom Ioão Terceiro, hauia na villa de Viana do Minho, muitos mancebos ocioſos & valentes, que reconheciaõ ſuperioridade em forças, animo, & ſangue, a hum Pero Gallego, moço de vinte & tres annos, muito pequeno de corpo, mas dobrado de membros, & muito valente homem. Os mais dos mancebos nobres daquelle lugar, continuauaõ em ſua caſa ordinariamente, & o ſeu ordinario exercicio era jugar a eſpada preta, lutar, & prouar forças, tributo nobre daquella idade.

Tinha Pero Gallego bom entendimento, & grande eſpirito. Hum dia, que acudiraõ muitos a aquella eſchola militar, lhes diſſe, q̃ naõ ſabia, qual foſſe a razaõ; porque moços taõ honrados & brioſos gaſtauaõ os annos taõ ocioſamente, ſem verem mundo, nem tratarem de algũa empreza, que lhes grangeaſſe honra, fama, & proueito; que ſeus pays erão de boa idade, & que podiaõ viuer largo tempos, & tèr mais filhos: pello que lhe parecia hum feito honrado, buſcarem hũa carauella, & bẽ prouida de muniçoẽs, & armas, fazerem hũa ſaida à ventura, & que era poſſiuel terem algum bom encontro, em que moſtraſſem ſeu animo & valor, com que fizeſſem ſeu nome conhecido, & celebre;

& que

& que pera as despezas da viagem, cada hum fosse ajuntando o que podesse, que elle entraria com duzentos mil reis, & que se animassem a fazer hum feito de nome & fama.

Entraraõse os amigos das razoẽs de Pero Gallego, & concebendo nouos brios, todos se resolueraõ à empreza, & se ajuramẽtaraõ de tèr segredo. Cada qual ajũtou o q̃ pode, do emprestado, do pedido, & furtado a seus paes, & entregue todo o dinheiro ao Gallego, elle com grande segredo, por maõ alhea, comprou hũa bastante carauella, com quatro peças de ferro, & a proueo muy bem de armas, de viueres, & das mais vitualhas necessarias. Hũa madrugada se embarcaraõ todos estes mancebos, que eraõ trinta, a fora os marinheiros, & com vento prospero dando à vella, se foraõ, sem os parentes o saberem, se naõ jà depois de partidos.

Engolfaraõse muito os nouos argonautas, leuando a proa nas Ilhas. A poucos dias de viagem lhes amanheceo hum, com taõ densa neuoa, & nebrina, que sem o entenderem, se acharaõ a bordo de hum nauio de Mouros, que pella negra lingoagem conheceraõ antes de serem vistos. Poseraõse logo os Portugueses em arma, que foraõ espadas & rodellas, & inuestindo aos Mouros, com notauel animo & ouzadia, entraraõ o nauio, & jugando muita cutillada com o inimigo, o renderão, & catiuaraõ,

Banco de España. Biblioteca

raõ, matando a muitos, & ferindo a todos.

Senhores da preza, acharaõse com hum fermoso baixel, que jugaua dezoito peças de artelharia, de que as mais eraõ de ferro, & as menos de bronze. Os Mouros eraõ trinta & sete, delles morreraõ treze, & dos Portugueses dous, & onze ficaraõ feridos. Postos a bom recado os catiuos, repartidos nas duas embarcaçoẽs, se fizeraõ na volta da terra, & arribando ao Algarue, venderaõ em Sagres os Mouros, & a carauella. Alguns mancebos nobres daquelle lugar, estimulados grandemente do brio dos Vianezes, se resolueraõ em os acompanhar, (pode muito o exemplo da virtude) aggregandoselhes quinze alentados & valentes. Estimaraõ todos a noua & forte companhia, & principalmente o Capitaõ, que era Pero Gallego, & fazendo bastimento de algũas cousas necessarias, por conta dos hospedes, tanto que tiueraõ bom tempo, embocaraõ o Estreito, & se foraõ a roubar ao mar de Leuante.

Neste, & em outras paragens daquelle clima, andaraõ mais de tres annos, sem tornarem a Viana, nem terem nouas de suas casas; porque o doce da prospera fortuna, os fazia esquecer de tudo. Fizeraõ grandes prezas, & de muita importancia em naos marchantes, carregadas de riquezas, que nauegauaõ pera Constantinopla, & outros portos.

Cheos

Banco de España. Biblioteca

Cheos de ouro, & fazenda, com que muitos deixaraõ ſeus filhos ricos, ſe voltaraõ a Viana : mas derrotandoos hũa grande, & continua tormenta, os diuertio do rumo que leuauão, & os deteue muitos dias. Tornaraõ com a bonança a continuar ſua viagem, mas com tanta falta de agoa, que os obrigou irem a Cadiz a fazella, & foi em occaſiaõ, que eſtauaõ naquelle porto as treze gales de Caſtella referidas, gouernadas pello Conde Pedro Nauarro.

Derãoos Portugueſes fundo no porto, ſem fazerem mençaõ algũa do que era obrigação, & cortezia da milicia, abatendo a bandeira, & fazer ſalua de artilheria à armada, que alli eſtaua. Mas ou foſſe arrogancia de poucos annos, ou pouca noticia das continencias militares (que he o mais certo) derão com ſeu deſcuido ocaſião aos Caſtelhanos, mandarem hum Capitão com alguns ſoldados no eſquife da gale Real, a reconhecer os nouos hoſpedes. Chegados à bordo do nauio, mandarão chamar ao Capitão, pera lhe dar hum recado que trazião do General das gales. Eſtaua Pero Gallego recolhido, tanto que o auizarão do que paſſaua, ſe embrulhou em hũ bernio, ou roupão, & chegãdo a bordo do nauio ouuio o recado, que cõtinha em ſubſtãcia, ſaber que gente era, & qual foſſe a razão, porque entrando nos portos de Eſpanha,

não

Banco de España. Biblioteca

naõ abatera a bandeira, nem fizera ſalua à Armada Real, que alli eſtaua? Reſpondeolhe o Gallego, que eraõ Portugueſes, que andauaõ deſtruindo os coſſarios, & ladroẽs, & que a bandeira das armas de Portugal, sò à Cruz de Chriſto ſe abatia. Ouuida eſta repoſta, ſe voltou o Capitaõ Caſtelhano, dizendo: *Son Portugueſes, y locos.* Bem quis o Gallego logo moſtrar ſizo em lhe reſponder por obra, mas o eſquife voou, & chegando à gale Capitania dando a repoſta que trazia, mandou o Conde Pedro Nauarro, que lhe atiraſſem hũa peça ſem pelouro, pera os obrigar à cortezia em que hauiaõ faltado. O Gallego foi melhor correſpondente, & liberal no comprimento; porque mandou diſparar duas peças com bala, & dando por differentes gales, naõ deu pouco que fazer aos Surgioẽs.

Viſto o procedimento, & dura corteſia de Pero Gallego pello General Caſtelhano, julgauo por homem deſatinado, & mandou, que toda a Armada leuaſſe ferro, & que foſsẽ caſtigar os Portugueſes, pello grande atreuimento que hauiaõ cõmettido contra hũa Armada Real. Tanto que Pero Gallego vio menear as gales, conheceo o intento, & refreſcando hum vento fauoraueſ, picou a amarra, por liurarſe do aperto do ſitio, & fazendoſe ao largo, lançou toda a artelharia fora, & ſe pòs a ſom de guerra.

As

Banco de España. Biblioteca

As gales o foraõ ſeguindo animoſamente, & adiantandoſe muito a Real(por ſua deſgraça) o Gallego lhe deu hũa valente carga de artelharia, com que lhe leuou o maſto,& velas,& matou muita gente;& hũa bala (que leuou quaſi hũa cruxia) deu pella popa, em que eſtaua o Conde Pedro Nauarro, & lhe ferio taõ grauemente hũa perna, que eſteue a perigo de morte. Vendoſe elle em tal eſtado, ſe recolheo em continente com toda a Armada ao porto, bem arrependido de querer prouar forças com os Portugueſes, & aſſombrado de taõ carregada corteſia, que na verdade a foi muito, mas juſto caſtigo da arrogancia Caſtelhana.

Pero Gallego ſe naõ lembrou mais de fazer agoada, & com a pouca que tinha, ſe voltaraõ todos a Viana, aonde foraõ recebidos, como conuinha, & com grandes demonſtraçoẽs feſtejados, porque todos os parentes os tinhaõ por mortos, ou perdidos.

Auizou o General ao Emperador do ſuccedido, encarecendolhe a grandeza do aggrauo. Eſte ſe repreſentou ao ſenhor Rey Dom Ioão o Terceiro, pello Embaixador do Imperio, & ſe lhe deu em ſatisfaçaõ,que ſe informaria do caſo, & que aquelles Vianeſes naõ andauaõ no mar por ordem ſua. Veo Pero Gallego chamado a Lisboa, & ſendo nella ouuido por ElRey,teue ſua reprençaõ em publico,

Banco de España. Biblioteca

blico, & em particular (dizem algũas memorias) que foi bem visto, & aualiado. Repetia muitas vezes este successo o Padre Mestre Fr. Ioão de Valladares, que Deos tem, varaõ insigne em virtude, & letras, & de muitos annos, da sagrada Ordem dos Pregadores.

Com grandissimo gosto ouuio ElRey Francisco o referido, & determinou seruirse na guerra de muitos Portugueses, & dizem, que com effeito os mandou pedir a Portugal: mas que se lhe naõ differio, pello apartado respeito de parentesco, que hauia entre o senhor Rey Dom Ioão o Terceiro, & o Emperador Carlos Quinto seu primo, & seu cunhado.

Bem comproua este successo, serem os Castelhanos a relè dos Portugueses, & a bigorna de seus malhos. O certo he, que se naõ pode negar, ser a preferencia de nosso valor & animo, mui conhecida a respeito dos Castelhanos, que por esta causa (& naõ outra, que a naõ ha) nos querem mal, & saõ nossos mortais inimigos. E entre elles ha muitos que confessaõ esta verdade, quando estão liures de paixaõ, como se verefica com testimunho d'este Missionario Castelhano, que no fim do mes de Nouembro de 1651. veo de Madrid a esta Corte, o qual disse a certa pessoa graue estas formaes palauras em abonaçaõ dos Portugueses.

No

Banco de España. Biblioteca

*No se puede negar, que la nacion es fuerte, y que para ganar vn palmo de tierra en Portugal, ha de costar rios de sangre.* Mas mayor testimunho foi o de Carlos, Octauo de França, contra quem fazendo liga todos os Principes de Europa, & tendo noticia della, respondeo a alguns Franceses, que a temiaõ: *Que não fazia caso della; porque tinha por companheiro, & amigo, a ElRey Dom Ioão Segundo de Portugal, & com assistencia de tal Principe, & gente tão valerosa, não sò me hei de defender de meus inimigos, mas ainda hei de triũphar do mũdo todo.* Assim o refere Carlos Cointe, de nação Frances, nas suas elegantes oraçoẽs, que fez nas amizades de Portugal com o Reyno de França, no anno de 1640.

## CAP. IX.

### *Descreuemse as calidades, & condiçoẽs de hum valeroso, & perfeito Capitão, por ocasião do caso referido.*

TOdos estes discursos nos estão promettendo as palmas vencedoras, á vista do valor, sempre felice, de Sua Magestade (que Deos guarde) em quem se naõ pode negar animo inuenciuel,

coraçaõ

Banco de España. Biblioteca

coraçaõ grande, & forças excessiuas. De cujo zelo se pode esperar, taõ acertada escolha & eleiçaõ de sugeito, que presida na milicia, com todas as condiçoẽs necessarias, que formaõ & constituem hum Capitaõ perfeito & cabal; que com mais propriedade possa ornar & compor o seu forte escudo, do, que aquelle, do famoso Fabio Maximo, sempre vencedor.

Trazia este por timbre em suas armas, hũa cabeça de cauallo, & nos peitos hum rostro de homem, com barba branca & venerauel, & os pès de hum Grou, & hũa cabeça de gallo. E postoque esta pintura pareça chimera, na verdade he hũa galante cifra, & prudente emblema, das boas partes, & nobres prendas de hum Capitaõ excellente.

Declaremos esta empreza. A cabeça de cauallo, significa o valor na guerra, colhece de Virgilio, no liuro 3. dizendo,

*Bello armantur equi, bellum hæc armenta minantur.*

O rostro de homem velho, denota a prudencia, que ha de têr o Capitaõ. Os pès de Grou, representaõ o cuidado, a vigilancia, & a prouidencia, com que se ha de dispòr pera todos os casos, & acontecimentos, que podem ocorrer, pera os preuenir como conuem. A cabeça de gallo, com suas plumas cau-



Banco de España. Biblioteca

daes, saõ figura da victoria & triumpho, (que desta esperança saõ symbolo as plumas, taõ vsadas dos soldados, & taõ pouco entendidas de muitos, que bizarreaõ com ellas); porque os vencedores com esta galla plumatica costumauaõ a celebrar suas victorias. Com estas calidades, se pode hũ Capitaõ prometter grandes triumphos de seus inimigos & contrarios Nestas se deuem empregar muito, os que professaõ a vida militar, & se acquirem com hũa continua applicaçaõ, mais radicada nos sugeitos, & produzidora das maes valerozas acçoẽs, quando se aprende nos primeiros annos, & no verdor da idade, como se comproua com o seguinte discurso.

He a disciplina militar muito delicada, ampla, & estendida, & pera se comprehender, como conuem, naõ sò pede muita applicaçaõ, mas he necessario, que nesta eschola se exercitem os moços, & se criem em suas liçoẽs, & particularmẽte os Principes, & os Grandes; porque como na guerra occupaõ os primeiros postos, entaõ serão nella Capitaẽs perfeitos, quando ainda na tenra idade se entregarem com grande effeito & inclinaçaõ, a taõ illustre & nobre exercicio.

Assim o deixou por exemplo aos vindouros, aquelle mayor & mais glorioso Monarcha de Portugal, o senhor Rey Dom Manoel; como affirma

Damiaõ

Banco de España. Biblioteca

Damiaõ de Goes, na 4. par. cap. 83. & outros Chroristas destes Reynos. O qual todos os Domingos, & dias Santos, se punha à janella, a ver correr & escaramuçar os moços nobres, & cidadoẽs, & elle corria tambem muitas vezes, pera os ensinar, & adestrar, fazendoos com este, mais illustre & regio estudo, na paz fortes & duros, pera os successos & accidentes da guerra. E sem falta, que por esta razaõ logrou naquella idade de ouro, os mayores & mais valerosos Capitaẽs de toda Europa.

Esta Academia he a mais excellente & importante. Este foi sempre o estylo mais venerado, este o costume mais continuo dos Principes antiguos, criarem seus filhos com inclinaçaõ, & applicaçaõ à milicia: & por isso sahiraõ, naõ só soldados valentes, mas Capitaẽs prudentissimos & gloriosos. Plataõ, veneraua tanto esta boa & importante creaça (pera a conseruaçaõ da sua Republica) que mandaua, que os meninos, dos cinco ate os quatorze annos de sua idade, aprendessem & se exercitassem naquellas cousas, que os faziaõ fortes, & affeiçoaua à guerra.

Esta occupaçaõ & exercicio he muito necessario nos Principes; porque muitas vezes succede, ser forçoso pelejar com o inimigo, como aconteceo a todos os senhores Reys Portugueses, & particularmente, a Dom Ioão, Primeiro, que com taõ



Banco de España. Biblioteca

grande valor, & forte braço, matou tantos Castelhanos, como celebra Camoẽs, liuro 4. oct 38.

*Vedesme aqui Rey vosso, & companheiro,*
*Que entre as lãças, & settas, & os arnezes*
*Dos inimigos corro, & vou primeiro.*
*Pelejai verdadeiros Portugueses.*
*Isto disse o magnanimo guerreiro;*
*E sopesando a lança quatro vezes,*
*Con força tira; & deste vnico tiro,*
*Muitos lançarão o vltimo suspiro.*

Mataraõ muitos Reys os inimigos por letra: mas os Principes, & Reys Portugueses, por suas pessoas & valeroso braço. Sempre se acharaõ nas guerras animosos. Os outros, recreaõse vendoas pintadas. Obrigaçaõ he do Rey pelejar pella defensaõ do seu pouo, como o de Israel declarou, na primeira creaçaõ de Rey, diz a sagrada Escritura, no primeiro liuro dos Reys, cap. 8. *Iudicabit nos Rex noster, & egredietur ante nos, & pugnabit bella nostra pro nobis* Quer dizer: Queremos Rey, que nos gouerne com justiça, & que com valor nos defenda de nossos inimigos.

CAP. X.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. X.

## *De como se deue aprender a arte Militar, pera se conseguir com perfeição.*

COmo esta seja a obrigaçaõ do Rey, aquelle a comprirà melhor, que desde minino for affeiçoado, & inclinado à guerra. Assi o persuade Eneas Syluio, no liuro, *de Educatione liberorum*, escreuendo a Ladislao Rey de Vngria: *Cùm Regem inesse prælijs sæpius eporteat, militaribus certaminibus exercere puerum conuenit, quem Regni gubernacula manent*. Diz este graue Autor. Como a obrigaçaõ dos Reys seja gouernar os exercitos com sua presença Real; entaõ farà o officio de melhor Capitaõ, quãdo de poucos annos, foi inclinado à milicia, & mais estudou seus documentos, regras, & maximas.

Assi crearaõ o famoso Emperador da Persia, chamado Cyro, como escreue Xenophonte, & sahio hum perfeito, & excellente mestre nesta arte nobilissima & generosa. O Santo Rey Dauid, antes de cingir espada, se ensinou com a luta de forçosos Vssos & rompentes Leoẽs, a vencer Gigantes feros, & destruir exercitos poderosos, & formidaueis. De noue annos era o esforçado Anibal, quando o



Banco de España. Biblioteca

trouxeraõ a Espanha, pera quẽ se ensinasse na guerra & entre o estrondo das armas; & ficou nellas hũ Capitaõ taõ sciente, que fez chorar a Roma muitas vezes. De doze annos entrou nesta eschola o Grande Alexandre, & se applicou a este estudo cõ tanto cuidado, que assombrou o mundo com suas façanhas, diuirtindo os ufados da peleja, com a musica, & com a solfa, a que era inclinado: entretenimento licito ao Principe, permittido por Licurgo, pera descanso do trabalho do gouerno, alinio do despacho, & leue repouso, & moderada interrupçaõ do cuidado continuo (que deue ter) da segurança do Reyno. O Emperador Augusto Cesar, com dezaseis annos de idade, se entregou à milicia, & foi hum dos valerosos Principes, que a fama eterniza, & celebra.

E posto que comprouamos a conueniencia de hum Principe, desde sua meninice se applicar às armas (como mostraõ os exemplos dos que allegamos) justo parece, que à vista de hum conhecido valor, louuemos, & engrandeçamos tambem a prudencia, parte na guerra principal, & mais importante, que todas. Consiste esta, em saber reprimir a ira, moderar a cholera, & compor a paixaõ; naõ se arrojando, nem obrando precipitado, se naõ cõ madureza, pausa, & consideraçaõ. Assi o aconselhaua o Philosopho Liuio, a seu discipulo o Emperador

Banco de España. Biblioteca

rador Theodosio, como refere Aurelio, na vida deste Principe; & lhe dezia, que se guardasse da ira, se naõ queria despenharse muitas vezes. E que muito necessario era, reprimir o animo vingatiuo & o feruor do castigo, com algũa breue detença, & pausa, ainda que fosse taõ pouca, que bastasse só pera dizer: A.B.C.

Bem conhecião os Cõsules Romanos a importancia desta excellente propriedade & condiçaõ; que quando sahiaõ em publico, leuauaõ diante de si huns ministros de justiça, chamados Litores (que quer dizer, algozes) com hum feixe de varas cada hum, & entre ellas hum cutello: & tudo mui bem attado, & apertado cõ cordas. Eraõ as varas pera açoutar os descuidados, & o cutello, pera degollar os delinquentes. E diz Plutarcho, no liuro dos Problemas, que ordenaraõ os Romanos com grande consideraçaõ, que fossem as varas & o cutello assim atadas, pera que quando o Consul mandasse com ira, & pressa castigar algum homem, a detença breue de desatar os instrumentos do castigo, reprimisse & moderasse a paixão, & cholera.

O contrario obra grandes temeridades, com euidente risco de vida, & da honra. Acçaõ na verdade indigna do Principe, & Capitaõ, dezia Augusto Cesar: *Imperatori bono, quidquam minus congruit, quàm temeritas.* Refereo Victorino, nas vidas dos Emperadores,



Banco de España. Biblioteca

radores, cap. 4. Auesinhase muito a temeridade à locura; & o temor & receo à prudencia. Assim o disse aquelle galante & discreto Portugues, Dom Thomas Iordaõ de Noronha, descreuendo a guerra dos Gigantes com Iupiter.

*Arrojaronse atreuidos*
*Competiendo con el Cielo;*
*Temeridad, es locura;*
*En parte, es prudencia el miedo.*

Esta falta he muitas vezes a ruina & o despenhadeiro dos Principes; porque como saõ soberanos, & tem na maõ a chaue do poder, regulaõ com este as resoluçoẽs, & naõ com a prudencia & razão. *E arriscado lanço he, querer o que não conuem aquelle, que pode fazer o que quizer.* Sentença discreta he esta de Plutarcho, no lugar repetido: *Vehementer periculosum est, velle quæ non decent eum, qui quæ velit facere potest.*

Naõ tropeçaraõ nesta pedra, nem cahiraõ neste barranco os Principes supremos, & valerosos Capitaẽs exemplares deste assumpto. Reprimiraõ a ira, moderaraõ a colera, naõ se precipitaraõ, naõ se arrojaraõ nos casos & contingencias da guerra, mas com consideraçaõ, pausa, madureza, & reportados, obraraõ com bom successo prudentes, o que

poderaõ

Banco de España. Biblioteca

poderaõ perder, ou arriſcar temerarios. Eſta he a primeira maxima, mais neceſſaria nas armas; he a liçaõ de mayor importancia, & ſempre foi cauſa de acertados effeitos. Raramente erra o Capitaõ reportado & prudente; nunca acertou o temerario, & arrogante.

Entre outros effeitos, dous cauſa importantiſſimos & os mais principaes, à ſciencia da guerra, que ſaõ, moderar a paixão natural, & temperar o appetite iraſciuel, ſogeitandoo à direcçaõ da prudencia, & eſcolher as maximas mais acertadas, & conuenientes, aſſi à natural defenſaõ, como pera offender & opprimir o inimigo. Conſiſte a ſciencia, de qualquer materia, & objecto, em conhecer as concluſoẽs, & reſoluçoẽs, & os meos proporcionados ao fim, que ſe intenta. Aſſi o enſina o Principe da Philoſophia Ariſtotiles: O ſaber, conſiſte formalmente no conhecer: *Scire, eſt cognoſcere.* No eſtado preſente nos importa muito ſaber, & conhecer, o que o inimigo pode emprender, pera noſſo dano; & o que nos deuemos obrar pera noſſo bem, & conſeruaçaõ.

CAP. XI.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XI.

## *Mostrãose os arbitrios militares do inimigo, na inuasaõ deste Reyno, & como facilmente se podem frustrar, com o reparo de algũas praças.*

A Maior guerra que o inimigo nos fez, no infausto anno de 1580. foi apertando Portugal com numerosos exercitos, por terra, & com grandes armadas por mar, como ja deixamos escrito, & repetimos pera maior lembrança. E pera frustrar seus intentos, impedir os desenhos antigos (que os mesmos hão de seguir, por hauerem sido taõ efficaces pera seus fins) se deue tèr grande cuidado com as fôrças da villa de Setuual; porque pella barra della, entrou a Armada Castelhana, gouernada por Dom Aluaro Bazan Marques de Santa Crũz; & nella se embarcou o Duque de Alua, cõ todo o exercito que trazia, com que teue passo seguro & facil pera vir sobre Lisboa, desembarcando em Cascaes: o que naõ fora, se as torres, que defendem a barra de Setuual, tiueraõ a a preuençaõ necessaria, pera rechaçar a Armada inimiga, & lhe impe-

Banco de España. Biblioteca

impedir a entrada. Nem tambem os Castelhanos ganharaõ a praça, se estiuera fortalecida com fortes muros. Faltou entaõ esta fortificaçaõ taõ necessaria, & queira Deos que hoje naõ falte.

Ganhado este lugar, propuseraõ em conselho de guerra os meios, que se deuião practicar, & seguir, pera o exercito continuar com prospero successo. Sendo a proposta hũa, os pareceres foraõ muitos & diuersos. Dizião huns, que o mais acertado parecia, voltar as armas contra a villa de Santarem, por ser populosa, fundada em sitio eminẽte & forte, & pella grande estreiteza do Tejo ao pé della, ser facil a passagem da gente de guerra, pera a conquistar, & sogigada, & rendida, se fortificassem nella, donde com pouco trabalho, podiaõ decer sobre Lisboa, com grande esperança de a ganhar com breuidade, pella grande commodidade do rio, por onde podiaõ ir as vitualhas Castelhanas, & impedir o passo aos Portuguesses, que das outras partes do Reyno acudissem ao socorro de Lisboa. Assi votaraõ estes: & muito possiuel he, que o inimigo se aproueite deste arbitrio, taõ bem fundado: pello que he forçoso cuidar muito em fortificar esta Villa, & bastecella de tudo, se naõ queremos que nos gabem de fazermos pouco, ou nada, pello que tanto importa. O mesmo pede a villa de Abrantes, aonde podem occorrer os proprios accidentes.

Aou-

Banco de España. Biblioteca

A outros pareceo mais conueniente, que o exercito deuia de marchar pera a villa de Almada, & do Castello della, canhonear & esbombardear Lisboa, & passar a ella a gente em barcos da outra banda pera sitiar a Cidade. Ambos estes juizos, & discursos foraõ muito peritos & militares, & parto de Capitaẽs de grande experiencia: & posto que por entaõ se naõ seguiraõ, deuemos nos cuidar, que em algum tempo se podem pòr em exercicio & praxi, & entaõ seraõ de pouco effeito, quãdo aquelle lugar se segure & reforce como deue.

Seguio o Duque de Alua o parecer de outros, que foi, ir o exercito por mar a Cascaes, & desembarcar naquelle porto. Foi a resoluçaõ arriscada, mas prospera, pello effeito nacido da froixidaõ de nossos braços, ou pera dizer melhor, da fatalidade de nosso açoute & castigo, mostrandoo Deos antecedentemente, com tantos prodigios & sinaes. Este sò relataremos.

Appareceo na praya junto ao forte, poucos dias antes da infelice jornada de Africa, hum grande peixe Espada, que o mar lançou à terra, pera auiso: & em hũa parte, tinha esculpido hum azorrague & açoute; & na outra, muito ao claro, a Era de 1578. tempo, que deu principio à satisfacçaõ de nossas culpas. Escreueo Manoel de Faria de Sousa, no Epitome das historias Portuguesas, par. 3. cap. 17. Peccados,

Banco de España. Biblioteca

cados, parcialidades, ambiçoẽs, cobiças, diuisoẽs, & soberba facilitarão o passo pera desembarcar o Duque, com taõ euidente risco & perigo, que pareceo locura & temeridade. Assi o entendeo hum grande Capitaõ, que com liberdade lhe disse estas palauras. *Esta desembarcacion, màs fue de Capitan mancebo, que de la persona de la edad de V. Excelencia.* Respondeolhe o Duque sorrindose. *Segun las ocasiones, han de ser los hombres vnas vezes viejos, y otras moços.*

Pouco custoso fora o reparo deste dano, & facil o remedio pera se impedir ao inimigo, se neste rio houuera hũa boa armada, que fora cortar o passo à Castelhana: mas como esta faltaua, naõ achou resistencia, que a impedisse. Colhemos destes antecedentes, a grande necessidade que este Reyno, & principalmente Lisboa, tem de armadas, & mais armadas. Pouco necessita dellas hum Reyno situado no sertaõ, & metido pella terra dentro: mas Portugal, com tantas Barras & Portos maritimos abertos, tem dellas grandissima necessidade.

Admittamos (o que Deos naõ permitta) que o inimigo ganha a villa de Santarem, & nella se faz forte, & que occupa a barra de Lisboa, com hũa poderosa armada, impedindonos o tratto, o comercio, & o socorro. Se naõ tiuermos outra com que o rechaçar, & expellir, digaõ nos os Capitaẽs de experiencia, as traças, os ardis, & os estratage-

mas

Banco de España. Biblioteca

mas com que nos hauemos de defender, & conseruar? A infantaria, com outra se derrota: os cauallos, com outros se desordenaõ, & as armadas, com armadas se desbarataõ & destruem. Como he logo possiuel, que Lisboa sem grande armada se defenda?

Confessamos, que dirâ algum innocente, que poucos dias ha, que hum certo engenheiro se offerecia a hir por baixo da agoa, com certos instrumentos, a queimar a armada do inimigo, quando se imaginaua que viesse. Homem deue este de ser de grande folego, & que será hum famoso buzio: mas naõ vemos a infallibilidade & efficacia da traça. Outros, que a seu juizo parecia discursauaõ melhor, formauaõ hũa cadea de pao (metida no rio pera impedir às armadas naõ sobissem assima) lançada da torre de Bellem, à torre Velha. Menos prejudicial seria esta, que as que se fazem de ouro nas fronteiras. Esta tambem se ouuera de conuerter no mesmo metal, que o tempo faz hoje estes milagres. A mais certa, prouada, euidente, & segura, saõ armadas, & mais armadas.

CAP. XII.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XII.

## *De alguns arbitrios Militares propostos ao Autor, sobre a fortificação de Lisboa.*

POr ocasiaõ das materias precedentes, nos pareceo conueniente assentarmos, & collocarmos neste lugar, algũas aduertencias, que certas pessoas de authoridade & respeito, & com experiencia da guerra, zelozos do bem de nossa conseruaçaõ nos fizeraõ, em ordem à fortificaçaõ maritima de Lisboa. E postoque seus arbitrios padeçaõ muitas contradiçoẽs & difficuldades, com tudo, naõ se deuem condenar, mas estimar, & agradecer. Porque a obrigaçaõ do Capitaõ experto, & soldado valeroso, he ser muito solicito, & cuidadoso de tudo o que pode acontecer pera bem, ou dano proprio. E assim querem os expertos, & prudentes, que haja de adeuinhar, & anteuer todos os ardiz, traças, & estratagemas, com que os inimigos o podem offender, & inquietar.

Proua grandemente este discurso o famozo historiador Plutarcho, dizendo: *Boni Imperatoris est, non tantũ consulere rebus instantibus, sed deuinare deuenientibus.*

Banco de España. Biblioteca

*tibus*. Quer dizer. O bom Capitaõ, naõ só ha de discursar muito nos accidentes da guerra, mas taõbem ha de anteuer & adeuinhar, em certo modo, os successos, & contingencias della. Por este respeito, pinta discretamente Homero ao celebrado Capitaõ Vlysses, com asas, em significaçaõ das do pensamento; com que voaua, preuendo os accidentes futuros. Este singular dom, & taõ importante calidade, grangeou fama eterna, ao taõ afamado Marques de Pescara, a quem Italia, & o mundo celebrou, dizendo delle, que era dotado de hum *Prudente Anteueder*. O nosso Camoẽs, com as grandes experiencias que teue, descreue nestes versos, & confirma grandemente este assumpto, que vamos dilatando. Assim discursa, no Canto octauo. octaua 89.

*Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte,*
*Immittar o illustres, & igualallos:*
*Voar co pensamento a toda a parte,*
*Adeuinhar perigos, & euitallos.*
*Com militar engenho, & sutil arte,*
*Entender os imigos, enganallos:*
*Crer tudo em fim; que nunca louuarei*
*O Capitão, que diga, não cuidei.*

Iusti-

Banco de España. Biblioteca

Iustificado o intento, & animo de quem nos censura, he necessario & forçoso estender, & propòr os seus Arbitrios Militares, pera que a reposta que lhes dermos, melhor se conheça, & julgue por bastante. Assim discursaõ, & assim praticaõ estes Capitaẽs zelosos nos seus Militares Arbitrios, sobre a segurança de Lisboa.

## Arbitrio 1.

Se o inimigo se deliberar a entrar como a sua Armada pello rio assima, & se puzer desde o pontal de Almada, atè o rio de Sacauem, com este cerco lhe tirarà o socorro: & assim se reproua a confiança do Autor, que ouuera de tèr a Lisboa acompanhada de mais fortificaçoẽs da nossa parte.

## Arbitrio 2.

Entre os soldados de experiencia se pratica, que o sitiarse esta Cidade, ha de ser com o cerco de nauios, na forma referida, & cõ hũ arrezoado exercito por terra. A este tal aperto, se ha de preuenir resistencia, que sirua, naõ só pera a occasiaõ do inimigo presente, mas contra as de mayor conjuraçaõ. E assim conuem preuenirselhe o remedio, que por esta consideraçaõ se aponta, que se feche a passagem do rio, com hũa forte cadea, lançada, & estendida da torre de Bellem, à torre Velha. E



Banco de España. Biblioteca

cóm estas preparaçoẽs, se segura o intento do Autor.

Arbitrio 3.

Temse aduertido, que a fortaleza do Outaõ, na entrada da barra de Setuual, està deminuta, na offensaõ que conuem. Serà de grande consideraçaõ mandalla reformar; & tambem prouer os Baluartes do rio desta Cidade, de taõ boa artelharia, que se naõ attreua o inimigo a commetter sua entrada. E logo serà este o remate, com que ficarà esta Cidade no estado, como o Autor quer o esteja, & segura da inuasaõ dos inimigos. Estes saõ os arbitrios militares, que se nos offereceraõ, pello zelo de certos soldados praticos.

## CAP. XIII.

### *Em que se responde, & satisfaz aos Arbitrios propostos.*

*Respondese ao primeiro.*

AO primeiro arbirrio respondemos, que a Armada inimiga, estendida por este rio até Sacauem, nunca pode impedir a Lisboa os socorros, assim do mar, como da terra. Os do mar, porque

porque vindo hũa Armada grossa dos Principes nossos confederados & amigos, como acha a Barra desempedida he força, que entre por ella liuremente, & com toda a segurança, emparada com a artelharia das Torres; & passadas ellas, pode subir pello rio assima, sem perigo nem dano algum. A razaõ he; porque como a Armada do inimigo, ha de estar estendida de Lisboa até Sacauem, & segura sobre ferro (como do arbitrio se colhe) naõ pode taõ depressa vnirse & formarse em esquadraõ naual, pera resistir à armada de socorro que entra. Antes esta terá tempo & lugar, pera se ordenar & compor de tal modo, que naõ só possa resistir ao inimigo, mas desembarcar a gente, que tras de refresco, sem hauer quem o impida. Logo, estando a Armada inimiga estendida de Lisboa atè Sacauem, nunca lhe pode impedir os socorros, que lhe vierem por mar.

Não pode tambem esta armada contraria tolher, & impedir a Lisboa os socorros, que lhe vierem por terra, como mostramos neste discurso. Esta Armada ha de estar estendida de Lisboa atè Sacauem, & dalli naõ ha de passar: assim porque o arbitrio, naõ dispoem, como porque os nauios grandes, naõ podem subir & nauegar mais, pella falta do fundo, como he publico & sabido. Logo, de Sacauem até Abrantes, tem lugar todos os socorros que



Banco de España. Biblioteca

vierem de Alentejo, pera se passarem desta banda daquem, & decendo pello Ribatejo, podem seguramente virse recolher em Lisboa, sem hauer quem o impida, & diuirta, pois lhe ficaõ vinte & hũa legoas de distancia, de Abrantes até Sacauem, desempedidas & desembaraçadas, pera se passarem desta banda, & marcharem atè Lisboa os socorros, ou em corpo de guerra, ou em mangas soltas.

A razaõ deste nosso parecer he; porque a Armada inimiga, naõ se estende mais que de Lisstoa atè Sacauem: logo, de Sacauem pera sima fica liure & desempedido o passo pera toda a gente de socorro passar da outra banda a esta nossa. Nem o exercito inimigo (que hauemos de presupor, ha de estar visinho a Lisboa) pode impedir estes socorros: a razão he. Porqoe este naõ pode estar formado em outra parte, se naõ for em Alcantara, aonde esteue a outra vez. Mal pode logo, dalli diuertir os socorros do Reyno, que decerem a Lisboa.

Prouase este discurso. Este exercito inimigo, ou ha de estar todo vnido & formado no lugar de Alcantara, ou separado & diuizo em partes, pella circumferencia, ou distancia, que pella parte da terra, tem Lisboa. Se estiuer vnido, he força que da parte desta Cidade, esteja alojado o nosso exercito sobre a ponte de Alcantara, aonde esteue em outra occasiaõ, com o rostro ao inimigo, & com as costas

à Cidade,

Banco de España. Biblioteca

à Cidade, & composto sobre a eminencia, que a terra faz sobre a ditta ponte, & com os lados fortificados & seguros, & particularmente o direito, que foi a falta que o derrotou, & descompoz, no anno de 1580. como deixamos escrito, nos Capitulos passados. Mal pode logo o exercito Castelhano, estando à vista do Portugues (que presupomos de necessidade ha de auer) impedir os socorros, que do Reyno decerem a Lisboa.

Comtudo admittamos & concedamos hum absurdo, hum erro intolleraùel, & hũa falta alhea de toda a razão, contra a militar experiencia, qual he; que naõ haja tal exercito Portugues (o que se naõ pode dizer, nem ouuir) nem asim pode o exercito inimigo impedir os socorros por terra a Lisboa. A razaõ he; porque como esta praça (cõforme as verdadeiras medidas geometricas, cordeada pella parte da terra) tenha quatro mil, cento, & settenta & sinco braças de comprido; he imposiuel, que o exercito Castelhano possa aquartellar taõ excessiua distancia: que tanta se mede de Alcantara, atê Santa Apollonia.

Dizemos mais, que he materia muito digna de reparo, admittir este exercito inimigo alojado em Alcantara, ou diuidido, sitiando Lisboa. A razaõ da duuida he; porque este exercito pera se pór sobre Lisboa, ou ha de vir por terra, ou por mar. Se



Banco de España. Biblioteca

por terra, ou ha de vir ganhando, & rendendo as praças de Portugal, ou as ha de deixar atras, com suas forças? Se as ouuer de vir conquistando, & rẽdendo, ha de gastar muito tempo na conquista, & perder muita gente nella, com que naõ ha duuida, que se diminuarà muito o poder inimigo, & que ficarà incapaz de vir sitiar Lisboa. E assim, ou virà cà, ou naõ. Se tambem se disser, que este exercito deixarà as praças do Reyno sem as offender, por vir todo vnido & forte a Lisboa: este arbitrio se nega; porque cousa certa he, ser contra a pratica recibida de guerra, passar hum exercito auante, deixando forças inimigas nas costas.

## CAP. XIV.

### *Continuase a reposta do primeiro Arbitrio, & comprouase com exemplos.*

COm muitos exemplos poderamos prouar esta militar Maxima, recebida & praticada: mas baste só este. Quando o Emperador Carlos Quinto, no anno de 1535. foi sobre o Reyno de Tunes, que ganhou valerosamente (com hũ poder taõ grande, que passaua o numero dos soldados

dados, mais de quarenta mil homens) naõ quis ir sitiar a Cidade, sem primeiro render a força da Goleta, que distaua de Tunes, quasi tres legoas, dizendo, que naõ era lanço de Capitaõ prudente, passar adiante, sem render todas as forças inimigas, que ficaõ atras. Porque do contrario pode proceder, ou pòr em duuida a vitoria, ou dar aos inimigos ocasiaõ, a que saiaõ de suas estãcias a inquietar o exercito. Este parecer se seguio & approuou, ganhandose primeiro a Goleta, & logo despois a Cidade de Tunes, como escreuem todos os Authores Espanhoes, & particularmente Sandoual, na vida & feitos do Emperador Carlos Quinto, na 2. parte, liuro 22. § 12.

He esta maxima & pratica, taõ assentada & vsada na milicia, que sò a podem ignorar aquelles, que nunca viraõ guerra, nem leraõ os feitos de armas, que andaõ pellos liuros; donde tiraõ noticias verdadeiras & certas os curiosos, a quem falta a praxi & experiencia. Desta tinha muita o cossario Barbarroixa, que naõ ha duuida, que entre os Barbaros, foi Capitaõ expeto & valente. Estaua este, taõ certo de que era causa da destruiçaõ de hum exercito, passar auante, deixando forças inimigas atras; que assentaua todas as esperanças de seu vencimento, em que o Emperador Carlos Quinto, fosse logo a sitiar a cidade de Tunes, deixando a força da Go-



Banco de España. Biblioteca

leta inteira & em pè; porque desta hauiaõ de sahir os Turcos a impedir os bastimentos & viueres aos Espanhoes, com cuja falta, logo eraõ destruidos. Assi escreue Sandoual, na 2. par. liuro 22. §. 12 cujas proprias palauras repetimos, pera mayor abonaçaõ de nosso intento.

*Consideraua Barbarroja, que el Emperador, no diuidiria su exercito. Y menos creeria, que el Emperador dexaria la Goleta atraz por conquistar, hauiendo en ella tanta armada, y tanta gente, por ir a la conquista de Tunes, quedandole los inimigos a las espaldas, que le podian impedir los bastimentos, y romper sus pensamientos. Y que si el Emperador lo hazia, era cierta su victoria, y perdida del Emperador. Assi que, Barbarroja se determinó en fortificar la parte de la Goleta, que mira hasta Cartago.* Ate aqui diz Sandoual, & do referido bem se comproua, que as regras militares, naõ permittem passar hum exercito adiante, deixando forças inimigas atras; que infalliuelmente, lhe haõ de impedir os bastimentos, & as vitualhas, o que he causa certa de sua destruiçaõ. Naõ saõ os Castelhanos taõ necios, que tal intentem; & se o fizerem, venhaõ, que elles o pagaraõ.

Inferese logo destes antecedentes certos & cõprouados, com a larga experiencia, que o exercito inimigo, ha de vir por mar a Lisboa, assim como veo a Cascaes, no anno de 1580. Porque naõ tem outra estrada & caminho, por onde possa vir & entrar,

Banco de España. Biblioteca

entrar. Logo por mar ha de vir. A este discurso politico, se oppoem tres grandissimas difficuldades, & resistencias, que se conhecẽ no tempo presente, em que as cousas estaõ em outra altura, & em differente disposiçaõ, das que occorreraõ no tempo passado. E saõ taõ poderosas & efficazes, que moralmẽte falando, representaõ ser cousa impossiuel entrar hoje em Lisboa, naõ sò armada naual, mas exercito por terra. O que mostramos com este formal & pratico juizo, ajustado com as maximas, & exẽplos militares, que tiramos dos liuros, que escreuem da Milicia, donde tira as noticias necessarias & certas o curioso, que a isto se applica, & sem ler, naõ ha saber.

## CAP. XV.

### *Multiplicaõse nouas razoẽs sobre o assumpto, & respondese a hum nouo ardil.*

A Armada inimiga, em que ha de vir o exercito Castelhano, naõ ha de desembarcar em Cascaes, como da outra vez; porque està o lugar impedido, com a grande fortificaçaõ noua. Ha logo, necessariamente, de vir esta armada

buscar

Banco de España. Biblioteca

buſcar a barra, & paſſar pellas fortes torres della, & deſembarcar toda a gente nas prayas de Bellem. Eſte intento parece, moralmente, impoſſiuel no tempo preſente, & ſerà a pratica delle, hũa total ruina dos baxeis inimigos. O que facilmente perſuade a prudente reſoluçaõ, que Frãciſco Draque, General da armada Ingreza, tomou na occaſiaõ, q̃ veo ſobre Lisboa, com hum Principe, que quiz ſer pertenſor ao Reyno. Que foi no Anno, de mil & quinhentos & oitenta & noue.

Procuraraõ os Ingreſes, com todas as forças, traças, & ardis paſſarem com a ſua armada pellas torres da barra, & virem ſitiar Lisboa. Com tudo, como as forças das torres eraõ grandes, reſolueraõ em conſelho pleno de Capitaẽs mui praticos & expertos, que era impoſſiuel, paſſar hũa armada por entre as torres, ſem euidente perigo de ſua deſtruiçaõ. Que ſó em hum caſo poderia ſer poſſiuel eſta paſſagem, mas com hum eſtratagema muito cuſtoſo & difficil, qual era, meter entre dous nauios mancos & mercantis, hum de guerra da armada; porque deſta ſorte lhe ficauaõ os nauios ſeruindo de defençaõ & barbacã, contra os pelouros da artelharia das torres. Mas como eſtes nauios mancos faltauaõ, naõ ſe atreueo o Ingres a paſſar com a ſua armada por entre as torres de Saõ Giaõ & Cabeça Secca.

Mal

Banco de España. Biblioteca

Mal poderaõ hoje logo os Castelhanos passar por entre ellas, com a sua, que ha de ser grande; assim porque as forças das torres, saõ no presente muitas, & mayores que as antigas, como tambem; porque não pode hauer tantos nauios mancos, pera reparo & escudo dos nauios de peleja. E destes, se com a maré & vento forte, poder escapar algũ, que passe pello canal, naõ he possiuel, que passem dous por entre duas forças taõ grandes (que quasi se estaõ dando as maõs) sem que os metaõ no fundo. E naõ sò difficultoso, mas ainda impossiuel parece a todo o bom juizo, que a armada inimiga vença tanta resistencia, & que venha sitiar Lisboa, & que desembarque em terra toda a gente que trouxer pera o sitio. As outras duas resistẽcias & dificuldades grãdes, que os inimigos haõ de vencer, pera poderem subir pello rio assima, mostraremos nas respostas & soluçoẽs dos seguintes Arbitrios.

Como quem faz a casa na praça, huns dizem, que he alta, outros, que he baixa; vio & leo hum grande mestre militar (mas sò na sua estimaçaõ, que elle nunca vio guerra) estes nossos discursos, & disse, que facil cousa era passar a armada inimiga por entre as torres com este ardil & traça. Tomẽ os inimigos duas naos cheas de palha mezclada com breu, & encostemnas as torres, a cada hũa sua, & logo farà hũa taõ grande fumaça, & taõ

densa

densa & espessa, que cegarà os artilheiros dellas do tal modo, que naõ possaõ ver cousa algũa pera atirar aos nauios, & o mesmo os soldados. E desta sorte, & com este engenho, passarâ a armada inimiga, sem risco por entre as forças. Este he o parecer deste soldado da agoa doce. E està taõ pago delle, que espera grandes merces por este aluitre: mas diz, que reserua em segredo as contradiçoẽs & desfeita do estratagema referido, com que se pode impedir.

Approuàraõ alguns dos circunstantes o arbitrio, por serem pessoas do mesmo talento & faculdade. Esta approuaçaõ & aceitaçaõ nos obriga a lhes responder; porque naõ fiquem presumidos de inuentores de hũa cousa, que padece tanta repugnancia & contradiçaõ. Respondemos, que a traça & o engenho que he excellente, mas com hum requisito & condiçaõ, qual he. Que estas duas naos cheas de palha, haõ de ser de arremesso & de visco ou grude, q̃ pegue muito, porque deuẽ os inimigos de fazer cõ ellas tiro às torres, pera que peguem nellas: porque se naõ for assim, se naõ que sejaõ de madeira, quem as ha de leuar & pór naquelle lugar, que o naõ metaõ no fundo, antes de executar o effeito? E mais sendo ali o canal taõ largo, que tem mais de hũa legoa de largura.

Com tudo dado (mas naõ concedido) que achem os ini-

Banco de España. Biblioteca

os inimigos traças, pera a seu saluo encostarẽ estas naos nas torres, & que fiquem nellas pegadas cocomo grude. Dãolhe fogo em tempo que venta Norte, ou Nordeste; em tal conjunçaõ, nenhũa offensa pode fazer o fumo às Torres, nẽ cegalas com fumo; antes este irá dar nos inimigos & cegallos a elles. Pode tambem ser ocasiaõ, que vente ou Sul, Sudueste, ou Noroeste, ou Veste. Com qualquer destes ventos que cursarem, nenhum aggrano pode fazer o fumo das naos às Torres. A razão he; porque a Cabeça Secca, fica à parte do Nascente, & a de Saõ Giaõ, fica ao Poente, & nesta forma, nunca nenhum destes ventos as pode cegar. Mal discursa logo este Arbitrante bellico, & frustrado he o arbitrio, que elle tanto encarece.

Hũa soluçaõ poderà elle dar, ou fazer hũa replica contra esta nossa reposta, dizendo, que saõ os inimigos taõ ardilosos, que faraõ naquella ocasiaõ, que juntamente ventem & cursem dous ventos cõtrarios & oppostos: conuem a saber. Vente Noroeste, contra a Cabeça Secca, & Sudueste, ou Sul, contra a de Saõ Giaõ; & que desta sorte cegarà o fumo das naos ambas as Torres, & em tal caso passarà a Armada Castelhana liuremente.

Respondemos, que se os Castelhanos tem tanto poder, que podem fazer com os Ceos, que juntamente despidaõ dous ventos contrarios, que entaõ

se

ſe conſiguirâ o intento do Arbitrante. Mas naõ tendo elles poder nos Ares; menos que de ar, fica ſendo a replica & a inſtancia.

Dous caſos queremos referir a eſte intento. Gouernando eſte Reyno aquelle grande Biſpo de Coimbra, Dom Affonſo de Caſtelbranco (que taõ chriſtãamente ſoube deſpender o ſeu groſſo patrimonio, ſem attenuar as eſmolas dos pobres, por edificar Palacios a ſeus parentes) vinhaõlhe apertadas cartas de ElRey de Caſtella, pera que fizeſſe partir as naos da India. E como naõ partiaõ por falta de vento, reſpondeo o Biſpo a ElRey hũa breue carta, que continha eſtas palauras. *Senhor, eu conheço a Voſſa Mageſtade por muito poderoſo, mas não por todo poderoſo, que nos dè o vento, que nos falta.* Ao diſcreto Marquez de Alenquer, ſendo Viſorrey de Portugal, aconteceo outro tal. Eſtauaõ as naos de vergad alto, & naõ partiaõ por falta de vento. Eſcreueolhe ElRey apertadamente, que partiſſem. Reſpondeolhe aſſi. *Las naues eſtàn apreſtadas, y no parten por falta de ayre; que todo lo de acà depende del ayre.* Não tem logo os Caſtelhanos poder ſobre os ventos, & aſſi eſtamos, neſte particular, ſeguros & liures do mal que teme o Arbitrãte.

CAP. XVI.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XVI.

## *Respondese ao segundo Arbitrio.*

NA reposta precedente do primeiro Arbitrio, fica em parte respondido o segundo. E assim o que de nouo acrecentamos, he satisfazer a hum ardil & traça de fortificaçaõ, com que o Arbitrio intenta impedir o passo à Armada inimiga, em caso, que vença a grande difficuldade das Torres. Consiste a traça & artificio militar, em que se ha de lançar hũa cadea forte, dura & grossa, da torre de de Bellem à torre Velha. A qual totalmente impidirà a passagem à Armada do inimigo. E com esta preparaçaõ ficaremos seguros.

Satisfazendo a este Arbitrio & engenho da cadea dizemos; que contem grandes faltas & inconuenientes, & que he cousa impossiuel. O nosso fundamento he. Esta tal cadea, ou ha de ser taõ forte & grossa, como foi a da boca da Goleta em Tunes? ou ha de ser de menos força & sustancia? Se for delgada & fraca, vaõ & perdido ficarà o feitio. Se ouuer de ser taõ grossa como a referida, naõ he possiuel obrarse, & a razaõ he. Porque a largura & distãcia, que vai da torre de Bellem à torre Velha (pellas medi-

medidas geomesricas, feitas pellos peritos Cosmographos) consta que contem mil, setecẽtas & treze braças, constando cada braça, de dez palmos, & cada palmo, de treze dedos, conforme a doutrina de Apiano, na sua Cosmographia, primeira parte, cap. 2. Sendo pois esta a distancia, taõ excessiua & comprida, aonde se ha de achar ferro pera cadea taõ longa?

E em caso que se ache, que forças ha de hauer, que sostentem peso taõ graue & immenso? A da força da Goleta (que por exemplo se tras) era factiuel; porque a boca da garganta, por onde entra o mar a fazer o lago de Tunes, tem pouco mais de trinta braças de largura, como dizem os Cosmographos, & particularmẽte, Georgio Bruin, & Francisco Hogenibergio, na Descripçaõ das Cidades do mundo, no liuro primeiro, tratado de Tunes. Sandoual, na 2. par. liuro 22. §. 13.

E nesta limitada distancia, factiuel era a forte cadea, com que os de Tunes se defendiaõ. Mas cõ ser taõ forte & grossa, como os Authores escreuẽ, naõ pode resistir à violencia dos golpes, que lhe deu o nosso celebrado galiaõ S. Ioão, chamado o Botta fogo, com a dura serra de asso, que leuaua pello talhamar da proa, com que a rompeo, & fez em pedaços, com tanta reputaçaõ & credito do nome Portugues. O successo monstraremos abaixo com

parti-

Banco de España. Biblioteca

particularidade grande, jà esquecida & sepultada; porque estamos na era do esquecimento.

Duas consequencias se colhem & inferem do exemplo referido. A primeira. Que o engenho da cadea, naõ he remedio efficaz & poderoso, pera impedir a Armada inimiga, que naõ suba pello rio assima; porque assi como houue hum galeaõ forte, que rompeo a de Tunes, asim pode hauer outros, que cortem & rompaõ a de Lisboa. A segunda cõsequencia he, ser impossiuel laurarse cadea taõ cõprida, que chegue da Torre de Bellem à Torre Velha, pella grande distancia de mil, cento & treze braças, como já temos escrito. Remedios impossiueis infamaõ a experiencia, & saõ discreditos do bom juizo. Neste particular reprouamos o Arbitrio, por ser de materia moralmente impossiuel; porque nem ainda que esta cadea fora de arame (& taõ delgada como as com que se fechaõ as malas) com grande difficuldade se acharà materia pera esta fabrica & artificio, taõ longo, & taõ comprido.

Outros soldados presumidos de praticos, querem que esta cadea seja de madeira. Naõ ha duuida, que a traça he taõ noua & peregrina, que naõ ha memoria de cousa semelhante. Dizem estes mestres da Milicia, que se ha de formar de grossos mastos, presos huns nos outros, & com isso se daõ



Banco de España. Biblioteca

por ſeguros & quietos, & que com ella ſe impidirá o paſſo à Armada inimiga. Em verdade, que não pode hauer Arbitrio mais aerio & ridiculo, como he claro a todo bom juizo. Se o mar de Lisboa fora tão baixo como o rio de Bintão em Malaca, mais a propoſito fora fazer outra eſtacada como aquella de pao duro, entulhada & tão forte, que affirmão as hiſtorias da India (como o refere Ioão de Barros, na terceira Decada, liuro terceiro, capitulo quinto) que era mais forte que hum muro de pedra & cal. Outra tal fortificação fez ElRey Mocrim em Ormuz pera defenção da Cidade de Barem: mas nem hũa, nem outra pode reſiſtir às forças Portugueſas, & pelouros de ſuas bombardas; porque em breue tempo forão todas desfeitas pella induſtria & valentia de Antonio Correa, que com tanta gloria ſua, ganhou eſtas duas praças referidas. Eſte reparo & defenção não ſe pode praticar no rio de Lisboa, que em partes tem tanta profundidade & altura, que paſſa mais de quarenta braças.

CAP. XVII.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XVII.

## *Declarase o proprio Arbitrio, que inculcamos, pera maior segurança do rio de Lisboa.*

SVposto que com taõ viuas razoẽs deixamos reprouado este arbitrio, parece obrigaçaõ, que quem contradiz hum remedio, inculque outro de melhor effeito & virtude. Assim o fazemos & declaramos o nosso parecer nesta forma, tanto pera melhor defensaõ de Lisboa, como pera maior resistencia & poderoso impedimento pera naõ subir a Armada inimiga pello rio assima. Da torre de Bellem, até as areas da outra banda da Trafaria, se deuem pôr quantos nauios couberem naquelle canal, com as proas ao mar, todos sobre ferro, & o mesmo nas poupas, & assim muito vnidos & seguros, se podem fazer nas poupas hũas plataformas de madeira todas pouoadas de artelharia caualgadas em suas carretatas, com as bocas ao mar, acõpanhadas de seus cestoẽs de terra, na forma que se vsa & pratica.

Esta cadea he mais forte & segura, & nunca a Armada inimiga a pode cortar & rõper; porque a



Banco de España. Biblioteca

muita artelharia, que pode esta ponte jugar, he poderosa & bastante pera destruir as maiores armadas do mundo. Esta defensaõ he mais segura, esta traça he a de maior força, este arbitrio he o mais possiuel, & taõ conforme ao intento, de que se trata, quanto approuado & engrandecido pellos mesmo Castelhanos, quando no Anno de mil & quinhentos & oitenta, inuadiraõ este Reyno, & o que mais louuaraõ & engrandeceraõ, & o que mais os intimidou, foi esta mesma traça que deixamos escrita.

Este parecer seguimos, & este só arbitrio approuamos, assim porque a boa razaõ o persuade, como porque tantos homens praticos & de nome o approuaõ. E postoque aos especulatiuos se representaraõ alguns inconuenientes (& sò dous alcançamos) como saõ a pouca firmeza desta cadea nautica, & naual, pois o fundamento sobre que assenta he o mar, symbolo & figura da mesma inquietaçaõ & inconstancia. O outro he, os nauios do fogo, que postos na vea da agoa na enchente da maré, necessariamente haõ de vir marrar com esta cadea, & topar com esta ponte, com o que se abrazará infalliuelmente. Estas saõ as maiores duas difficuldades & os maiores dous perigos, que se podem armar contra este arbitrio. Mas como saõ taõ contingentes & falliueis, sempre esta traça & engenho

se

Banco de España. Biblioteca

ſe abraça mais que as outras, cõ o intento daquelles, que trataõ da ſegurança de Lisboa. E pera maior ſatisfaçaõ dos amigos das outras cadeas, queremos reſponder em particular a eſtes inconuenientes, que apontamos em ſeu nome.

Reſpondemos ao primeiro, que naõ negamos poderſe alterar o mar, & inquietar muito a cadea dos nauios: mas como a vinda do inimigo ha de ſer em veraõ, tempo deputado pera as guerras, neſte ordinariamẽte vemos os mares quietos, & ſem as alteraçoẽs & furioſas tormentas do inuerno. E aſſim he de crer, que o tempo nos ajude, & que a ponte dos nauios dure por muito tempo, firme & ſegura, pera os effeitos de que tratamos. Muitos exemplares poderamos referir de ſemelhantes traças & engenhos, que duràraõ & permanecèraõ, ſem receberem offenſa algũa das agoas. Mas baſte eſte por ſer mais celebrado dos Antigos.

O Emperador Cayo Caligula emprendeo fazer hũa ponte de nauios, na Enſeada do porto de Bayas em Campania, de hũa ponta da terra â outra; a qual he taõ dilatada & larga, que tem mais de tres mil paſſos de diſtancia. Eſta ponte ſe fabricou ſobre duas ordens de nauios, tambem anchorados, que eſtauaõ fixos & firmes. Por ſima delles, mandou fazer hum terrapleno de madeira, com grande cantidade de terra em ſima, tambem aſſen-



Banco de España. Biblioteca

tada & vnida, que parecia hũa rua de Roma. E sobre ella mandou edificar muitas casas & aposentos, como se fora algum lugar ou Cidade.

A esta ponte veo o Emperador com toda a nobreza & caualaria Romana, & depois de a passear muitas vezes, dormio hũa noite nella, mandando acender tantas luzes, que venciaõ o escuro da noite. Teue este Gentio tanto gosto desta obra, que dezia & se gloriaua, que fizera da noite dia, & da agoa terra. Acabarãose as festas, desfesse a ponte, que hauia estado tão firme. Não se pode negar, que se o mar Mediterraneo he tão cortès, que o Occeano, por mais grandioso, seja mais liberal na cortezia. O tempo do veraõ o promete, como comproua a experiencia de cada dia.

Ao segundo inconueniente damos por reposta, que nem sempre estes nauios de fogo, saõ de effeito, como em muitas ocasioẽs se tem visto, & em particular, naquelle famoso cerco da Cidade de Anuers, em Flandes, no Anno de mil & quinhentos & oitenta & sinco. Pos o Principe de Parma sitio sobre a Cidade, & pera o poder fazer melhor & passar o exercito sobre ella, mandou fazer hũa põte de madeira, sobre barcas anchoradas & prezas com fortes cadeas, & vendoa os cercados (esta tomaua toda a largura do rio, & por ella passauaõ os soldados com muita facilidade) intentaraõ queimar

Banco de España. Biblioteca

mar esta ponte com nauios de fogo, lançados na corrente da agoa; mas naõ foraõ de effeito, porque o Principe os diuertio com facilidade. Com a mesma os podemos impedir, pera que naõ offendaõ a cadea de nauios, que deixamos debuxada por letra. Alem do que, nos Gouropezes delles, se pode formar hũa esteira de madeira comprida, que totalmente impida, que o artificio de fogo offenda a nossa cadea de nauios.

Naõ he esta traça noua (se naõ pera aquelles, que sem a liçaõ de liuros presumem de muito noticiosos, & saõ os mais, por nossa desgraça) porque se lermos as historias da India acharemos, que o grande Duarte Pacheco se defendeo, com o mesmo reparo, de oito machinas disformes de madeira, prouidas de muito boa artelharia & fogo. E assim passou este successo. Mandou o Camory fazer oito Castellos de madeira fortes, grandes, & altarosos; cada hum delles, fabricado sobre dous paraos, em altura de vinte palmos, trazidos por dez homens, que vinhaõ remando, mui prouidos de gente, & de pelouros, & de muitas panellas de poluora.

Esta guerreira traça (que à vista era muito temerosa) pos em grandes esperanças ao Rey gentio, de destruir de todo aos Portugueses; os quaes com poucas carauellas, confiados em Deos, no va-



Banco de España. Biblioteca

lor de ſeus coraçoẽs & forças de ſeus braços, ordenaraõ ao pè do maſto de cada carauella (que eſtauaõ com as proas ao mar) hum caſtello forte de madeira da meſma altura, que os das machinas inimigas, prouidos de muito boa artelharia. Nas proas das carauellas atraueſſaraõ dous maſtos grandes, pera impedirem aos Caſtellos de madeira, que naõ chegaſſem aos noſſos. Tinha o Camory no mar, mais de duzentos paraos atulhados de frecheiros, & outros muitos barcos com a meſma prouiſaõ: & em terra hum Exercito, que paſſaua de quarenta mil homens.

Começouſe a briga por mar, naõ puderaõ chegar aos noſſos, mais que dous Caſtellos de madeira, os quais impedidos, pellos maſtos das proas das noſſas carauellas, naõ effeituaraõ queimallas: mas a noſſa artelharia, que eſtaua nos caſtellos das proas, teue tanta virtude & efficacia, que arruinou totalmente & desfez todas as traças & machinas dos Mouros. Os noſſos alcançaraõ aquelle dia a mais celebre & famoſa vitoria de quantas a Antiguidade celebra. Aſſim eſcreue & certifica Ioão de Barros, na primeira Decada, liuro ſeptimo, capitulo ſeptimo. E por aqui ſatisfazemos largamente às objecçoẽs do ſegundo Arbitrio.

CAP. XVIII.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XVIII.

## *Dase satisfação & reposta ao terceiro Arbitrio.*

REspondemos ao terceiro Arbitrio, que em tudo nos conformamos com elle, & assim cõuimos em que a fortaleza de Outão, na entrada da barra de Setuual, està diminuta na offensaõ que conuem; & que serà de grãde consideraçaõ mandalla reparar com todas as forças. E não nos deue estimular pouco ao empenho desta obra a lembrança, de que a Armada Castelhana (no primeiro Anno de nosso catiueiro, gouernada pello Marquez de Santa Cruz, Dom Aluaro Bazan) por este mesmo lugar entrou, embarcando nelle todo o exercito Castelhano, pella pouca força & resistẽcia, com que aquellas Torres se achauaõ entaõ. Muito importa logo a grande fortificaçaõ dellas. A mesma conuem se faça nos Reductos, que correm de Cascaes atè Saõ Ioseph, plantandolhes mui boas pessas de artelharia, que seraõ de grandissimo effeito. Em Peniche fora de grande importancia hum forte, no lugar de Nossa Senhora da Consolaçaõ; porque com ella se impedirà desembarcar o

inimigo

Banco de España. Biblioteca

inimigo na praya, diuertido com a artelharia do forte & da fortaleza da Villa; & se houuera esta preuençaõ, nunca alli desembarcara o Ingres nos tempos passados.

Por aqui concluimos com a reposta & satisfaçaõ, que damos aos Arbitrios Militares referidos, & das nossas repostas fazemos juizes todos os bons entendimentos, & expertos na milicia. Arte he esta taõ nobre, que todos houueraõ de aprender, cõ a pratica & exercicio; porque esta obrigaçaõ se foi sempre de homens de valor, tambem foi dos Portugueses, que sempre se emnobreceraõ com a guerra, fazendo honra grande de serem soldados, & destruirem fortes & poderosos inimigos. O mundo todo celebra suas proezas & actos de valentia singular, obrados neste Reyno, contra Castella, em Africa, contra os Mouros, & na India, contra os Gentios.

Desta gloriosa vida, & desta mais nobre acção tratou sempre este Reyno de Portugal, & com empenho taõ continuo, que diz o grande Ioão de Barros delle, na primeira Decada, liuro primeiro, estas formaes palauras, que muito comprouaõ o nosso intento. *Com este Reyno sempre continuou a guerra, como herança do valor de seus Principes & dos antigos Portugueses: por onde cõ verdade se pode dizer por elle, ter vestido mais armas, que pellotes.*

Este

Banco de España. Biblioteca

Este testemunho nos ha de obrigar a continuar com a herança de nossos Auòs, entregãdose todos, com grande cuidado à milicia, assim pera nos mostrarmos verdadeiros herdeiros de nossos fortes & valerosos antepassados, como tambem, pera intimidarmos o inimigo Castelhano, que naõ ha duuide, que tanto que poder, nos ha de buscar. Pera esta ocasiaõ, importa grande valor, & lembrarmonos, que se da outra vez primeira, pelejaraõ poucos Portugueses pella vitoria, agora nesta segunda (que pode acontecer) hauemos de pelejar pella vida, como discretamente disse Iulio Cesar, naquella dura & porfiada batalha, que teue com os filhos do grãde Pompeo em Andaluzia, de que sahio vencedor, com grande custo & força de seu valeroso braço.

O fio & contexto do discurso, que deixamos estendido, nos não deu lugar, a tocarmos a terceira contradição & resistencia, que pode tèr a Armada inimiga, pera não subir por este rio assima, & desembarcar a soldadesca em terra. Temos ditto extensamente da grande força das Torres, da dura & forte fortificação da cadea ou ponte de nauios, posta na torre de Bellem, com a particularidade que deixamos aduertido. E posto, que todo o bom juizo, ha de tér por impossiuel, que a Armada Castelhana vença estas duas forças & tão grandes resistencias referidas (o que admittimos, mas não concedemos)

Banco de España. Biblioteca

cedemos) comtudo fica terceira resistencia, que pode rechaçar & impedir os nauios Castelhanos.

Esta he a nossa Armada Portuguesa, que necessariamente a ha de hauer muito forte & poderosa, assim pera segurança de Lisboa, como pera reputaçaõ de nosso credito. Porque de outra sorte, euidentemente arriscamos nossa liberdade, & mostramos ao mundo que naõ somos gente, que entenda de guerra. Na defençaõ de hum Reyno maritimo, a fortificaçaõ primeira (que até os minimos entendem) saõ Armadas de grande porder & força. E estas feitas com tempo; porque se as reseruarmos pera quando chegar o inimigo, mal se podem preparar & dispór; & pouco nos aproueitarà o muito dinheiro; porque este despendido a seu tempo, apparece, campea, & luz: & retido & goardado, he muitas vezes causa da ruina & destruiçaõ de hũ Reyno. Abra Deos os olhos aos Ministros, a quem toca esta materia, pera que vejaõ o que todos vẽ, & tanto a todos nos importa. E persuadaõ a Sua Magestade, que Deos guarde, a necessidade de grande poder no mar; o que elles não fazem: porque se não obra, sendo tão necessario & importante, & Sua Magestade ô quer; porque tambem quer sua segurança & conseruação, pois he acção natural.

CAP. XIX.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XIX.

## *Prouase com exemplos os gloriosos effeitos, que obrão as fortes Armadas.*

CONsultem os Ministros, a quem toca, esta maxima, & este arbitrio tão triuial & claro, com aquelles, que depois de hũa larga & cõtinua experiencia militar, escreuerão com tanta verdade & erudição nesta materia; & acharão, que he resolução verdadeira & infalliuel, que hũa praça grande maritima, com difficuldade se rende ao inimigo (que por terra a acomete & sitia) tendo armadas com que por mar o diuirta. Assim o sentem todos, os que melhor escreuerão da Arte de fortificar, & melhor que todos, Bernardim Rocca, na sua Arte Militar, & Empresas Militares, no liuro primeiro, Empresa 15. folhas 9. em que fala gentilmente sobre este assumpto. E mostra com toda a euidencia, que pera os lugares maritimos, a fortificaçaõ de maior importancia, saõ armadas, & mais armadas. E faltando estas, & não as do inimigo, he força que com ellas apertem os cercados, impedindolhes os socorros, tirandolhes os mantimentos,



Banco de España. Biblioteca

mentos, tolhendolhes as vitualhas, & pollos em tal aperto, que se rendão por necessidade, & por força.

Com infinitos exemplares poderamos comprouar estes effeitos, que infalliuelmente acompanhaõ a falta das forças maritimas & nauais: mas basta tocarmos alguns, que celebra a Antiguidade. Assi, rendeo a Roma o famoso Pompeo, apertandoa por terra, com exercitos poderosos, & por mar, com fortes armadas, no tempo do Triumuirato de Marco Antonio, Octauiano, & Marco Lepido. Assi, ganhou o valeroso Pandolfo Delfim, hũa forte praça em Alemanha, pondo no mar sómente dez galès de muita força, naõ tendo os cercados algũa, inuestindoa ao mesmo tempo por mar, & por terra. Iulio Cesar, vsou da mesma traça, quando conquistou a forte Cidade de Marcelha, cõ doze naos fortes. O mesmo effeito conseguiraõ os Imperiaes, em tempo de Carlos Quinto, se os Marcelheses naõ tiueraõ hũa boa Armada. Assi os Romanos, sogeitaraõ a ElRey Hyeriano, com cem naos fortes. Assi, Scipiaõ, na conquista de Africa, como refere Volaterrano, nos Comentarios, liuro 30. capitulo 12. Asi, ElRey Dom Ioão o Primeiro, de boa memoria, de Portugal, ganhou a forte praça de Ceita aos Mouros, no anno de 1410. em 14. de Agosto, cercando a praça por mar, com mais de quinrocentas

vellas,

vellas. & por terra com quarenta mil homens. Assi ElRey Dom Affonso Quinto, rendeo a praça inexpugnauel de Tangere, com mais de trezentas vellas, & vinte & cinco mil homẽs, no anno de 1459. em 24. de Agosto. Assi rendeo as fortes Cidades de Alcacere ceguer, & Arzila, lugares de Africa, que parecião inexpugnaueis: mas com tanto poder forão apertadas, por mar & por terra, que foi forçado renderemse, & entregaremse. E isto em tempo, que os mosquetes erão fundas, & bombardas os Arietes & machinas de madeira, com outros instromentos bellicos.

Melhor que todos os Principes passados & presentes, conheceo o senhor Rey Dom Manoel, sempre felice, o quanto este Reyno necessitaua de grandes forças maritimas, assi pera sua conseruação & opulencia, como pera acquirir o glorioso nome de Vencedor inuenciuel, & pera ser temido do Mundo todo. Os meios que escolheo pera estes tão grãdiosos fins, foi fazerse o mais poderoso Monarcha no mar, com fortes & duras Armadas, que de Lisboa sahiaõ, taõ continuamente, & com tanta presteza & breuidade, que diz Geronymo Cateneo, no liuro 1. da Arte militar, cap. 4. Que o rio de Lisboa naõ produzia & criaua peixes, se naõ Naos, Nauios, & Galeoẽs artilhados.

E pera que se verefique o intento deste nosso

discurso,

discurso, & se imprima & radique nos coraçoẽs dos que gouernaõ esta verdade, com que conheçaõ que a defensaõ mais importante & necessaria deste Reyno, & de Lisboa particularmente, saõ grandes & fortes Armadas. Fielmente mostraremos, & copiaremos as mais & maiores, que os senhores Reys de Portugal mandaraõ armar neste rio, pera seguraça & firmeza desta Monarchia, & pera gloria do nome Portugues, & immortal fama.

Este quadro naual, & estas sombras imperfeitas da grande potencia & força, que os senhores Reys de Portugal conseruaraõ sempre nos mares, & com que alcançaraõ o imperio & dominio de tantas terras, copiamos de varios Authores (que repartidas & diuididas as trataõ) com grande trabalho & propria applicaçaõ, vendoas nas fontes, que foraõ o Bispo Osorio, Damiaõ de Goes, Duarte Nunes de Leão, Andrada, Mariz, Faria, & outros Chronistas Portugueses. De todos elles formamos & compomos este corpo nautico das Armadas, que em todos os tempos houue neste Reyno. No qual ocasiaõ passou, em que faltou o dinheiro pera os dotes das senhoras Infantas, mas nunca pera as forças do mar, como proua o exemplar do senhor Rey Dõ Ioão Terceiro, no casamento da senhora Emperatriz Dona Isabel, que abaixo se tocca breuemente.

CAP. XX.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XX.

## *Propoemſe algũas objecçoẽs contra a conueniencia do Cathalago, que fazemos das Armadas Portugueſas, a que ſe reſponde.*

POde parecer aos que menos alcançaõ, & preſumem mais, que eſte noſſo trabalho, he de pouca neceſſidade; porque todos ſabem o grande poder, que os Principes Portugueſes poſeraõ no mar; como tambem, porque parece, em certo modo, condenar o tempo preſente, em que eſtas forças faltão, porque as naõ pode hauer. Naõ duuidamos, que naõ faltem alguns Zoylos, que aſſi cenſurem o animo fiel de quem eſcreue, ſem intento de offender & aggrauar, mas sò eſtimulado do amor da patria & de ſua conſeruaçaõ: que só por eſtes meios ſe pode conſeguir & perpetuar. Com tudo, pois que mouemos a difficuldade, parece razaõ & juſtiça, que lhe demos repoſta & ſatisfaçaõ.

A primeira objecçaõ dizemos, que he muito importante & neceſſario, recopilar neſta breue copia as grandes Armadas, que ſempre teue & con-



Banco de España. Biblioteca

ſeruou neſta Monarchia, aſſi pera maior gloria ſua, como pera maior eſtimulo noſſo, vendo neſte breue tratado, o que anda dilatado por muitos liuros, pera que os nettos, que oje viuem, immittem os Auòs, que aſſi ſe gouernaraõ & regeraõ, com tanto credito & reputaçaõ.

O que mais approua & juſtifica eſta noſſa trabalhoſa applicaçaõ, he o conſelho do Eſpirito Santo, que em varios lugares da ſagrada Eſcritura, nos aconſelha, que tenhamos grande memoria & viua lembrança das couſas paſſadas, pera aſſi diſpormos & regularmos as preſentes & vindouras. *Diligenter interroga Patrum memoriam.* Com grande diligencia pergantai & ſabei, o que fizeraõ & obraraõ voſſos Pais, pera vos gouernardes por elles, nas couſas, que obraraõ com acerto & ſatisfaçaõ. Aſſi o diz Deos pella boca do Santo Iob, cap. 8. E no cap. 41. do Eccleſiaſtico nos manda, que nos lembremos do paſſado, pera regra & aranzel do que occorrer em noſſos tempos. *Memento, quæ ante te fuerunt.* Vltimamente, no cap. 39. diz aſſi. Sabei as vidas, as acçoẽs glorioſas, & os feitos claros & de fama dos Varoẽs heroicos, illuſtres & famoſos, pera immittardes o muito, que vos deixaraõ por exemplo. *Narrationem virorum nominatorum conſervabit.*

Eſta certa & verdadeira doutrina preſuppoſta

diſcur-

Banco de España. Biblioteca

discursamos & argumentamos assi. Se he obrigaçaõ dos prudentes, lembraremse & terem viuas na memoria as acçoẽs boas & conuenientes, pera o bom gouerno da sua Republica, & conseruaçaõ della, & os feitos illustres, assi da virtude, como da fortaleza & valor, pera os immitar, quando o tempo o pedir. Seruiço grande fazemos logo ao Reyno, & obra muito meritoria he, à custa do proprio estudo, fazer hum epiteme, epilogo, & hũa recopilaçaõ de todas ellas, pera que com mais facilidade se saibaõ & tenhaõ presentes, pera as seguir & praticar. Porque se as deixarmos espalhadas pellos liuros, poucos as haõ de inquirir & buscar. Ha pouca curiosidade hoje nos homens, ha muito poucos que se appliquem ao que conuem; & por isso se notaõ tantas faltas & erros, em materias de grande consideraçaõ. O que naõ fora, se com as formas antigas, se consultaraõ as presumpçoẽs modernas. Algũas de muita substancia poderamos particularizar: mas abstemonos disso, porque se leua mal o censurar & emmendar, & o reprehender.

Com mais gosto se applica muita gente a ler pellos liuros das vidas alheas (argumento de ociosidade grande) pera notar leues defeitos, & pera os exagerar. Mal se parece esta, com aquelle galante Castelhano, que dizia. *Soy tan inimigo de hablar en las vidas agenas, que por esso no leo el Flos Sanctorum.* Em-



Banco de España. Biblioteca

preguemonos em ſaber das couſas paſſadas, pera acertarmos nas preſentes,& ganharmos credito & reputação,& pera conſeruarmos eſta Monarchia, q̃ Deos nos entregou a mãos lauadas, como dizẽ. Eſte ſaõ & verdadeiro conſelho daua à Ptolomeo Rey do Egypto, hũ daquelles Setenta Sabios, que de Iudea conduzio, pera a translação da diuina Eſcritura. Aſſi o refere o Padre Torres, na Philoſophia de Principes, liuro 25. cap. 1. folhas 758. col. 4.

Eſtas ſaõ as proprias palauras. *In rerum geſtarum cognitione. in legendiſque incumbentium operum libellis, temporis plurimum aſſumere oportet. Et quæcunque ad conſeruanda regna, emendandoſque hominum mores ſcripta ſunt, perquirere.* Excellentes documentos daua eſte Sabio ao Rey,& a todos os Principes do mũdo,& a todos os Grandes & Miniſtros, que ſaõ as colunas, que ſuſtentão hum Imperio,& hũa Monarchia. Em vulgar quer dizer. *Haſe de gaſtar muito tempo em ler & ſaber o que obrarão & fizerão os Antigos, reuoluendo continuamẽte os liuros, que contem os ſeus illuſtres feitos, ou ſeus dictames & regras d.ſcretas & prudentes. E particularmente deuem inquirir & ſaber todos aquelles exemplares & ſucceſſos, que ſe ordenão & encaminhão a conſeruação do Reyno, & à emmenda dos roins coſtumes dos homens.*

Eſte ſabio & prudente conſelho ſeguimos, eſtas maximas verdadeiras immittamos, offerecẽdo aos Portugueſes as illuſtres obras, heroicas acçoẽs, hõ-

rados

Banco de España. Biblioteca

rados feitos, & acertados dictames & modos do go uerno, dos senhores Reys deste Reyno, cõ q̃ conseruarão o dominio, dilatarão o Imperio, grangearão hõra, cobrarão grãde fama, viuerão respeitados dos naturaes, & temidos dos estranhos, & fizerão seu grandioso nome immortal & eterno. Pera que os q̃ hoje viuẽ, logrẽ estes nobres effeitos, recõtamos as obras de seu grande valor, q̃ forão as Armadas poderosas, com que este Reyno sempre se conseruou, engrandeceo & augmentou.

Nesta forma, & cõ este intento, & a este fim tão importãte, nunca o nosso trabalho pode ser de pouca vtilidade & desnecessario, senão de grandissima necessidade & importãcia pera a falta q̃ este Reyno padece de Armadas fortes & poderosas. Seruindo as q̃ referimos, de poderoso estimulo, & apertado impulso, peraq̃ immittemos os Antigos, se não em todo, ao menos em parte; porq̃ quẽ faz o q̃ pode, faz o q̃ deue. E tambẽ o assumpto q̃ tomamos (como he de aduertẽcias, pera o q̃ se deue obrar pera nossa cõseruação) pede a formalidade do discurso, & a materia sobre q̃ escreuemos, q̃ se toquem todos os exẽplares, q̃ cõ ella tẽ relação & depẽdẽcia. Somos todos mẽbros deste corpo Portugues, partes deste todo, & naturaes desta patria, & por taes obrigados a trabalhar, na sua conseruação do modo possiuel & conueniente.



Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXI.

## *Iustifica o Autor a tenção, & intẽto com que escreue, & dilatase em mostrar as forças maritimas deste Reyno.*

ESte motiuo nos obrigou a exceder a propria sphera. A nossa tençaõ & intento, he presente a Deos, & elle seja testimunha, que naõ escreuemos com animo de censurar & reprehender o gouerno presente, nem de o notar de falto & deficiente, mas só puramente de aduirtir, estimular, & despertar os Ministros, pera o que tanto nos importa. Se hoje faltaõ poderosas Armadas, pode ser, que a causa naõ he falta de vontade, se naõ de sustãcia & cabedal. E posto que o pouo quer que naõ falte, os Ministros affirmaõ, que o naõ ha. E nesta perplexidade & contradiçaõ, serà grande ignorancia o condenar, & o julgar, contra parte certa & determinada; porque neste particular todos falaõ & todos dizem, mas ninguem proua o que affirma, & ou aleuia & disculpa: ou reproua & condena; porque regra & Axioma he do Direito, que em juizo contradictorio, naõ basta dizer, mas he necessario prouar. *Probare oportet, nec sufficit dicere.* Na lei

1. no

Banco de España. Biblioteca

1. no principio, *ff. Si quadrupedes pauperum.* He o notar & condenar, hũa ſentença riguroſa. Como podemos julgar & ſentencear, ſe naõ ouuimos as partes, & nem ellas prouaõ os ſeus ditos? E mal ſe pode negar aos homens, o que o Direito concede ao meſmo Diabo. Naõ julgamos, naõ condenamos, nem arguimos. Aduertimos, lembramos & Eſtimulamos. Quem quizer maliciar outra couſa, diga, que de Deos diſſeraõ.

Pedimos aos Miniſtros, paſſem os olhos por eſtas noſſas aduertencias, & as que julgarem importantes, que as aduirtaõ a Sua Mageſtade, que Deos goarde, & que lhas digaõ pera que ſe obrẽ & pratiquem. E bem podem dizerlhas, ſem temor & medo; porque Sua Mageſtade, naõ contradis nem reſiſte às verdades, que importaõ pera bem do Reyno; antes folga de as ouuir & ſaber. E ſe alguns deſcontentes affirmaõ o contrario, digaõnos, que Miniſtros deſterrou S. Mageſtade, & que peſſoas maltratou, por lhe dizerem verdade? Muita gente fala no ar, ou leuada da mà inclinaçaõ, ou eſtimulada do deſcontentamento Dizer naõ baſta, mas he neceſſario prouar, como jà deixamos eſcrito.

Naõ ſejamos deſcõtentadiſſos, que he grãde falta. Eſtimemos mais o Mannà do deſerto, que as cebollas do Egypto. E ſe ainda naõ goſtamos eſte Mãnâ, a culpa he noſſa, & naõ do Principe; porque nos



Banco de España. Biblioteca

naõ queremos dispôr ao merecer. Sem razaõ he grande querermos ver as glorias & descanso promettido por Deos a Portugal, viuendo cada qual a seu gosto, & conforme a seu appetite, & taõ pouco ajustados com a obrigaçaõ de Christaõ. Reformese & melhorese o Reyno na vida & costumes, sigase a virtude, haja pureza na sè, piedade cõ amor; & com estas condiçoẽs, promette Deos glorias a Portugal. *Erit mihi Regnum sanctificatum, fide purum, & pietate dilectum.* Diz o Iuramento do Santo Rey Dom Affonso Henriques, & logo crecerà na opulencia & na grandeza. O bom pouo faz o bom Rey, & nunca só por peccados deste, castigou Deos hũa Monarchia inteira. Respeitese o bem publico, & naõ se lhe prefira o particular, que este he o mal, que hoje nos mata, & he a moeda, que neste tempo corre.

Deste procedem infinitos males, & o principal he, causar no entendimento hũa cegueira taõ grande, & hũa neuoa taõ grossa & basta, que nem deixa ver o claro Sol. E por gente semelhante dezia Deos pello Propheta Amos, cap. 8. *Occidit illis Sol in meridie.* Nem tem olhos pera ver a luz clara do meio dia. Appurese a vista com o zelo do bem cõmum, & do Reyno, & logo se acharaõ meios & arbitrios pera nos fortalecermos & armarmos, seguindo os dictames antigos de Portugal, pondo no

mar

Banco de España. Biblioteca

mar forças, com que fiquemos seguros, & dos inimigos & estranhos, temidos & respeitados.

Assi o persuade a boa razaõ, & dicta a prudencia excellente virtude, regra verdadeira & infalliuel, pera a boa direcçaõ das acçoẽs humanas. Bem conhecemos com tudo, que S. Magestade, que Deos nos guarde & conserue, tomou posse destes seus Reynos, estando taõ attenuados & pobres, que cõ verdade se pode dizer, que naõ sò os achou sem lãa, mas esfolados. Tinhaõ entaõ as ouelhas Portuguesas taes Pastores, que eraõ immittadores & discipulos daquelles, que Deos antigamẽte condenou pello Propheta Ezechiel, os quaes retrata ao natural, no cap. 34. Fartauaõse estes, & as ouelhas naõ comiaõ, bebiaõ, & ellas suauaõ, vestiaõ, & ellas despidas.

Liurounos delles a diuina Misericordia por sua infinita bondade. E neste estado naõ se pode negar, que custa muito deminuir o cabedal, quando està taõ falto & tenue, & pede a justiça & igualdade, que a trosquia seja muito sobre pẽtem, porque magoa menos. Mas mais que tudo carrega & peza o importante & viuo cuidado de nossa defensaõ & conseruaçaõ, a qual sem molestia, se naõ pode conseguir & alcançar. Obremse pois as nossas fortificaçoẽs, & Armadas com tal suauidade (& sem extorçoẽs) que luza & appareça a obra, aindaque seja



Banco de España. Biblioteca

ja pouco a pouco, & ajustandose com o cabedal & talentos, que o pouo pode. Dese principio a esta importantissima obra, vejase & va crecendo, & confiemos muito em Deos, que naõ faltarâ com sua poderosa ajuda aos bons intentos dos Reys, quando se dirigem a gloria sua, & bem de seus vassallos.

## CAP. XXII.

*Mostrase, como as faltas do gouerno (quãdo as hà) não procedem do Principe, se não dos Ministros, & Officiaes.*

NAõ falta a Sua Magestade, que Deos guarde, condiçaõ, & inclinaçaõ ao bem: propriedades excellentes, & na verdade dignas & proproprias do bom Principe, que procedem de hũa singular bondade, lisura grande, & singileza rara, que se naõ pode negar ao Real animo: pois o nosso Bandarra, tanto em seus Vaticinios a emgrandece & confirma. Assim vaticina, fallando de ElRey nosso senhor clarissimamente, & se lê no Numero 101.

*Este Rey tem hum irmão*
*Bom Capitão.*

Não

Banco de España. Biblioteca

*Não se sabe a irmandade?*
*Todo he nobre em bondade,*
*E na verdade,*
*Que sairâ com o pendão.*

Assim celebra Bandarra a bondade de ElRey nosso senhor, & seu Real animo, saõ, & lizo, & sem dobrez. O terceiro verso desta Estancia temos explicado largamente, no liuro, que compusemos, com o titulo de Dezempenho da Diuina Promessa. O que naõ obstante, porque este verso embaraça a muita gente, aduirtimos de passagem (pera lhe tirar toda a duuida) que naõ se ha de ler por modo de negaçaõ, se naõ por modo de admiraçaõ, exagerando, & encarecẽdo o grande amor & amizade q̃ houue entre ElRey nosso senhor & o senhor Infante Dom Duarte, que Deos tem, que foi taõ bom & grande Capitaõ. Tambem se pode entender este terceiro Verso, por via de interrogaçaõ, & inquirir perguntando, & he o mesmo que affirmaçaõ. Vesse em muitos lugares de Camoẽs, & em particular, no Canto quarto, na Octaua 100.

*Não tens junto a ti o Ismaelita?*
*Com quem sempre terás guerras sobejas,*

*Não*

Banco de España. Biblioteca

*Não segue elle do Arabio a lei maldita?*
*Se tu pella de Christo sò pelejas, &c.*

Claramente proua este Texto, que muitas vezes o perguntar he affirmar: assi passa no verso repetido.

*Não se sabe a irmandade?*

Val o mesmo que dizer. Sabese muito bem a Irmandade, & sabese, que saõ Irmaõs verdadeiros & naturaes. Bem as claras fala logo o Bandarra de ElRey nosso senhor, & de sua Real bondade, & inclinação ao bem. Nunca desta nos pode vir mal. Sò das ilhargas nos podemos temer, se não forem sans, & se não vestirem desta libré do Principe, inclinandose ao bem cõmum. Mas não sabemos, se se nauega por este rumo, & se segue este Norte, ou se se pratica outra doutrina differẽte. Desta procedem todos os males & danos de hũa Republica, como consta de tantos exemplos.

Muitos & graues Doutores antigos & modernos comparão o gouerno deste mundo, de hũa Monarchia, de hum Reyno, & de hũa Republica, ao jogo. O Cardeal Hugo, varão doutissimo & muito antigo, da Sagrada Ordem dos Pregadores, o compara, & acommoda ao jogo da Pela. Explica este

gra-

Banco de España. Biblioteca

grauissimo Doutor estas palauras dos Prouerbios, capitulo 8. *Ludens in Orbe terrarum.* Quer dizer. Vsa Deos com o mundo & com os homens taes lanços, & taes traças, que parecem de jogo. Assim diz o Cardeal referido. *Totus enim Orbis, est quasi quidam ludus pilæ, quæ modo ab alio tenetur, modo ad illum proijcitur, & aliquando diuiditur in partes.*

Construidas estas palauras latinas em vulgar, vem a dizer. *Todo este mundo he mui parecido & semelhãte. com o seu gouerno, ao jogo da pela; a qual hũas vezes anda na mão deste, & outras na daquelle, diuidindose pellos mais jugadores.* Asim vemos no gouerno do mundo. A primeira Monarchia foi a dos Assyrios; depois passouse aos Persas, & Medos; depois aos Gregos; em quarto lugar aos Romanos, & agora està diuidida & emfraquecida.

Nicolao de Lira, segue o mesmo parecer do Cardeal Hugo, explicando as palauras referidas dos Prouerbios, dizendo asim. *Ludum faciens de orbe terrarum, qui similis est ludo pilæ.* Quer dizer. Joga o Poder Diuino em este mundo à pela, cujo gouerno he semelhante ao mesmo jogo. E asim vemos ordinariamente nelle cescerem huns, mingoarẽ outros; subirem estes a lugares grandes, & aquelles cairem delles. Os que ontem erão pobres, saõ hoje ricos & possantes; & os que tinhão muitos bens da fortuna, estão na maior pobreza & miseria. Esta mudan-

ça,

Banco de España. Biblioteca

ça, & esta variedade, declara excellentemente o douto Bocarro, na sua Monarchia Lusitana, Octaua 96.

*Verâs em nouos thronos Dignidades,*
*Respublicas desfeitas, Magistrados,*
*Com grande confusaõ, com nouidades,*
*Nas casas dos Magnates, nos estados, &c.*

Euidentemente proua este Texto, ser o gouerno do mundo semelhante ao jogo da pela. Peraldo, Arcebispo doutissimo de Leão de França, o asemelha ao jogo dos Dados, na segũda parte, da Summa, capitulo 15. Claudiano, excellente & antigo Poeta, o compara a toda sorte de jogo, dizendo.

*Ludit in humanis diuina Potentia rebus.*

Taõ parecido he o gouerno dos homens ao jogo, que naõ só tem o parecer, mas o que he mais, o ser; porque na verdade he hum puro jogo, cheo de enganos & falsidades. A vista de tantos Ministros de justiça, rasgarão os quatro soldados, que crucificarão a Christo Senhor nosso, os seus sagrados vestidos, leuando cada hum sua parte, como diz o sagrado Euangelista S. Ioão, cap. 19 E quando chega-

Banco de España. Biblioteca

chegarão â ſagrada veſte interior & incõſutil, não na quzeraõ partir & diuidir, mas hum a leuou cõ a ſorte dos dados. *Non ſcindamus eam, ſed ſortiamur de illa cuius ſit.* Va por jogo, por jogo ſe leue, & ſeja de quem for. Pois ſoldados cobiçoſos, naõ tendes ; reſentes os Miniſtros de juſtiça? a juſtiça julgue & determine de quem eſta ſacratiſſima veſte ha de ſer. Naõ quizeraõ, acolheraõſe ao jogo & aos dados, elles determinaraõ a cauſa, elles deraõ a ſentença. Pello jogo ſe gouernaraõ, & leuou aquelle riquiſsimo penhor (que hoje eſta na Real Capella de Pariz) algum grande trapaceiro & afincador dos dados: enganou os companheiros, ficouſe com o rico deſpojo. O jogo compoz o pleito, por elle ſe gouernaraõ, que tal he o gouerno deſte mundo.

Eſta doutrina aſsim declarada, eſtà eſtimulando ao diſcreto Leitor a ſaber, a qual dos jogos ordinarios, ſe pode comparar o gouerno dos homens com mais propriedade? Neſte particular ſaõ varios os pareceres, & todos tocaremos breuemente.

*Comparaſe o gouerno do mundo ao jogo do Homem.*

Dizem os primeiros, que o gouerno do mundo he muito parecido com o jogo do homem. A razaõ he. Porque neſte jogo, cada hum joga pera ſi, cada hum trata de ſi, & naõ admitte parceiros: mas tanto que algum ſe faz homem, & quer ganhar o bollo,

Banco de España. Biblioteca

bollo, logo todos se ajuntaõ & armaõ contra elle, pera o destruir E que assi passa no gouerno do mũdo. Comtudo a comparaçaõ he impropria; porque neste jogo, hũ sò se faz homem, que se acha com trumfos & cabedal pera o ser. Mas neste mundo, todos querem ser homens, sem trumfos, queremos dizer, sem partes, sem talento; & por falta das condiçoẽs necessarias. Saõ taõ poucos os que na verdade saõ homens, que ao meio dia (estando a praça de Athenas chea delles) andaua o Philosopho Diogenes, com hũa alenterna buscando hum homem, que fosse homem. Muitos estauaõ ali, mas naõ tinhaõ mais que o parecer de homens.

*Comparase o gouerno do mundo ao jogo da Pela.*

Os segundos querem, que se compare propriamente ao jogo da Pela; & o fundamento he. Porque assi como esta tendo mais vento, pulla mais alto: assim entre os homens, aquelles crecem & sobẽ mais, & chegaõ aos maiores postos, que tem menos substancia, & saõ mais leues & vazios das boas partes. Sua contradiçaõ tem esta semelhança; porque no jogo da Pela fazemse muitas faltas, as quaes se pagaõ infalliuelmente. E no gouerno dos homens, sendo muitas as faltas, nenhum ha que as conheça & confesse, nem as pagaõ, porque ficaõ sem castigo ordinariamente. Acressentase mais, que a

Pela

Banco de España. Biblioteca

Pela com os rechaços & exercicio do jogo perde o vento, desincha, & fica mole & branda. Os soberbos & presumptuosos do mundo, nunca desinchaõ, nunca se abrandaõ, antes cada vez se inchaõ & endurecẽ mais, cõ o vento da vaidade & soberba, como diz o Real Propheta, no Psal. 73. *Superbia eorum ascendit semper.* Arrebentaraõ estes, mas desinchar & abrandar, isso naõ. Dizemos & moralizamos mais; que neste jogo da Pela, quando se joga às Chaças (saõ chaças huns sinaes, com que se apontaõ as pelas mal jugadas, & por cada hũa, se perdẽ quinze pontos, ou riscos) tanto que a maõ chega a perder duas, logo perde o melhor lugar, & o ganhaõ os contrarios, & se passaõ pera sima, & elle vai pera baixo.

Esta regra, & esta ordem & esta justiça, naõ ha no gouerno do mundo, no qual se vê que por mais chaças, que hum official faça no seu officio, nunca o perde, nem desmerece por isso, vsandose o contrario no jogo da Pela. A razaõ he, porque as chaças da Pela, resultaõ de jugar mal & de perder; & as chaças, que se fazem na administraçaõ dos cargos, & dos officios, procedem de tomar o alheo, & de ganhar. *E quem neste mundo procede perdendo, nunca ganha, & quem viue ganhando, nunca perde.* Perdeis o lugar na pela, porque chaçais perdendo. Naõ perdeis o officio & o posto, porque chaçais ganhando.



Banco de España. Biblioteca

Mais. No jogo pequeno (que em Frances se diz Trinquete) ha hum lugar que se chama, Cadòz, que fica entre o canto & a escada, & as pelas que o contrario mete neste Cadòz, tiraõse com grandissima difficuldade, & ordinariamente se perdem, & só os grandes jugadores as tiraõ & ganhão. De sorte, que se sois bom jugador, tiraisuos do Cadòz, em que o contrario vos meteo. Naõ assi no jogo do mundo. Se vos lançaõ em hum Cadòz, priuandouos & apeandouos do lugar, do officio & do posto (effeitos da cobiça & ambiçaõ do inimigo, que quer & appetece o lugar que tendes) deste Cadòz nem vos podeis tirar, nem ha parente nem amigo, que vos dè a maõ, pera vos tirar & liurar. Assi o moraliza o discreto Sà.

*Ora direite assi,*
*Quem diz o que vio, não mente.*
*Goarte de cair aqui,*
*Que veràs passar por ti*
*O amigo, & o parente.*
*Nunca ouui hum rifaõ,*
*Mais sabido, & mais vsado;*
*Que darem todos de mão,*
*Se jaz o carro entornado;*
*Os que vem, & os que vão.*

Sede

Banco de España. Biblioteca

Sede embora bom homem, virtuoso & de procedimentos honrados, que se o inimigo inuejoso deseja & quer o officio que tendes, hauoso de tirar & tomar, & haueis de ficar sempre no Cadòz.

*Comparase ao jogo do Trumfo.*

Os terceiros affirmaõ, que o gouerno dos homens, he mui parecido ao jogo do Trumfo, no qual ha trumfos maiores & menores, como saõ Reys, Sotas, Condes, Azes & outros trumfos inferiores, q̃ significaõ os differentes estados do mundo. E tambẽ, porque neste jogo ha muites falsos & fingidos. Assim neste mundo, tudo saõ tramoias & enganos.

Naõ prouaõ estes Politicos mal a sua semelhança & comparaçaõ: porem naõ concluem; porque neste jogo, ha trumfos maiores & menores, & no gouerno deste mundo todos querem ser grandes, todos querem ser igoais, & todos querem ser taõ bons huns como os outros: sendo assim, que *Stella differt ab stella.* Entre as nobres Estrellas dos Ceos ha maiores & menores. O hypocrita quer igualarse ao virtuoso. O idiota, ao letrado. O vilaõ ao nobre. O escudeiro, ao fidalgo. O fraco, ao valẽte. E o nescio, ao prudente.

Acrecentamos mais, que neste jogo do Trumfo, todos os metaes, hũas vezes valem, & outras naõ; porque se regula o valor pella carta, que se leuanta



Banco de España. Biblioteca

& descobre. De sorte, que se leuantastes paos, valẽ paos; se leuantastes espadas, valem espadas; se ouros, ouros correm & valem; & se copas, copas saõ trumfos. Significaõ as espadas, a justiça & o valor. Os paos, representaõ a prudencia & o gouerno. As copas, denotaõ o gosto & o appetite. Os ouros, figuraõ a cobiça. E todos estes metaes tem sua hora, & sua maõ de valer & poder neste jogo.

Mas no gouerno do mundo, nem todos os metaes valem; porque sò dous tem todo o valor, & saõ os que correm & podem. Estes saõ Ouros, & os gostos & appetites, denotados pellas Copas. Naõ val a justiça, nem o valor, nem a prudencia, nem o juizo. O que sò monta & val, he ouro, gosto, & appetite. Mal se acommoda logo, o gouerno dos homens ao jogo do Trumfo.

*Comparase ao jogo do Emxadrez.*

Os vltimos, comparaõ o gouerno dos homens ao jogo do Emxadrez, & cõ grande fundamento; porque nelle ha Rey, Dama, Delphins, & Roques, que significaõ os Grandes & senhores. E tambem ha Cauallos, & peoẽs. Esta differença de peças, comprehende toda a sorte de gente de hum Reyno, & de hũa Republica. Acressentase mais em fauor da comparaçaõ, que neste jogo, tudo saõ enganos, ardiz & traças. E os peoẽs (que significaõ os Plebeos) sobem,

Banco de España. Biblioteca

ſobem, & crecem, & vem muitas vezes a ſer Damas. E ſem embargo deſtes apparentes fundamentos, a comparaçaõ naõ he propria; porque tal vez hum pião, deſcompoem o Rey, com hũ Xaque; outra, toma & catiua as peças Reais. E ſobre tudo o que mais reproua eſta comparaçaõ he, que no banco dos Grandes, com os Principes, & ſenhores, ſignificados pellos Delfins & Roques, tem tambẽ ſeu aſſento os Cauallos; o que na verdade he deformidade grande, por ſerem animaes de eſpecie taõ diuerſa. Eſta falta naõ vemos no gouerno do mũdo; porque os Grãdes delle, ſaõ peſſoas taõ perfeitas, & cabais, como ſe vè, experimenta, & conhece.

## CAP. XXIII.

### *Dilataſe a materia precedente, & moſtra o Autor ſeu parecer, ſobre a ſemelhança do gouerno dos Homens.*

DEixadas as demais cõparaçoẽs, & opinioẽs, parece razão que moſtremos & declaremos a noſſa. O noſſo parecer & ſentença he, que o gouerno dos homens, he parecido mais que tudo ao jogo de Toqueemboque, & a nenhum mais que



Banco de España. Biblioteca

a este. Pera proua deste nosso juizo, he necessario espertar a memoria, & auiuar a lembrança nas meninices dos primeiros annos. Neste jogo se joga de duas maneiras. Hũa vez de bola corrida, & outra de fayanca. Em ambos estes dous modos de jugar se achaõ tres faltas mais continuas, mais ordinarias, mais danosas, & mais prejudiciaes entre os homens. Estas saõ, furtar, vingar, & enganar. O furtar he taõ ordinario, que disse là o Poeta, no 1. liuro dos Fastos.

*Viuitur ex rapto, non hospes ab hospite tutus.*

Furta muita gente, assim de logea, como de sobrado, & de poucos se pode fazer confiança; porque ha homens de maõs muito pegadiças. O vingar, he taõ corrente & ordinario entre os homens, que diz Iuuenal, que fazem della maior estimaçaõ & honra, que da propria vida.

*At vindicta bonum, vita iucundius ipsa.*

O enganar, o fingir, & o mentir tem hoje o imperio do mundo, & o mando delle, como diz discretamente Petrarcha, no liuro, de Remedijs, Dialogo 62. *Fides exulat, regnat fraus.* Anda desterrada a fé & a verdade, manda & gouerna o engano, o fingimento, & a mentira.

Não

Banco de España. Biblioteca

Naõ nos falta Bandarra, em acompanhar este nosso pensamento, sentindo estes tres grandes males em seus vaticinios. O furtar, mostra no numero 8.

*Veloeis aporfiar,*
*Sobre hum pobre seitil,*
*E raparuos por hum mil,*
*Se volos podem rapar.*

As vinganças, lamenta grandemente, no num. 142.

*Vejo o mundo em grão perigo,*
*Vejo gentes contra gentes,*
*Ia a terra não dâ sementes,*
*Se não fauacas por trigo.*

Os enganos, as falsidades, os dolos & as mentiras, vicios mortais & capitaes, & taõ prejudiciaes aos homens, sente no numero 143.

*Iâ não ha nenhum amigo,*
*Nenhura tem o ventre saõ,*
*Somos jà vento soão,*
*Que não tem nenhum abrigo.*

Estes tres malestaõ nociuos, se conhecem claramente no jogo de Toqueemboque. Quem alim-



Banco de España. Biblioteca

pou nũca a ſua bola, que naõ furtaſſe dous palmos? Que couſa he andarem as bolas aos topes, dando hũas nas outras, mais que hũa viua repreſentaçaõ da vingança de hum homem contra outro, maltratandoſe & offendendoſe cruelmente huns aos outros? Por iſſo diſſe o elegãte Petrarcha, no Dialogo 32. eſta verdadeira ſentença. *Homo hominem præmit.* Faz hum homem honra de ſe vingar & offender a outro, ſendo que a verdadeira fidalguia cõſiſte em perdoar & ſofrer. Ninguem he taõ nobre como Deos, nem tem natureza taõ fidalga, & o de que faz maior honra, he de nos perdoar, & mais perdoar.

Faltanos acomodar & apropriar a terceira falta do engano, dolo, & falſidade. Eſte ſe conhece patentemente no modo de jugar da fayanca. O jugador da fayanca, ſempre anda com a bola no ar, & na palheta, fazendo mil inuençoẽs & floreos, pera enganar o parceiro. Aſſenta a bola aonde quer, poẽna nas bocas do aro, faz que as erra, eſperando hũ cabe, pera ganhar dous riſcos, colhendo o parceiro em deſcuberto. Outras vezes, poemſe detraz de bocas, outras, faz que lhe cae a bola junto â rè, pera que o outro lhe atire hum cabe, & errando lhe apare hũa rè, com que fique ganhando.

O que joga a bola corrida, lançaa com a maõ, & cae aonde acerta, & ſe algũa vez ganha, as mais perde.

Banco de España. Biblioteca

perde. O da fayanca poem a bola aonde quer ſeguramente. Tudo ſaõ tramoias & enganos, com que ordinariamente ganha. Vltimamẽte, o da bola corrida, toma a bola com a maõ, & o da fayanca com a palheta, com tanta velocidade & deſtreza, que leua com a bola muita terra na palheta. Dà paſſos de gigante, & eſperando boa ocaſiaõ, ſempre ganha & ſegura o ſeu partido.

Parecenos que baſtantemente temos moſtrado, como neſte jogo do Toque emboque, ſaõ mais certos & infalliueis os tres vicios & deformidades, mais correntes & ordinarios no mundo, que ſaõ furtos, vingança, & enganos. Se os Officiaes, & os Miniſtros ſaõ de bola corrida, ſerà o gouerno menos mao, & muito ſofriuel. Porem ſe forem jugadores de fayanca, ha de ſer o gouerno muito ruim & trabalhoſo; porque como eſtes jogão com tantas traças, manhas, & cautellas, & eſperaõ occaſiaõ opportuna, leuão couro & cabello. Tudo querem pera ſi, entregaõſe do que podem, ſaõ muitos os furtos, muitas as vinganças & mais os enganos & tramoias, com que enganaõ os pertendentes. E o que mais he pera ſentir (& o mais prejudicial & danoſo) he, ſe enganarẽ o meſmo Principe, occultandolhe as verdades, dourando & corando as mentiras & enganos, com apparencias de bem. Aſſim o affirma aquelle grande Cortezão Franciſco de Sà,

Banco de España. Biblioteca

de Sà, na carta que escreue a ElRey, na qual lhe diz o seguinte.

*Quem graça ante o Rey alcança,*
*Ehi fala o que não deue;*
*(Mal grande da mâ priuança)*
*Pessonha na fonte lança,*
*De que toda a terra bebe.*
*E por muito que os Reis olhem,*
*Vaõ por fora mil inchaços,*
*Que ante vos, senhor, se encòlhem,*
*De huns gigantes de cem braços,*
*Com que dão, & com que tolhem.*

Comprouado largamente fica o intento deste Capitulo, de que as faltas & defeitos do gouerno, naõ nacem do Principe, se não dos officiaes & Ministros, que tal vez erraõ, ou por descuido, ou por malicia. Mais exemplares poderamos refrir nesta materia, mas ella he taõ triuial & sabida, que naõ necessita delles. Deuem os Ministros, em conciencia, falar sempre verdade ao Rey, & aduirtillo repetidamente de todas aquellas cousas, que saõ precisas & necessarias pera a conseruaçaõ & segurança da Coroa. Entre as quaes todo este Reyno

vé, &

Banco de España. Biblioteca

vè, & conhece(que as mais importantes,& de maior necessidade) saõ grandes forças maritimas, como largamente prouaõ os seguintes Capitulos,em que mostramos as grandes Armadas, que tiueraõ os senhores Reys Portugueses, conhecendo com euidencia, ser esta a principal fortificaçaõ de hũa Monarchia, & a de maior importancia, conueniẽcia, necessidade, & vtilidade.

## CAP. XXIII.

### *Illustrase a materia precedente cõ algũas aduertencias sobre a obrigação dos Ministros.*

E Postoque alguẽ diga, que muitos Ministros podem tèr disculpa, quãdo em todas as materias naõ possaõ fazer aduertencias ao Principe na ocasiaõ que importa; porque he necessario pera falar a proposito nos casos & accidentes, assi na guerra, como na paz, tèr hũa gèral noticia, & hũa comprehensaõ larga de todos elles. E sem esta mal poderá o Ministro, que nunca vio guerra, nem a tratou, consultar os meos proporcionados pera nossa defensaõ, & naõ conhecendo estes, por falta de experiencia, parece que disculpado fica, quando

não

Banco de España. Biblioteca

naõ aduirta ao Principe nas ocasioẽs aquillo, que mais importa & conuem.

Alem do que a inconstancia do mundo produz cada dia tanta variedade & differença, no que toca a seu gouerno & direcçaõ, que o que ontem se praticaua por conueniente (como as circunstancias se mudaõ & variaõ com facilidade) pode ser hoje erro grande & danoso, o que antes era acerto conhecido. Bem conheceraõ esta verdade algũs grandes Ministros Portugueses, & particularmente aquelle grande Gouernador Martim Affonso de Sousa. A este vindo da India, fez ElRey Cõselheiro do Estado (com mais de sessenta annos de idade, & mais de quarenta de experiencia) & continuando hũ anno inteiro, & votando nas materias da India, com grande acerto, quando entrou no segundo anno, escusouse da assistencia, dizendo, que jà naõ sabia nada daquelle Estado, por quanto as cousas delle, cada hora se mudauaõ & eraõ outras.

Grande foi a modestia deste fidalgo, & grande a sua prudencia & madureza. Bem pode ser, que haja agora mais de dous pares, que a reprouem & condenem, & que sem verem nunca India, mais que pintada, que se offereçaõ a tratar com grande efficacia de suas melhoras. Nem esta presumpçaõ indiscreta he impossiuel; porque alguns conhecemos nòs, que sem mais cabedal, que lèr mal, & escreuer

peor,

Banco de España. Biblioteca

peor, resoluem as mais graues questoẽs da Theologia especulatiua. E se quem sem ser Icaro, & sem saber, voa por esses Ceos, com a imaginaçaõ indocta, que muito, que com ella, se entregue aos mares, leuando, com o pensamento medicamẽtos ao Estado da India, taõ enfermo.

Com tudo naõ recebemos, nem admittimos a disculpa allegada em fauor do Ministro, que tem por obrigaçaõ dar conselho ao Principe, & ao Rey sobre as cousas politicas, pertencentes à conseruaçaõ & augmento do Reyno, assi no tempo da paz, como no da guerra. Porque posto, que naõ tenha as noticias bastantes, tem a obrigaçaõ de as procurar saber, com grande cuidado & applicaçaõ Grandes homens consultaraõ com os expertos a resoluçaõ que deuiaõ seguir. O grande Apelles, punha à porta da sua tenda os quadros que pintaua, pera compor suas faltas pello que ouuia aos que os viaõ. Se o Rey, que he senhor soberano, pede conselho a seus vassallos, pera acertar nas materias; o cõselheiro, que naõ sabe de guerra, porque se naõ aconselhará com o soldado exprimentado, pera dar ao Principe hum conselho muito ajustado & prudente, conforme os casos que se propoem, & offerecẽ? Falar nas materias informado, he prudencia; tratallas sem noticia, he ignorancia. Santo, sabio, & valeroso Capitaõ era Moyses, & de muitos annos, &

expe-

Banco de España. Biblioteca

experiencia, & tinha settenta conselheiros, cõ quem consultaua os accidentes da paz & da guerra. Consta dos Numeros, cap. 11.

## CAP. XXIV.

### *Da tenção que ha de ter o Ministro em se aconselhar, & dar conselho, & com quem o deue tomar nas materias tocantes ao bem do Reyno.*

DIz o antigo prouerbio Portugues. *Partir de casa, he a maior jornada.* Com vagar se embarca, diz outro, quẽ tem que fazer em terra. Promettido tinhamos de este ser o primeiro Capitulo, em que dessemos a primeira mostra das nossas Armadas Portuguesas: mas como sobre a continuaçaõ & conseruaçaõ dellas, se tocàraõ alguns particulares de grande importancia, parece conueniente, que antes que nos embarquemos, deixemos tudo taõ composto & ordenado, que nos naõ vâ inquietãdo o cuidado, daquillo que mais deuiamos obrar & fazer. E como esta noua resoluçaõ de forças maritimas (que com o fauor Diuino esperamos ver) depende do voto dos Ministros, que nos gouernaõ, & entre elles podera hauer algum, sem as noticias

necess-

Banco de España. Biblioteca

necessarias (ao qual deixamos persuadido, que pera votar em materias semelhantes, he acçaõ necessaria & prudente, tomar parecer dos expertos) faltanos dizer a tençaõ que deue ter, & com quem se ha de aconselhar, pera que logre bons aceitos, & suas resoluçoẽs fiquem bem vistas, & avaliadas.

O intento que hũ Ministro deue tèr, & a tençaõ, que o ha de guiar, quando pede conselho a outrem, sobre difficuldades alheas de sua profissaõ, ha de ser esta. Deue leuar por norte & guia o seruiço de Deos & do Rey, & o bem publico & comum, & votar nas materias com animo singelo & liso, sem intento de contradizer & encontrar; porque quem segue outro rumo, raramente acerta; & quem quer acertar, poucas vezes errou. Fauorece Deos as boas tençoẽs, & a malicia sẽpre dà na cabeça a seu dono.

Excellente copia & delicada pintura nos offerece o diuino Texto, aos quatro capitulos do Apocalypse, & liuro das Celestiaes Reuelaçoẽs, que teue o sagrado Apostolo & Euangelista Saõ João. Vio o Ceo aberto, & a Deos assentado em hum throno de grande Magestade, & à sua vista vinte & quatro cadeiras & assentos, em que estauaõ vinte & quatro velhos, vestidos de branco, com Coroas Reaes nas cabeças. Assi dizem as palauras. *Et in circuitu sedis sedilia vigintiquatuor, & super thronos, vigintiquatuor seniores sedentes, circumamicti vestimentis albis, & in capu-*

Banco de España. Biblioteca

*capitibus eorum coronæ aureæ.* Varias exposiçoẽs & declaraçoẽs daõ os Santos Padres a esta famosa visaõ. A que nos serue ao intento, he de Hugo Cardeal, & de Nicolao de Lyra. Estes vinte & quatro velhos, representauaõ os doze Profetas, & os doze Apostolos, que foraõ os Ministros de Deos. Os Profetas, no tempo da ley antiga; os Apostolos, na ley noua & da graça. *Per seniores signantur duodecim Prophetæ, & duodecim Apostoli Ministri Dei.*

Declaremos agora as circunstancias desta visaõ. Aquelle era o Conselho de Estado de Deos, em ordem ao gouerno do mundo, que os Prophetas & Apostolos conuerteraõ, & gouernaraõ. Neste vemos vinte & quatro velhos vestidos de branco, com coroas de ouro todos nas cabeças. Estes saõ os Senadores daquelle Real Conselho. Eraõ estes velhos. Calidade necessaria nos Conselheiros & Ministros, que gouernaõ. Estauaõ vestidos de branco, significãdo, que seus coraçoẽs estauaõ cheos de candideza, & pureza; & que naquelles conselhos, naõ hauia brigas, nem contradiçoẽs, nẽ porfias, mas tudo era paz, conformidade, & acertos. Estauaõ estes Conselheiros & Ministros, com Reaes coroas nas cabeças, porque todos eraõ Reys. E tambem, pera nos dar a entender, que quando hum Conselheiro for tomar, ou dar conselho pera bem do Reyno, ha cada hum de cuidar que he Rey. Queremos dizer.

Que

Banco de España. Biblioteca

Que assi se ha de applicar ao dar, ou tomar o conselho pera o bem da Monarchia (que naõ alcança por ventura) como se elle fora o Rey, & sò a elle lhe pertencera o cuidado do bem dos vassallos.

Nas materias de importancia & peso, se o Ministro & Conselheiro pera as dispòr, & lhes receitar os remedios conuenientes, se achar falto de noticias (que ninguem neste mundo soube tudo) busque pessoa capaz com quem se aconselhe, pera despois na presença do Principe, votar a proposito, & votar como homem discreto & prudente, leuando porém no animo, & na cabeça o bem do Rey & do Reyno, & nunca o respeito particular. Naõ se aconselhe pera mostrar habilidade contradizendo, se naõ madureza, pera discursar acertando. E nesta forma receberà bom conselho, & despois daloa melhor, & com mais felice successo.

Temos mostrado a tençaõ com que se ha de pedir o conselho; vejamos agora, a quem se deue pedir. Esta difficuldade he a maior, que neste particular pode hauer, que he a certar na eleiçaõ do conselheiro, cõ quem tomeis o vosso parecer, naquellas materias, que necessitaõ de conselho. O Espirito Santo, pella boca do Ecclesiastico, cap. 6. nos faz esta eleiçaõ taõ difficil & trabalhosa, que rompe nestas palauras. *Multi pacifici sint tibi, & consiliarius sit tibi vnus de mille.* Quer dizer. Tende muitos amigos,



Banco de España. Biblioteca

mas conselheiros, seja hum de mil. De sorte, que entre mil, ha o Ministro de buscar hum conselheiro. E assi importa, como diz o Bispo Iansenio; porque huns, descobrem o conselho, & se vaõ gabar, que vos aconselharaõ. Outros, naõ tem a prudencia necessaria pera aconselhar. *Pauci sunt fidi, & pauci prudentes.* Menos mal he, que o Ministro venda o conselho alheo por seu (como muitos fazem) que errar na eleiçaõ de consulente: porque ou periga o segredo, ou se erra na eleiçaõ do conselho, escolhendose arbitrios disparatados.

O prudente & sabio Emperador Alexandre Seuero, o estylo que obseruaua nesta materia, era consultar as que se offereciaõ, com os homens, que professauaõ sciencia & experiencia daquelle caso que se consultaua & propunha. Pera as difficudades da justiça, aconselhauase com os Iuristas doctos: nas da guerra, com os soldados de experiencia: sobre a nouidade dos costumes, com os velhos de saber, & versados nas antiguidades & historias. Assi escreue Ælio, na vida deste discreto Principe. *Si de iure tractaretur, solos doctos in consilium adhibebat: si vero de re militari, milites veteres, & senes & benemeritos, & locorum peritos, qui historiam calebant.* Dictame acertado seguia este Monarcha, consultando a cada hum na sua faculdade & sciencia. E cousa vãa, & imprudente he, aconselhar cõ o letrado, nas cousas da guerra;

& com

Banco de España. Biblioteca

& com o ſoldado, nas materias da juſtiça, & com os leigos, nas duuidas Eccleſiaſticas; & aſſi pello contrario. Aſſi o eſcreuia a Auguſto Ceſar, Horacio, no liuro 2.

*Promittunt medici, tractant fabrilia fabri.*

Muitos promettem o que naõ podem dar, cada official trate só da ſua arte & do ſeu officio, que sò nelle tem voto & parecer. E ſe neſſe muitas vezes erraõ, como acertaraõ nos outros, que naõ profeſſaõ? Antigo & diſcreto he o prouerbio, que diz: *Nõ ſutor vltra crepidam*, que refere Plinio, no liuro 15. da natural Hiſtoria, & foi ſentença do famoſo Philoſopho Grego Ariſtophanes. Quer dizer. O ſapateiro naõ ſe meta em mais, que nas ſuas chinellas, ou pantufos. Allude eſte prouerbio à hiſtoria vulgar, que aconteceo ao famoſo pintor Apelles com o ſapateiro, que notando, com razaõ, a falta de hũa ſua pintura no calçado, vendoa emmendada, quiz emmendar mais, & meterſe nas outras artes & officios, que naõ ſabia. Concluimos deſtes antecedẽtes, que o Miniſtro, ha de pedir conſelho nas materias de que duuida, por falta de noticias, a cada hũ em ſua ſciencia, officio, faculdade, & arte.

Faltanos examinar, ſe pera dar conſelho acertado nos accidentes, que occorrem, baſta sò a ſcien-



Banco de España. Biblioteca

cia, & letras do consulente; cu se tambem saõ necessarios annos,& longa idade? Grande & naõ piquena difficuldade tem esta questaõ, & este ponto. Antes de a resoluermos, queremos referir hũa galanteria, daquelle grande, insigne & discreto Prègador,o Padre Presentado Fr. Christouaõ Caruaõ, da Ordem dos Pregadores. Pregaua elle em Saõ Domingos desta Corte, a primeira Dominga da Coresma,& perguntaua,que idade representaria o Demonio, quando foi a tentar a Christo no deserto? Respondeo assi.Eu me persuado, que deuia de representar mais de quarenta annos; porque se apparecera em figura de moço, arriscauase a lhe dizerem, andai,que naõ tendes barbas pera dar conselho. Se se mostrara muito velho,podiaselhe dizer: Sois jà tonto & destampado pera aconselhardes a outrem, quando já vos naõ sabeis gouernar a vòs. Desta discreta resoluçaõ parece, que pera dar conselho, nem haueis de ser muito moço, nem muito velho. E com grande fundamento; porque os moços, saõ muito verdes,& os de muitos annos, saõ mais que maduros. Na pouca idade,falta a madureza,& a experiencia,& a practica; & na muita,falta a memoria, a liberdade, & a confiança. Saõ os muito velhos mui dependentes & respeitiuos, medrosos,& amigos de comprazer a ambas as partes.

CAP.XXV.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXV.

## *Dos annos, & mais calidades necessarias pera o bom Conselheiro.*

O Nosso parecer he, que pera dar conselho como conuem, importa que haja annos, & idade, & que hũa pessoa comece a enuelhecer, & a se contar entre os velhos. Com estes assentamos, & predicamentamos aquelles, que chegaõ à idade de homem perfeito, que he a dos trinta & sinco annos, pera os quarenta. Seis saõ as idades do homem. A primeira, he a infancia. A segunda, he a puericia & de minino. A terceira, he a de mancebo. A quarta, he a de homem & varaõ perfeito. A quinta, he a de velho. A sexta, he a decrepita. A primeira idade, dura do nascimento, atè os quatorze annos. A segunda, dos catorze, atè os vinte & sinco. A terceira, dos vinte & sinco, atè os trinta & sinco. A quarta, dos trinta & sinco, atè os sincoenta. A quinta, dos sincoenta, até os setenta. A sexta, dos setenta, até o fim da vida.

Nas duas idades de varaõ perfeito, & de velho, que saõ, quarta & quinta, està o homem capaz & maduro pera dar conselho, com todas as noticias



Banco de España. Biblioteca

baſtantes,& comprehenſaõ das ſciencias. E ainda que na idade viril,naõ appareçaõ as brancas(que ſe anticipaõ em outros) com tudo o aſſento & a madureza,as meſmas calidades corporaes (que ſaõ fria & ſeca) compoem o ſogeito de tal ſorte, que fica reportado,graue & conſtante, apto & conueniente pera o gouerno & cõſelho. Aſſi o affirmaõ os Philoſophos,& aquelles que eſcreuem da compoſiçaõ do corpo humano, como Cortés, cap. 4. & outros muitos.

Conſiſte a madures & a velhice, naõ nos cabellos brancos ( que muitos ha alnos como a neue, & mais verdoengos, que pepinos de Saõ Gregorio) ſe naõ nos ſentidos,maduros,aſſentados,& quietos. Aſſi o diz o Eſpirito Santo por eſtas palauras, no cap. 4.da Sapiencia.*Senectus venerabilis, nõ eſt diuturna, neque annorum numero computata. Cani enim, ſunt ſenſus hominis, & ætas ſenectutis, vita immaculata.* Quer dizer. Naõ conſiſte a veneranda velhice, em grande numero de annos, ſe naõ nos ſentidos & potencias da alma ſerem graues,cõpoſtas & ordenadas. E tambem a vida exemplar & reformada, faz a melhor velhice,& mais graue & reportada.

Leuado deſte penſamento o Padre S.Ambroſio, no liuro 2. de Abraham,cap.6.diz,que bem enuelhece aquelle, que bem ſente & procede. *Ille ergo bene ſenescit, qui bene ſentit.* Annos com prudencia,fazem

Banco de España. Biblioteca

zem a verdadeira velhice, a qual se ha de preferir & antepór à copia excessiua & loquacidade indiscreta dos mancebos; & alenta & pausada consulta & deliberaçaõ, á precipitada & fogosa determinaçaõ da mocidade. Assi o aconselha o Padre Saõ Gregorio Nazianzeno, no seu Apologetico. *Senectus, cum prudentia coniuncta, imperitæ iuuentuti anteponenda est, & consulta tarditas. inconsultæ temeritati* He regularmente falando, o verdor dos annos, hũa viua locura; & a ancianidade & velhice, a mesma prudencia & capacidade.

Hũa discreta reposta a este intento, refere Petrarcha, no liuro 2. de Remedijs, Diálogo 83. Conhecco hum homem a outro, que estando absente muitos annos, quando tornou à terra, o que nella ficou vendoo que vinha já branco, lhe disse. *Amigo, pesame de vos ver tão velho; & quanto dera eu, por vos ver naquella idade & disposição, em que vòs fostes deste lugar?* Respondeolhe o outro discretamente. *Amigo, porque vos não pareço já tão louco, desejais tornarme aos annos da mocidade & locura? Não vos pese por me verdes velho, mas compadeceiuos de mim, porque fui moço.* Refiramos as palauras latinas, pera que os discretos as moralisem a seu gosto, que tem muito que moralisar. *Compatior tibi, nam vt video, iam senescis. Esses vtinam qualis eras, quando te primum noui. Subito alter respondit. Parum ne tibi ergo amens videor, nisi ampliorem mihi nunc etiam amen-*



Banco de España. Biblioteca

*tiam impreceris? Noli quæso, mihi compati, quod sim senex: sed compatere, quòd inuenis fui.* Excellentes palauras, & excellente sentença.

Sobre a calidade dos annos & madureza, que ha de tèr aquelle, que ha de aconselhar a outrem; he necessario precisamente o procedimento da vida, o exemplo, & a virtude, & ser timorato, por duas razoẽs. A primeira; porque gente de consciencia larga, ajustase pouco nos conselhos, com à razaõ & com o direito. A segunda; porque naõ lhe assiste Deos, como he necessario, pera os acertos nas materias de importancia, diz o Espirito Sancto, na Sapiencia, Cap. 1. *In maleuolam animam, non introibit sapientia; nec habitabit in corpore subdito peccatis.* Quer dizer. A sabedoria Diuina, naõ entra na alma roim & mal affecta & inchada; nem tambẽ fará sua habitaçaõ & morada no corpo sogeito & catiuo dos peccados. E nos Prouerbios, cap. 11. diz Deos, que os pensamentos dos justos & virtuosos, que saõ hũas sentenças rectas & justificadas; & os conselhos dos peccadores, saõ enganosos & fraudulentos. *Cogitationes iustorum iudicia, & consilia impiorum fraudulenta.* Goarda, de pera o bem, pedir conselho & parecer ao homem, & ao letrado, que viue mal.

O Padre Santo Ambrosio nos persuade & encarece grandemente, que tomemos conselho com os letrados virtuosos, & naõ com os descuidados. Assi

escreue

Banco de España. Biblioteca

escreue, no liuro 2. de Benedictionibus. *Talis debet esse qui consilium alteri dat, vt se ipsum formam alijs prebeat, ad exemplum bonorum operum, in doctrina, in integritate, in grauitate, vt sit eius sermo salubris, atque irreprehensibilis, consilium vtile, vita honesta, sententia decora.* Naõ pode hauer melhor descripçaõ, nem melhor copia & figura de hum bom & perfeito conselheiro, que esta que nos insina & offerece o Padre Santo Ambrosio, & pera que todos saibaõ as condiçoẽs de quem houuer de aconselhar a outrem, as queremos traduzir em vulgar. Assi diz este Santo, & doutissimo Padre. *Deue ser tal o conselheiro, que dà conselho a outrem que lho pede; que primeiro lhe dê & communique hum grande exemplo de virtude & boas obras. Ha depois, de ser homem de letras conhecidas, & não como alguns, que não sabeis se estudarão. Ha de ser de valor, & animo inteiro, & não como outros, que cosem a dous cabos, & hũa vez se inclinão pera aqui, & outra pera ali. Ha de ser graue & pisado, & não homem, que faz profissão de andar sempre na rua. A sua pratica & conuersação, ha de ser que edifique, & não que escandelize, & de tudo o modo alhea de reprehensão. E será o conselho bom, a vida reformada, & o parecer & a resolução clara & sermosa.*

Vltimamente, ha o que dâ conselho, de ter grandissimo segredo; porque sem elle, tudo se arrisca. A importancia delle quiseraõ mostrar os Romanos, que tinhaõ o Templo dos Conselhos debaixo da

terra,

Banco de España. Biblioteca

terra, como refere Cælio Rodigino, liuro 6. Outros querem, que o coraçaõ humano, he ſymbolo do cõſelho, o qual nunca ſe vè, nem pode ver. Com eſtas condiçoẽs, o Miniſtro falto de noticias, peça a taes peſſoas conſelho, nem ſe afronte de o pedir, pois o Eſpirito Santo nos inſina, que ſem conſelho, nunca obremos nada. *Fili, ſine conſilio nihil facias, & poſt factum non pœnitebis.* Cap. 32. do Eccleſiaſtico. E com elle conheceraõ os que gouernaõ, aquillo que mais nos importa. E com iſto embarquemonos nas noſſas Armadas, que jà leuaõ ferro & daõ â vella, & queira Deos, que ſeja taõ felice a viagem da noſſa pena, como foraõ aquellas de tantos vaſos.

## CAP. XXVI.

### *Do cuidado grande, que os ſenhores Reys de Portugal tiuerão ſempre de poderoſas Armadas, pera conſeruação, & augmento deſta Monarchia.*

QVem com aduertencia paſſar as Chronicas & Hiſtorias de Portugal, dos primeiros Reys, que gouernaraõ eſta Monarchia (aſſi Luſitanos, como Sueuos, deſpois da vinda dos Godos

Banco de España. Biblioteca

dos a Espanha) acharà, que sempre estes Principes, tiueraõ grandes Armadas, segundo naquelles primeiros tempos se permittia, como se pode ver na Monarchia Lusitana, escrita pello Padre Frei Bernardo de Britto, Mariz, Faria, & outros, que com tanto cuidado & verdade, escreueraõ os successos de Portugal. Conheceraõ sempre estes Principes, por Maxima euidente & necessaria, serem necessarias grandes forças no mar, assim pera conseruaçaõ do conquistado & acquirido, como pera estender o dominio & o imperio Portugues. A precisa necessidade dellas, se comproua & conhece ser necessaria, & importante; porque todas as vezes, que ouue nellas descuido, padeceo naõ sò Portugal, mas toda Espanha trabalhos, afflicçoẽs & miserias.

A infelice perda, & lamentauel ruina del Rey D. Rodrigo, teue por ocasiaõ & causa, naõ hauer em Castella Armadas fortes & grãdes: que se estas naõ faltaraõ, facilmente impediraõ o passo aos innumeraueis Barbaros (que Miramolim Almançor Rey de Africa, & que primeiro o fora das Arabias) fez nauegar o Estreito, cõ infinitas & diuersas embarcaçoẽs. E desembarcando em terra, se fizeraõ tyrannicos & violentos senhores de Espanha, que dominaraõ mais de oitocentos annos, tratando aos Christaõs, com tanta crueldade, & insolencia, que exprimentaraõ a mais apertada & dura seruidaõ,

que

Banco de España. Biblioteca

que do principio do mundo, até o presente, se sabe & se conhece. Entregaraõse os Mouros tanto da terra, & senhorearaõna, com tanta vontade & emprego, que pera os lançar fora della, como possuidores injustos (posto que executores do castigo diuino, prouocado dos peccados graues da Christandade) foi necessario, que os Espanhoes triumphassem delles, a custa de tanto sangue, em mais de sinco mil Batalhas. Foi esta lamentauel destruiçaõ principiada em hum Domingo, como dizem huns, ou Sabado, como querem outros, dia primeiro de Setembro, de setecentos & catorze, como affirma, Illescas, na 1. par. liuro 4. Faria, par. 2. cap. 7. Mariz, Dialogo 2. cap. 2. & todos os mais Escriptores.

Affirmaõ outros, com alguns dos referidos, que se ElRey Dom Rodrigo tiuera hũa grossa armada, com que resistira aos fracos baxeis dos Mouros (ainda que foraõ muitos, & capazes, em que por diuersas vezes, passaraõ, mais de trezentos mil infieis de pè, & quasi cem mil de cauallo, como affirma Castilho, no liuro 2. discurso 12.) que sem falta os derrotâra & destruira, ou pello menos rechaçara, & fizera voltar frustrados às prayas africanas, donde alentados & orgulhosos, hauiaõ sahido. Mas como faltaua este poder, tiueraõ o mar liure & desempedido, & franca a passagem a Espanha. Assim o escreuem & certeficaõ os Escritores, & com maior

parti-

Banco de España. Biblioteca

particularidade Abulcaim Tarif, de naçaõ Arabe, escritor desta Cõquista, no liuro 1. da 1. par. da Cõquista de Espanha, do cap. 5. por diante, traduzida do Arabigo em Castelhano, por Miguel de Luna.

Outro igual successo exprimentou o nosso glorioso, & Santo Rey Dom Affonso Henriques, que occupado na guerra do sertaõ com os Mouros, se diuertio de pòr forças no mar. Com esta falta, se attreueo Miramolim, a instancia delRey de Badajoz, Abel Aben, ou Busquez, a entrar pella Barra de Lisboa, com hũa grandissima frota, que leuou a Santarem, aonde pos apertado cerco ao Principe Dom Sancho Primeiro, a quem veio descercar seu pay o Santo Rey Dom Affonso Henriques, alcançando hũa insigne victoria, cõ morte de hũa multidaõ grande de infieis & Barbaros, & do Rey Miramolim. Assi escreuem Mariz, no Dialogo 2. cap. 5. Faria, na 3. par. cap. 3.

He a experiencia grande mestra, & hũa mais certa sciencia. Ficou ElRey Dom Sancho Primeiro, taõ insinado com este aperto, & conflicto, que tanto que tomou posse do Reyno, por morte d. lRey seu pay, logo pouoou o Rio de Lisboa, com toda a sorte de fortes Baxeis, acompanhados de quarenta galles grandes & fortes. E com esta preuençaõ ficou a Barra fechada aos inimigos, que naõ quizeraõ intentar segunda entrada, receosos da poderosa

cor-

Banco de España. Biblioteca

correſpondencia maritima, que hauiaõ de achar neſte Rio. Aſſi relata Faria, 3.par.cap.3.

Seguio o meſmo dictame, com grande pontualidade & diligencia, ſeu filho Dom Affonſo Segundo, que naõ contente com os fortes nauios, que tinha pera ſegurança do Reyno, ſe animou a mandar hũa frota mui groſſa à conquiſta da terra Santa. Euidente argumento, de que o celleiro maritimo eſtaua taõ prouido, que tirando delle muitas vellas, naõ ficauão reſeruadas poucas. Faria, par.3. cap.4. Aſſi ElRey Dom Affonſo Terceiro.

ElRey Dom Dynis, tambem leo por eſte liuro, conhecendo a importancia delle. Eſtando em Coimbra diuertido, com os reaes deſpoſorios, que celebrou a ſeu filho o Principe Dom Affonſo, com a Princeſa Dona Beatriz, Filha delRey Dom Fernando, ſem receo de inuaſaõ inimiga, ſe attreueo Dom Sancho de Ledeſma, hum grande ſenhor de Caſtella, a agoa as feſtas (que nunca aos Caſtelhanos faltou agoa pera as de Portugal, naõ aſſi os Portugueſes.) Entrando com hũa armada em Lisboa, & fez preza em alguns nauios ſem gente. Bem moſtrou eſta acçaõ, ſer parto do juizo de hum ingrato (que ſempre eſte he material & groſſeiro) ao meſmo Rey, que fogindo de Caſtella, o emparou & recolheo, enchendoo de fauores & merces.

Voltouſe o Ledeſma logo, ou fugio, com a pre-

za

Banco de España. Biblioteca

za morta, & ſem alma. Mas o Almirante de Portugal, auiſado do que paſſaua, em breues horas embarcou a gente, com a prouiſaõ de baſtimentos neceſſarios (parece couſa incriuel) & vitualhas em boas & reforçadas galles, lhe foi no alcance, & trauando briga com elle, o rendeo, & trouxe preſo & humilde, aonde hauia entrado ſoberbo & arrogãte. Faria, 3. par. cap. 7.

ElRey Dom Affonſo Quarto, excedeo a ElRey Dom Dynis ſeu pay, no valor, nas empreſas & cuidadoſo emprego do augmento dos eſquadroẽs nauaes; porque tinha tantos nauios grandes, galles, & outras differentes naos (naõ sò em Lisboa, mas nos outros Portos) que deſafiou por ſeus Embaixadores a ElRey de Caſtella, Dom Affonſo Onzeno, com cauſa muito juſtificada, como os Chroniſtas referem. E reſoluto de ir ao deſafio por mar, fez em breue tempo cobrir todo eſte Rio, com toda a forma de guerreiras embarcaçoẽs, com hũa nunca viſta abundancia de muniçoẽs & ſoldados. Tudo ſobejaua entaõ, & mais era ſem milagre.

Quem podera reſucitar os Miniſtros daquelle tempo!

CAP.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXVII.

## *Particularisaõse mais senhores Reys, que conseruarão grandes Armadas.*

EM tempo delRey Dom Pedro seu filho, se folgaraõ as Armadas, naõ faltaraõ. Tudo descansa com a paz, & tudo se altera cõ a guerra. Dormiaõ estas forças nos dias deste Principe, parece que confiadas, em que vigiaua a justiça, que nelle foi grande, excellente & rara. Esta batalhaua contra os vicios, com que, em quanto viueo, sempre andaraõ enfreados. Tudo reforma o castigo, tudo dana a falta delle.

ElRey Dom Fernando, seu legitimo herdeiro, as despertou, quãdo mandou sessenta vellas de força com gente muito lusida, que assolou a cidade de Cadiz, em Andaluzia. Faria, par. 3. cap. 10.

ElRey Dom Ioão de Boa memoria, filho de Dõ Pedro, & vnico herdeiro (ainda que bastardo, verdadeiro) teue taõ grande poder no mar, que aprestandose mais de duzentas vellas, entre nauios grandes, galles fortes, & carauellas bem armadas, temeraõ todos os Principes de Europa, & ainda os infieis,

naõ

Banco de España. Biblioteca

naõ ſabendo, em qual cairia rayo taõ grande. Sempre conſeruou eſte poder, com que dilatou o Imperio. Chegou â forte praça de Ceita, vioa, rendeoa, & ganhoua. Goes, par. 3. cap. II.

ElRey Dom Duarte herdeiro foi de taõ grande potencia, mas naõ da meſma ventura. En ſinco annos que reynou, os trabalhos & hũa grãde & comprida peſte, os fez infeliz, mas naõ deſcuidado; porque mandou hũa luzida & poderoſa frota, de mais de cento & quarenta vellas, com catorze mil homens, gouernados pellos Infantes Dom Henrique & Dom Fernãdo (Santo Martyr & glorioſo) ſobre a Cidade de Tangere. Naõ foi de effeito; porque os Portugueſes fazẽ mais eſtima da honra de hũa vitoria ganhada a força de braço, que da que ſe alcança com dadiuas, & concertos de proueito. Eſte ſegundo, he lanço de prudencia; o primeiro, he acçaõ mais arrogante, que valeroſa. Atalhou a morte a eſte Principe ſegunda jornada a Africa, pera caſtigo della, & liberdade do irmaõ catiuo. Ambos os intentos eraõ neceſſarios & nobres, & ſem falta ſe conſeguiraõ com a mais poderoſa Armada, de quaſi trezentas vellas, animadas com vinte & quatro mil homens. Aſſi o diſpunha ElRey, mas o Ceo quiz outra couſa. Aſſi Faria, & outros.

ElRey Dom Affonſo Quinto eſtaua deſtinado pera eſta alta empreſa; reforçou as forças maritimas,



Banco de España. Biblioteca

mas, tanto que a primeira vez cortou as ondas Oceanas, pondo na barra de Tangere hũa Armada taõ poderosa, que passaua de duzentos vasos fortes, com que ganhou a praça de Alcacere Seguer, castigando com clemencia a grande resistencia dos Mouros. A segunda, fez ostentaçaõ bizarra do valeroso braço Portugues, com quasi quatrocentas embarcaçoẽs de guerra. Humilhou o mar Athlantico, ganhou Arzila, que lograua a fama de inexpugnauel, & vio rendida Tangere a seu poder, antes de assaltada. Conquistou & rendeo muitas vezes, sò o nome Portugues, o que naõ poderaõ outras poderosas armas. Faria, 3. par. cap. 13. Vasconcellos & outros.

ElRey Dom Ioão Segundo, achandose com tanto poder maritimo, naõ dormio, nem o teue ocioso; porque tirando delle (& podera tirar mais) poderosas esquadras, conquistou o grande Reyno de Congo, & as Almas delle, plantando nellas a Fè de Christo. Ganhou a cidade de São Iorge, Emporio (que por rico & abundante de ouro) com propriedade, se chamou a Mina. Com fortes nauios pisou os Mares, que lauaõ a costa Africana, descobrindo o mais famoso Promontorio do mundo, dandolhe nome do Cabo de Boa Esperança; porque cõ elle, se abrio a porta pera a conquista do Oriente, que tanto estendeo a Monarchia Portuguesa, augmentando

Banco de España. Biblioteca

tando a gloria, o mais rico & precioso do Vniuerso; oje menos vtil, por pouco alentado, ou mais reduzido, porque mal gouernado. Doe muito o esfolar; a trosquia, melhor se sofre. Antigamente crecia a honra, & mingoaua a cubiça. Agora trocaraõse as bolas. He grande a sede, & taõ hydropica, como a pinta o celebrado Sà.

*Pensamentos nunca cheos;*
*Não tem fundo aquelles sacos.*

Mostrado deixamos, & com certesa, que sempre os senhores Reys de Portugal se empregaraõ em serem poderosos no mar, conseguindo, por consequencia infalliuel, o senhorio da terra, como se cõprouua com os exemplares referidos, de dez valerosos Principes Portugueses, cuja liçaõ continua, & applicaçaõ interrupta, naõ foi outra mais, que dominar os mares, com fortes & poderosas Armadas. Estes foraõ os liuros por que lião, & por que estudauaõ, conhecendo com euidencia, que estes eraõ os meios mais necessarios & importantes ( & naõ ha outros) pera segurar o Reyno, entimidar os inimigos, acquirir o respeito & veneraçaõ dos Principes estranhos, perpetuar as amisades, conseruar as alianças, estender o dominio, & dilatar a gloria do nome Portugues, taõ venerado sempre em toda a parte.



Banco de España. Biblioteca

Estes mais gloriosos accidentes foraõ a herança de Portugal, cõtinuada de pais a filhos, & de irmaõs a irmaõs, como mostra este breue epilego & abreuiada copia, que dilatamos & estendemos, a todos os Reys deste Imperio Lusitano & Portugues, pera mais efficaz conclusaõ do nosso assumpto, & peraque se entenda & conheça, que he obrigaçaõ necessaria & forçosa, conformaremse os illustres descendentes, com seus progenitores gloriosos. E quãdo este motiuo naõ fora o mais apertado & poderoso, bastante he à necessidade & a attenuaçaõ presente, pera abrir os olhos, & seguir aquellas maximas paternas, que nunca se compadeceraõ, com a pouca felicidade, que os nossos tempos padecem & exprimentaõ. A virtude da mesinha, acreditaõ os effeitos. O remedio contra os males, justificaõ os successos. Multipliquemos mais exemplos.

Ambas as fortunas exprimentou Æneas valeroso & pio, & na aduersa naõ nega, antes confessa as grandes venturas da prospera, dizendo à Rainha Dido, no liuro 3. *Fuimus Troes, fuit Ilion, & ingens gloria Teuchrorum.* Ia fomos Troianos; já ouue, & jâ passou aquella nobre & populosa Troya. Iâ se acabou sua gloria. Iâ pereceo sua grandeza. Os que hoje viuemos, reparamos nas que logrou Portugal em tempo de nossos mais ditosos auòs. Naõ duuidemos dellas, porque as naõ vimos presentes; pois

por

Banco de España. Biblioteca

por fé humana cremos, as que esperamos futuras. Ninguem as duuide maiores, pois tantos vaticinios as promettem superiores. Assi o sente Bocarro, na Monarchia, Oct. 126.

*Deixa; que por teu Rey victorias cantem,*
*Que de quanto o Sol vè, Neptuno abarca,*
*Serâ contigo vniuersal Monarcha.*

Felicidades grandes, & glorias sublimadas se promettem a este Reyno, na gêraçaõ sextadecima, que à letra se entende por ElRey nosso senhor, Dõ Ioão IV. a quem os vaticinios & pronosticos mais verdadeiros, attribuem o maior Imperio de todo o Vniuerso. Foraõ todas as grãdezas passadas, hũas sombras, & huns ensayos das que esperamos presentes. E porque entre ellas, o poder tem o primeiro lugar nas Monarchias, recolhamonos ao porto, continuando, com o que ElRey D. Ioão III. ferio as ondas Oceanas, Indicas, Atlanticas, Arabicas & Persicas.

Tinha sempre hũa armada viua, de vinte nauios fortes, que andauaõ todo o anno à vista da terra, pera goarda da costa. Estes, se repartiaõ nesta forma. Tres, em Cascaes. Quatro, na Atouguia. Quatro, em Caminha. Quatro, em Lagos. Dous, em



Banco de España. Biblioteca

Villa noua. Tres, em Cizimbra. Alem desta Armada hauia outra de quatro galeoẽs muito grandes & poderosos, pera correrem continuadamente a costa deste Reyno mais ao mar; aos quaes, quando era necessario, se aggregauaõ os vinte nauios referidos. Outra Armada de oito vellas, pera goardarẽ a costa do Reyno do Algarue, a quem acompanhauaõ as quatro, que estauaõ em Lagos.

Estas Armadas, sempre andauaõ no mar de Veraõ & Inuerno, sem se recolherem a porto algum, se naõ em caso de necessidade. As Ilhas hia, todos os annos em Abril, hũa armada de dez nauios, em que entrauaõ tres naos grandes, ou galeoẽs, & nellas se ajuntauaõ as frotas da India, Brasil, Mina, S. Thome, Arguim, Cabo verde, Guinè, & da costa de Malaguera; & todas vinhaõ a esta Cidade acompanhadas, & seguras com esta Armada.

Que acertado fora, & quaõ necessario he, renouar este costume antigo, & seguir estas pisadas, & immittar estes exemplos! que com isso se seguraõ as frotas, euitaõse maiores despezas, os direitos Reaes crecem, & naõ se carregaõ os Tratantes, & crece o comercio com grandes augmentos. Saõ os estylos de muitos annos, comprouados cõ a larga experiẽcia. Os aluitres modernos, a mesma nouidade os cõdena (que sempre he sospeitosa, como discretamente diz Quintiliano. *Nouum omne, semper suspectum est.*)

& todos

& todos produzem partos adulterinos, oppoſtos & inimigos do bem publico, & vtilidade do Reyno. Pera augmento & conſeruaçaõ dos Romanos, tanto que o Emperador Auguſto Ceſar começou a reynar, mandou que tudo ſe diſpoſeſſe pellos cuſtumes, & eſtylos eſtablecidos & antigos, diz Dion, no liuro 52. Conſeruar a forma do gouerno antigo, he conſelho acertado; ſeguir a nouidade, he impulſo perigoſo; porque naõ ha nouidade, que o naõ ſeja. Aſſi o perſuadia o grande Capitaõ & Gouernador Alcibiades aos Lacedemonios.

Aforiſmo & Maxima certa he de Quintiliano, no liuro 3. & de Tacito, nos Annaes; liuro 15. que o Principe deue contradizer & recuſar toda a nouidade, naõ sò nas couſas grandes, mas ainda nas pequenas, crendo & perſuadindoſe (ſe naõ for preſumido) que o antigo foi mais acertado, & que as mudanças as mais das vezes, ſaõ de bem pera mal. Alguns exemplares preſentes poderamos referir, mas ſaõ patentes, & poucos os ignoraõ. Lycurgo, deſterrou de Lacedemonia a Tepandro tangedor inſigne de viola de ſete cordas, porque lhe acrecẽtàra hũa & boa: & que fizera, ſe ſora falſa?

Diſculpaõ os inuentores ſuas nouidades, dizendo, que os tempos ſaõ outros; o que he engano, porque o mundo, ſempre he o meſmo, mas os homẽs ſaõ outros. Paſſa hũa geraçaõ; vem outra differen-



Banco de España. Biblioteca

te, diz o Espirito Santo, no cap. 1. do Ecclesiastes. *Terra autem in æternum stat.* Debaixo do Sol, nada he nouo, tudo he velho; & os antigos jà reprouaraõ as nouidades, que a posteridade abraça, & naõ conhece. Tudo em nos he exprimentar, sem experiencia. Sigamos os costumes antigos de Portugal, que estes conseruaõ, & os nouos destruem. Estudemos pera immitar o antigo, & naõ pera inuentar de nouo.

## CAP. XXVIII.

### *Das grandes Armadas, que em tempo do senhor Rey Dom Manoel, sairão de Lisboa.*

BEm conheceo o senhor Rey Dom Monoel, sempre felice, o quanto este Reyno necessitaua de grandes forças maritimas, assi pera sua conseruação & opulencia, como pera acquirir o glorioso nome de vencedor, inuenciuel, & pera ser temido do mundo todo. Os meios que escelheo pera estes taõ grandiosos fins, foi fazerse o mais poderoso Monarcha no mar, cõ fortes & duras Armadas, que de Lisboa sahiaõ, taõ continuadamente, & com tanta presteza & breuidade, que diz Ieronymo Catanéo, no liuro 1. da Arte militar, cap. 4. que o

Rio

Banco de España. Biblioteca

Rio de Lisboa, naõ produzia & criaua peixes, senaõ Naos, Nauios, Galeoẽs & Galles artilhadas.

E pera que se verefique o intẽto deste nosso discurso, & se imprima & radique nos coraçoẽs, dos que gouernaõ, esta verdade, com que conheçaõ, que a defensaõ mais importãte & necessaria deste Reyno, & de Lisboa particularmente, saõ grandes, & fortes Armadas, fielmente mostramos & copiamos as mais & maiores, que os senhores Reys de Portugal mandaraõ armar neste Rio, pera segurança & firmeza desta Monarchia, & pera gloria do nome Portugues, & immortal fama.

## *Armadas que sairão deste Rio.*

A Primeira pera a India, foi de quatro naos grãdes de seis cubertas, Capitaõ mòr o grande Vasco da Gama, fidalgo da Casa do senhor Rey Dõ Manoel, natural da Villa de Sines, no Reyno do Algarue; que partio aos dous de Iulho, do anno 1497. Damião de Goes, na 1. par. cap. 23.

2. Armada, pera a India, de treze naos grandes, Capitaõ mòr Pedralues Cabral, na qual hiaõ mil & quinhentos soldados, no anno 1500. a 9. de Março.

3. Armada, quando ElRey quis passar em Africa, constaua de quatrocentas vellas, em que hião vinte & seis mil homẽs de guerra, em que entrauão

seis

Banco de España. Biblioteca

ſeis mil de cauallo,& oito cẽtos Acubertados. Apreſtado eſte grãdioſo poder,impedio a jornada do ſocorro,que El Rey mandou a Veneza contra o Turco, que ſe eſperaua, a inſtancia do Papa, & dos Venezianos, anno 1501. Goes,1.par cap.47. Vaſconcellos, & Oſorio. Socorria eſte Reyno aos outros com poder.

4. Armada,em ſocorro de Veneza,de trinta galeoẽs, afora muitos nauios & carauellas, que leuauaõ,quaſi quatro mil ſoldados,governados por Dõ Ioão de Menezes, filho do Conde de Viana Dom Duarte de Menezes,aos 15.de Iulho, de 1501.Goes, 1.par.cap.51. Oſorio,fol.46.

5. Armada grande, em companhia deſta, & ſogeita ao meſmo General, pera ficar na Conquiſta deOrão, no meſmo anno.

6. Armada,de onze naos pera a India,anno 1502. Oſorio,liuro 1. fol.57.

7. Armada, no meſmo anno, de muitas naos & carauellas,& galles aoEſtreito de Gibaltar,em duas Capitanias ſeparadas, em Iorge de Mello, & Iorge de Aguiar, pera irem ſobre a Villa de Targa. Goes, 1.par. cap.62.

8. Armada a India,de quatro naos,Capitão,Ioão da Noua, Anno 1501.

9. Armada pera a India, de 15. naos, Capitaõ mòr,ſegunda vez, Dom Vaſco da Gama,anno 1502.

no pri-

Banco de España. Biblioteca

no primeiro de Abril. Goes, 1. par. cap. 68.

10. Armada pera a India, de ſinco naos, Capitaõ Vicente Sodré, anno 1503. Oſorio, Goes, 1. par. cap. 74.

11. Armada pera a India, de ſeis naos, Capitaõ Affonſo de Albuquerque, anno 1503. Goes, 1. par. cap. 65. Oſorio.

12. Armada pera a India, de tres naos, Capitão, Franciſco Dalbuquerque, anno 1503 Goes, 1. p. c. 65.

13. Armada de ſeis naos, à terra de Sancta Cruz, que hoje ſe diz Braſil, Capitaõ Niculao Coelho, no meſmo anno. Goes, 1. par. cap. 65. Oſorio.

14. Armada de duas naos, pera ſe ſaber de Gaſpar Corte Real, & Miguel Corte Real irmãos, que nunca apareceraõ, indo deſcubrir o Braſil, anno 1503. Goes, 1. par. cap. 66.

15. Armada pera a India, de tres naos, Capitaõ, Gonçallo de Souſa, no meſmo anno. Oſorio.

16. Armada, de tres naos pera a India, Capitão, Antonio de Saldanha, no meſmo anno. Goes, 1. par. cap. 81.

17. Armada pera a India, de treze naos, Capitão Lopo Soares de Aluarenga, anno 1504. Goes, 1. par. cap. 76. & 96.

18. Armada, pera a India, de dezaſeis naos, & dezaſeis carauellas, com mil & quinhẽtos ſoldados, gouernados por Dom Franciſco de Almeida, Viſo-

Rey

Banco de España. Biblioteca

Rey que foi daquelle Estado. anno 1505. a 25. de Março. Goes, 2. par. cap. 1.

19. Armada pera a India, de seis naos, Capitaõ Pedro Danhaya, no mesmo anno. Osorio, liuro 4. Goes, 2. par. cap. 9.

20. Armada pera a India, de dezaseis naos, Capitaõ Diogo Lopes de Sequeira, repartidas em duas Capitanias, anno 1508. aos 5. & 9. de Abril. Goes, 2. par. cap. 20. Osorio.

21. Armada pera a India, de catorze naos, repartidas em quatro Capitanias, anno 1507. aos 15. & 20. de Abril. Goes, 2. par. cap. 14. Osorio.

22. Armada, cõtra Azamor em Africa, de muitos & grossos nauios, que eraõ fincoẽta, & quasi tres mil homens de peleja, gouernados por Dom Ioão de Menezes, Camareiro mòr do Principe D. Ioão, anno 1508. Goes, 2. par. cap. 27. Osorio.

23. Armada pera a India, de onze naos, Capitaõ Tristaõ da Cunha, com mil & trezentos soldados, anno 1506. Goes, 2. par. cap. 21. Osorio.

24. Armada pera India, de quatro naos, & hũa Taforea (que hoje chamamos, Setia) Capitaõ Affonso de Albuquerque, quando tornou ao gouerno da India, em 6. de Abril, de 1508. Goes, 2. par. c. 21.

25. Armada, em socorro de Arzilla, cercada por ElRey de Fez, ao que ElRey logo acudio, indose pella posta ao Algarue, com intento de passar a

Africa

Banco de España. Biblioteca

Africa,& em espaço de sinco dias se achou em Tauira, com mais de vinte mil homens de pé, & de cauallo. E por mar lhe chegou hum taõ grande poder de nauios de força, & outros menores, que passauaõ de duzentas vellas, com excessiuo numero de artilheria,& mais vitualhas, a fora mais de quatro mil homens, que nelles se embarcaraõ em Lisboa,anno 1508. E naõ lemos de outro algum Principe do mundo, que em termo taõ breue (como foi o de sinco dias) ajuntasse taõ grande potencia por mar, & por terra, como ElRey Dom Manoel. Na verdade,que tal aparato de guerra, & cõ tanta presteza, que assombra & parece cousa incriuel: mas certeficao tanta gente,& taõ graues Authores,que nos necessitaõ a crer.

Este he hum dos maiores argumentos da grandeza de Portugal, que naquelles tempos (& ainda nos que se seguiraõ) estaua taõ prouido & abundãte de todos os petrechos pera a guerra & vitualhas de toda a sorte pera as Armadas, que fazia grande excesso a superabundante prouisaõ do Arcenal de Veneza (que quer dizer Almazẽ) que reputandose aquella pella maior do mundo, a de Portugal, naquelles mais felices tẽpos, a excedia muitas vezes, como proua a tradiçaõ cõtinua daquella Era. Este poder immenso, todo se suspendeo,com a noua de os Mouros hauerẽ leuãtado o cerco. E posto que

ElRey

Banco de España. Biblioteca

ElRey instaua por passar com elle a Africa, naõ faltou quem o diuertisse, como affirmão Osorio, no liuro 5. fol.159. Goes, 2. par.cap.29.

26. Armada pera a India, de quinze naos, em oue hião quasi dous mil soldados á obediencia do Marichal de Portugal, Dom Fernando Coutinho, aos doze de Março, do anno de 1509. Goes, 2. par. cap. 40. Osorio.

27. Armada pera alimpar a costa de muitos nauios fortes, contra hum cossario Frances, que hauia tomado hũa embarcaçaõ da India, Capitaõ Duarte Pacheco, que o destruio & rendeo, anno 1509. Osorio, liuro 6. Goes, 2. par. cap. 42.

28. Armada pera a India, de quatro naos, Capitaõ Diogo Mendes de Vasconcellos, anno 1510. em 7. de Março. Goes, 3. par. cap. 10. Osorio, liuro 6.

29. Armada pera a India, de sete naos, Capitaõ Gonçallo de Sequeira, no mesmo anno. Osorio, liuro 6. Goes, 3. par. cap 10.

30. Armada pera a Ilha de S. Lourenço, de tres naos, Capitaõ Ioão Serraõ, no mesmo anno. Osorio, liuro 6. Goes, 3. par. cap. 10.

31. Armada a Cafim em Africa, que passou de trinta naos fortes, General Nuno Fernãdes d'Atayde, no mesmo anno. Osorio, liuro 6. Goes, 3 p.c.10.

32. Armada pera a India, de seis naos, Capitaõ D. Garcia de Noronha, anno 1511. a 19. de Abril.

Osorio,

Banco de España. Biblioteca

Osorio, liuro 6. Goes, 3.par. cap.22.

33. Armada pera a India de doze naos, Capitaõ Iorge de Mello, de oito naos; & das quatro, Garcia de Sousa, em que foraõ, quasi tres mil homens de peleja, anno 1512. no mes de Março. Osorio, liuro 6. Goes, 3.par.cap.29.

34. Armada contra a Villa de Azamor em Africa, que passaua de quatrocentas vellas, em que se embarcaraõ vinte mil homens de pé, & dous mil & setecentos de cauallo, & quinhentos Acubertados, General, o Duque de Bragança Dom Gomes, sobrinho delRey, o qual em breue tempo ganhou a praça. Por esta victoria gloriosa, mandou ElRey dar grossas esmolas ás Igrejas, (que justo he, que os Principes dem a Deos, quando delle recebem merces grandiosas.) Foi no anno, de 1513. em 17. de Agosto. Osorio, liuro 9. Goes, 3. par. cap. 46.

35. Armada pera a India, de sinco naos, Capitaõ Iorge de Britto, anno 1514. Osorio, liuro 9. Goes, 3.par. cap.66.

36. Armada sobre a Mamora em Africa, de mais de duzentas vellas, entre naos, nauios, galles, & fustas, com mais de oito mil homens de guerra, General D. Antonio de Noronha, irmão do Marquez de Villa Real, Conde que depois foi de Linhares, & entaõ Escriuaõ da Puridade, que com gosto aceitou a empreza; porque naquella idade de ouro,

valia

Banco de España. Biblioteca

valia mais a lança, que a pena, anno 1515. aos 13. de Iunho. Osorio, liuro 11. Goes, 3 par. cap. 76.

37. Armada contra a Villa de Targa em Africa, de mais de setenta & sete vellas, General Dom Ioão Coutinho, anno 1517. Osorio, liuro 10. Goes, 1. par. cap. 22.

38. Armada de doze vellas fortes em socorro de Arzila, Capitaõ Ruy Barreto, anno 1516. Osorio, liuro 10, Goes, 4. par. cap. 5.

39. Armada pera o mesmo effeito de socorrer Arzila, de trinta naos, & muitas carauellas, Capitaõ Diogo Lopes de Sequeira, no mesmo anno. Osorio, liuro 10. Goes, 4. par. cap. 5.

40. Armada pera a India de doze naos grossas, Capitão o Gouernador Diogo Lopes de Sequeira, anno 1518. Osorio, liuro 11. Goes, 4. par cap. 31.

41. Armada pera a India de dezaseis naos, Capitão Iorge de Albuquerque, pera effeito de destruir a Cidade de Iudà, no mar de Arabia, & fazer fortaleza em Dio, anno 1519. Osorio, liuro 12. Goes, 4. par. cap. 36.

42. Armada pera socorro de Arzila, de oito naos, Capitão D. Pedro Mascarenhas, anno 1520. Goes, 4. par. cap. 48.

43. Armada a India de quinze naos, Capitão & Gouernador Dom Duarte de Meneses, anno 1521. a 5. de Abril. Goes, 4 par. cap. 65,

44.

Banco de España. Biblioteca

44. Armada de 12. naos pera guardar o Estreito de Gibaltar, Capitão Simão da Cunha, anno, 1521. Goes, 4. par, cap. 78.

## CAP. XXIX.

### *Dos grandiosos effeitos que obrarão estas Armadas.*

OVtras muitas vellas sahiraõ da barra de Lisboa por mandado delRey, pera differentes Conquistas & effeitos, que naõ particularisamos, por abreuiar a escritura. Estas, que numeramos por maior, fazem soma de mil & oitocentas & quatorze, a fora as naos grandes de força; a fora galles, carauellas, barcaças & fustas petrechadas todas, com todo o apparato de guerra, & com mui boa soldadesca, gente pratica & experta.

Alem destas Armadas (que do Bispo de Silues Dom Ieronymo Osorio, & de Damiaõ de Goes, colhemos nas suas Chronicas) se achaõ outras muito mais, que andaõ em manuscriptos verdadeiros, dos quaes consta, que este glorioso & mais prospero Monarcha, em vinte & seis annos, hum mes, & desanoue dias, que teue de Imperio, incluidos em sincoenta & dous annos, seis meses, & treze dias, que

 lhe

Banco de España. Biblioteca

lhe durou a vida, lançou do Rio de Lisboa pera differentes partes do mundo, mais de duas mil Armadas, em que entraraõ mais de duzentas naos grandes, de quatro & ſinco cubertas, que foraõ à India, de cujos portos ſahiraõ tantas, com tanto poder & forças, que ſogeitaraõ grãde parte da Ethiopia, naõ pequena da Perſia, & tãta da India, que ſe fez ſenhor do grande Imperio & Reynos, ſituados dentro, & fora do caudaloſo Rio Ganges (couſa pellos antigos julgada por impoſſiuel) & de tantas cidades & praças fortes em Africa, & tantos Reys ſeus tributarios, quantos os hiſtoriadores affirmaõ, & certeficaõ, cõ tanta gloria do valor de Portugal.

Aſſombraua o mundo tanto poder no mar, & fazia tremer & temer toda a terra, como ſe vio no Graõ Turco, inimigo taõ poderoſo & arrogante, que receoſo & temeroſo da viſinhança dos Portugueſes na India, eſcreueo hũa carta ao Papa Iulio III. no anno de, 1505 em 22. de Setembro, na qual lhe pedia, fizeſſe com ElRey de Portugal, que deſiſtiſſe da Conquiſta da India, confeſſando na carta, que recebia grandiſſimo dano dos Portugueſes, como ſe pode ver na copia della, relatada por Damiaõ de Goes, na Chronica delRey Dom Manoel, 1. par. cap. 93. Medo do poder de Portugal foi o motiuo deſta petiçaõ de Saladino, & naõ reſpeito ao Vigairo de Chriſto (a quem naõ venera, antes

deſpreza

despreza barbaramente)porque,como diz Polibio, no liuro 2. as petiçoẽs dos poderosos & dos soberbos, saõ mais pusilanimidade,que prudencia. *Superborum preces, pusilanimitatis indicia sunt.*

Pede & roga hum Principe Catholico, & prudente,mas não hum barbaro, insolente com tanto poder,& com victorias,& com triumphos. Porque reputa o pedir por fraqueza, aquelle, a quem esuaesse a tyrannia & violencia. Pede sempre o rendido,& nunca rogou o victorioso. Era este infiel, tão soberbo & arrogante, como bem se conhece por estes titulos, com que se nomeaua ao Papa Iulio III. na sua carta. O maior Rey, senhor dos senhores,Nobre,Excellente,Sabedor, Iusto,Conquistador, Victorioso, Rey dos Reys, Espada do mundo, Principe da fee de Mafamede,&c. E sendo esta a sua presumpção & locura furiosa, busca a valia do Summo Pontifice, pera se liurar do forte braço & grande poder das Armadas Portuguesas,que tanto inquietauão & offendião a seus vassallos pello mar Roixo, que lhes assolauão cidades, destruião as pouoaçoẽs, & abrasauaõ lugares de grande força.

Os Principes Catholicos de Europa, obrigados de tanta potencia, procurarão com grande empenho alianças, & amizade com ElRey Dõ Manoel, solicitandoas com grandiosas embaixadas, como os Reys Catholicos, Dõ Fernando, & Dona Isabel,



Banco de España. Biblioteca

mandando por ſeu Embaixador a eſte Reyno a Dõ Affonſo da Sylua, pedindo pazes perpetuas, anno de 1496. ElRey Henrique Oitauo de Inglaterra, com ſua grandioſa embaixada, procurou o meſmo com effeito, no anno, de 1509. Liſongeando o Real animo Portugues, com o habito da mais celebrada Ordem daquelle Reyno, nos tempos paſſados & catholicos da Garrotea (vede os tempos, dauanos então o Ingles, & hoje?

O magnanimo & valeroſo Rey de França Franciſco, primeiro do nome, mandou por Embaixador a eſta Corte a Monſiur de Lanjaqua, Gouernador de Auinhão, procurando com grande inſtancia a amizade delRey, & que entraſſe com elle em hũa liga, que dezia ſeria de fero indiſſoluuel, ſe quizeſſe entrar nella ElRey de Portugal; no anno, de 1516. Confirmouſe a paz, mas não a liga, por juſtas razoẽs. O Archiduque de Auſtria Dom Carlos, pedio tambem pazes a ElRey, eſcolhendo pera meſhor expediente, hum Embaixador Portugues, que foi Pero Correa, que là andaua, no anno, de 1516. A Republica de Veneza, procurou com grande effeito noſſa amizade, mandando ſeu Embaixador, Alexandre Pezaro, no anno, de 1520. confirmando a que já tinha aſſentada cõ noſco, no anno, de 1500.

A Emperatriz Elena, mãy, & tutora de Dauid, Emperador da Vaſta Ethiopia (que ſe diz Abexim,



Banco de España. Biblioteca

ou Preste Ioão ) mandou a Portugal hum grande senhor, chamado Matheus, a fazer pazes perpetuas com ElRey, no anno, de 1513. O grande & potentissimo Xeque Ismael Rey da Persia, procurou grãdemente a amizade do senhor Rey Dom Manoel; & o respeito que lhe tinha, declaraõ bem estas palauras de hũa carta que lhe escreueo, & saõ estas. Ao grande Rey, & senhor da alta Coroa, honra da Ley do Mexias, Rey dos Reys Christaõs, de grande coraçaõ, senhor Bemauenturado, &c. Refereas Goes, na 4. par cap. 11. Assi os demais Principes, & Potentados liures, Reys de Africa, & India Oriẽtal. A muitos Principes socorreo & ajudou poderosamente, & em particular a Carlos Quinto Emperador, com muita artilheria, & com muito dinheiro (que tudo hauia entaõ, effeito do bom gouerno, o dinheiro, he pera as Armadas, & estas tambem augmentaõ as riquezas ) no tempo das Communidades, contra aquelles, que o buscauaõ, & deixauaõ o natural senhor. Recusou ElRey, vencendose assi, vencendo a ambiçaõ de dilitar a Real Coroa, com o dominio & Imperio alheo, tropeço em que tantos caem, & tentaçaõ, que a tãtos rende. Refereo Souza, no Epitome, parte 3. cap. 15.



Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXX.

## *De outros nobres & gloriosos effeitos, que procedem de grandes Armadas.*

SE buscarmos a causa, & motiuo de tantos & taõ gloriosos effeitos, acharemos, que naõ foi outra mais, que o grandissimo poder, q̃ ElRey Dom Manoel pòs no mar, cortandoo continuadamente, com tantas & taõ poderosas Armadas, que foi hum assombro do mundo, que vence a memoria de todos os Principes, que nesta mais importãtissima empreza (tão mal entendida de muitos) mais se adiantarão. Por este respeito, foi tão respeitado de todos, & pera dizer melhor, temido, & inuejado. Causaõ as grandes Armadas tres grandiosos accidentes, que saõ: *Segurança da Monarchia: Dilatação do Imperio: E temor nos estranhos.*

Excellentemente se comprouão os dous primeiros assumptos, com este lugar de Tacito, cõmentado por Dom Balthesar Alamos, de Barrientos, na vida do famoso Capitão Romano, Iulio Agricola. Tendo este sogeitado á força de armas a Ilha de Irlanda, & temendo inuasaõ de inimigos, sobre hũa Cidade, que se dezia, Bedotria, & que lhe impedissem

Banco de España. Biblioteca

ſem o paſſo & caminho, à paſſagem dos exercitos, reconheceo os poſtos, com a Armada a primeira vez, que ſe entregou a Agricola, com cujas forças lhe ſuccedia tudo proſperamente, fazendo, em hum meſmo tempo, guerra aos leuantados, por terra, & por mar. Aſſi eſcreue Tacito, na lingua latina, traduzido na vulgar.

Illuſtrando o douto Barrientos eſte lugar, com ſeus diſcretos, & politicos Aforiſmos, aſſi eſcreue no numero 154. em Eſpanhol. *Quando ſe teme en las tierras, que alcançan mar, algun lleuantamiento de inimigos, y daños por el, procureſe tener armada, y ſabidos los puertos, con que ſeran ſeñores tambien de la tierra, y mas ſi en eſta ay exercito y gente de guerra.* Aſſi diſcurſa eſte graue Autor cõ ſuas grandes letras, & experiencia militar.

Deſte Aforiſmo ſe proua, & do exemplo do Capitão Agricola, que as armas & forças maritimas ſeguraõ o Reyno & a Monarchia, & dilataõ & extendem o dominio & imperio, & que com ellas, ſendo os Principes poderoſos no mar, ſe fazem ſenhores da terra, ganhando mais Prouincias & Reynos, com grande augmento do Real ſenhorio. Tucidides hiſtoriador doutiſſimo, claramente comproua eſte aſſumpto, dizendo. *Qui habet maria, omnia poſsidet:* quem ſenhorea o mar, domina a terra. No caſo & contingencia de Agricola, ſe achaõ os Portugueſes no tempo preſente; porque ſe teme a inua-



Banco de España. Biblioteca

ſaõ do inimigo. Eſta ſe impede & diuerte com a Armada, como diz Tacito, & ſe ſegura a Patria, & ſe ganha tal vez mais terra, como affirma Barrientos, & he verdade infalliuel, exprimentada & certa.

O terceiro accidente, que tambem a Armada cauſa, he temor nos inimigos & contrarios, temendoſe ſempre mais o Principe, que no mar he mais poderoſo, pello receo & medo, que concebem os outros de ſuas forças, com que os pode infeſtar, quando quizer. E tanto ſe achaõ mais receoſos, quanto menos noticia tem, & certeſa da inuaſaõ contraria, que grandemente os intimida; aſſi pella grandeza do mal, que ſe repreſenta; como pella pouca preuenção & fraqueza com que ſe achão. Propriedades & condiçoẽs, que ſempre acompanhão o temor de qualquer dano, & que ſempre o reforção & augmentão, como o Doctor Angelico inſina, na Prima ſecundæ, queſtão 42. Artigo 5. *Timor, ex duobus contingit. ſcilicet, ex magnitudine mali, & ex debilitate timentis.*

Gentil he eſte ſegundo lugar do allegado Tacito, que lemos na vida & feitos de Cayo Emperador Romano, que em Portugues vem a dizer, fallando do meſmo Agricola, na conquiſta das Prouincias de Frizia, & Sueuia. *Mandou a Armada diante, peraque roubando em muitas partes, cauſaſſe hum eſpanto incerto & grande.* Eſtas ſaõ as palauras de Tacito, que

que grandemente esmalta Barrientos, no Aforismo 173. dizendo. *La armada que corre por la costa inimiga, es dudoso, y grande el espanto que causa, no se sabiendo pontualmente, donde irá dar.* Desta maxima tão ordinaria & corrente, bem se argumenta & infere, que causa a Armada do Principe, receo & temor nos inimigos & contrarios. Sendo pois estes accidentes infalliueis & necessarios, he muito pera estranhar o descuido de hum Gouernador, que faltar neste emprego, quando lhe não falte cabedal, & substancia pera o executar & obrar.

O maior & mais excellente mestre deste exercicio militar, & o mais docto Principe, & que melhor comprehendeo & practicou esta mais nobre & illustre Arte, foi o senhor Rey Dõ Manoel, & como conheceo, q̃ as forças de maior importancia & peso (pera cõseruação & segurança de Portugal) erão as Armadas do mar, pos nelle tantas, tão poderosas, & tão continuas, que esta Monarchia se conseruou segura, & dilatou gloriosa, mais que em tempo de outro Principe algum. E assi naquelle felice tempo, triumpharão os Portuguefes com estabilidade seguros, dilatarão o Imperio com gloria, & cõ valor, intimidarão seus inimigos.

E com a excessiua & innumerauel despeza de tantos milhoẽs de ouro, que leuauão as Armadas quotidianas, o multiplicarão de sorte, q̃ se estimaua

menos

menos o ouro, que a prata, como diz o eloquente Portugues, Manoel de Faria de Sousa, na 3. par. cap. 15. em idioma Castelhano, cujas palauras repetimos, pera maior confirmaçaõ deste discurso. *Parecia la Corte Portuguesa vna plaça vniuersal, y patria cõmum de todas las naciones, todas salian cargadas preciosamente. El oro fue tanto, que llegó a estimarse menos, que la plata, y poco mas que el cobre.* Nobre parto & generosa producção das grandiosas Armadas, que se custosas, tão rendosas, que seguraõ & defendem a terra, & a fazem rica, opulenta, & grandiosa.

## CAP. XXXI.

### *Das muitas & fortes Armadas, que fez o senhor Rey Dom Ioão o Terceiro.*

CONhecendo este magnanimo Principe os nobres, & illustres effeitos, que resultaõ a hũa Monarchia, que se empenha em grandes forças maritimas, tanto se empregou & empenhou nestas (& foi herança que seu pay lhe deixou) que sempre teue grandes Armadas, com que viueo com descanço & repouso, no mesmo tempo, que suas gloriosas armas o tirauaõ aos Turcos, Mouros, &

outras

Banco de España. Biblioteca

outras mil barbaras naçoẽs. As que achamos escritas pellos liuros, saõ as seguintes, que referimos neste catalogo, nas quais tanto se adiantou, que parece, excedeo a todos seus antepassados.

1. Tanto que este Principe tomou o gouerno do Reyno, logo mandou a India tres naos grandes & poderosas, de que foraõ Capitaẽs Diogo de Mello, Dom Pedro de Castro, Dom Pedro de Castelbrãco, & forão sem Capitão maior, anno 1522. em que tomou posse desta Monarchia, por quanto El-Rey Dom Manoel seu pay, morreo aos 13. de Dezembro, de 1522.

2. Armada de sette naos pera a India, Capitão mòr Diogo da Silueira, anno 1523.

3. Armada de dez naos grandes, & sinco carauellas muito fortes, Capitão mòr o ViseRey Dom Vasco da Gama, anno 1524.

4. Armada de sinco naos, Capitão mòr Phelippe de Castro, anno 1525.

5. Armada de sinco naos, sem Capitão mòr, anno 1526.

6. Armada de sinco naos, Capitão mòr Manoel de Lacerda, anno 1527.

7. Armada de onze naos, Capitão mòr Nuno da Cunha, que hia por gouernador pera a India, anno 1528.

8. Armada de quatro naos, Capitão mòr Diogo

da

Banco de España. Biblioteca

da Silueira segunda vez, anno 1,529.

9. Armada de sinco naos, sem Capitão mór, anno, 1530.

10. Armada de sinco naos, sem Capitão mòr, anno, 1531.

11. Armada de doze naos, Capitão mór Dom Pedro de Castelbranco, anno, 1532.

12. Armada de seis naos, em duas Capitanias mòres: de hũa Capitão mòr Dom Ioão Pereira, da outra, Dom Gonçalo Coutinho, anno, 1533.

13. Armada de sinco naos, Capitão mòr Martim Affonso de Sousa, que depois gouernou a India, anno, 1534.

14. Armada de sette naos, Capitão mòr Fernão Perez de Andrada, anno, 1535.

15. Asmada de sinco naos, Capitão mòr Iorge Cabral, anno, 1536.

16. Armada de sinco naos, sem Capitão mòr, anno, 1537.

17. Armada de doze naos, Capitão mòr o Viso-Rey Dom Garcia de Noronha, anno, 1538.

18. Armada de quatro naos, Capitão mòr Francisco de Sousa Tauares, anno, 1539.

19. Armada de sinco naos, Capitão mòr o Gouernador Martim Affonso de Sousa, anno, 1540.

20. Armada de sinco naos, sem Capitão mòr, anno, 1541.

21.

Banco de España. Biblioteca

21. Armada de ſinco naos, Capitão mòr Dom Diogo da Silueira, anno, 1542.

22. Armada de ſinco naos, Capitão mòr Fernão Perez de Andrada, ſegunda vez, anno, 1543.

23. Armada de ſeis naos, Capitão mòr o Gouernador Dom Ioão de Caſtro, anno, 1544.

24. Armada de quatro naos, Capitaõ mòr Lourenço Pirez de Tauora, anno 1545.

25. Armada de quatorze naos, repartidas em duas Capitanias, anno, 1546.

26. Armada de tres naos, & duas carauellas fortes pera o Braſil, Capitão mòr Thome de Souſa, no meſmo anno.

27. Armada de ſinco naos, Capitão mòr D. Aluaro de Noronha, anno 1547.

28. Armada de ſinco naos, ſem Capitão mòr, anno, 1548.

29. Armada de noue vellas fortes & grandes à Coſta do Algarue, & às Ilhas, Capitaõ mòr Luis Coutinho, no meſmo anno.

30. Armada grande ſobre Alcacere, Capitão mòr Dom Pedro Maſcarenhas, no meſmo anno.

31. Armada de doze nauios grandes, pera guarda do Algarue, a qual depois foi a Guinè, Capitão mòr Dom Pedro da Cunha, anno o meſmo.

32. Armada de ſinco naos, Capitão mòr o Viſorey Dom Affonſo de Noronha, anno, 1549.



Banco de España. Biblioteca

33. Armada de ſinco nauios, Capitão mòr Luis Figueira, anno, 1550.

34. Armada de ſinco naos, Capitão mòr Diogo Lopez de Souſa, anno, 1551.

35. Armada de tres naos, Capitaõ mòr Fernaõ Soares d'Aluarenga, anno, 1552.

36. Armada de duas naos, Capitaõ mòr Dom Iorge de Meneſes Baroche, no meſmo anno.

37. Armada de quatro gales, & ſinco nauios pera defenſaõ do Algarue, Capitaõ mòr Dom Pedro da Cunha, General das gales, no meſmo anno.

38. Armada de ſeis naos, Capitaõ mòr Dõ Pedro Maſcarenhas, ſegunda vez, indo por Viſorey da India anno, 1553.

39. Armada de ſinco naos, Capitaõ mòr Leonardo de Souſa, anno, 1554.

40. Armada de ſinco naos, Capitaõ mòr Dom Ioão de Meneſes de Siqueira, anno, 1555.

41. Armada de ſinco naos, Capitaõ mòr Dom Luis Fernandes de Vaſconcellos, anno, 1556.

CAP.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXXII.

## *Tocáse breuemente, a inconstancia do poder do mundo, & de suas grãdezas.*

Vlueo o senhor Rey Dom Ioão o Terceiro sincienta & sinco annos, reinou trinta & sinco & meio, morreo a onze de Iunho, da Era de 1557. hũa sexta feira depois da meia noite, que foi dia de São Bernabe Apostolo, tendo nascido nos Paços da Alcaçoua (que saõ os do Castello de Lisboa) hũa segunda feira, quasi duas horas depois da meia noite, que foraõ 6. do mes de Iunho, do anno de 1552. De modo que este Principe nasceo no mes de Iunho, no dia referido, depois da meia noite, & no mesmo mes morreo tambem, depois da meia noite.

Tomou posse destes Reynos, em 19. do mes de Dezembro, da Era de 1521. por auer morto seu pai ElRey Dom Manoel, aos 13. do dito mes de Dezembro. E no discurso de trinta & sinco annos & meio, que teue o Imperio de Portugal, tanto se empregou em grandes Armadas, que mandou a India no dito tempo, mais de duzentas & quarenta naos grandes & fortes; a fora outras muitas & grandes

Armadas

Banco de España. Biblioteca

Armadas de grandissimo poder, que mandou a Africa, às Ilhas, ao Brasil, & outras partes differentes, com que fez grandiosa a fama da potencia de Portugal, & seu nome eterno na memoria dos homens.

No periodo & termo de trinta & sinco annos, que teue de duraçaõ o gouerno deste grande Principe, mandou a India hũa, quasi immensa multidaõ de fortes & duros Baxeis, argumento claro de sua grandissima potencia, que foi taõ grande, que assombra os presentes, assi como intimidou os passados, & espantarà os vindouros. E postoque este poder Portugues, medido & regulado pellas forças que vemos, parece incriuel ao juizo humano, naõ se duuide; porque o abonaõ & acreditaõ, naõ sò os Escritores naturaes, mas tambem os estrangeiros. Estas variedades, estas mudanças, saõ accidentes infalliueis, & inseparaueis deste mundo, que se conserua com estas intercadencias. Transeunte & passageira he entre os homens a constancia, & a duraçaõ & firmesa de suas glorias & grandezas; & só em Deos, saõ permanentes, firmes, & perpetuas.

Aduirtase ao discreto Leitor, que o §. q̃ começa: Tinha sempre hũa Armada viua, &c. & outros que vaõ no Cap. 27. pag. 149. pertence ao Cap. 31. por ser do senhor Rey D. Ioão III. & naõ do senhor Rey D. Manoel.

CAP.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXXIII.

## *Comprouase, como o Principe inclinado a grandes Armadas, sempre foi liberal com seus vassallos.*

NAõ podemos negar, que foi este mais poderoso Monarcha muito amigo de nouidades, naõ destas que estranhamos, & reprehendemos, mas daquellas, que mais illustraõ a grandeza & liberalidade Real, acquirem, & conciliaõ o amor dos vassallos (thesouro mais rico & importante) & que mais sublimaõ hum Imperio ao summo poder, & fortaleza. Comprouemos estes mais nobres & regios accidentes, cõ alguns successos & exemplos.

Assi escreue Vasconcellos, no Anatephalcose 15. num. 18. fol. 292. Chegãdo da India a esta Corte hum homem, por sangue illustre, & por esforço, & por seruiços grande, continuados por largos annos naquelle Estado, tomaraõlhe os officiaes da Casa da India por perdidos, por naõ virem registrados, hum bisalho de Diamantes, & outras pedras preciosas, que valiaõ doze mil cruzados. Era a tomadia grande, & na entrega della esperauaõ grandes despachos (zello nacido não da fideli-



Banco de España. Biblioteca

dade, que se deue ao Principe, mas da cobiça, & proprio interesse.) ElRey recebeo a tomadia, & meteoa debaixo do panno de hum bufete.

Conhecia o dono, & sabia que naõ era rico. Mandouo chamar, & perguntoulhe por cousas da India; & vltimamente, se viera com algum cabedal? O soldado lhe respondeo, que algum trazia, ajuntado em muitos annos, & com muito trabalho & fadiga, & que escapando a todos os perigos do mar, & dos cossarios, o perdèra todo dentro em casa, & que eraõ huns diamantes, que valiaõ doze mil cruzados. Mostrouse ElRey sentido do successo, & disselhe, se vòs os virdes, conhecelloseis? Respondeolhe, si senhor. Tirouos o grande Principe debaixo do panno, & vendoos o dono, reconheceo a sua pedraria. Tornou ElRey dizendo: Sei muito bem a satisfaçaõ cõ que me tendes seruido, ideuos embora com a vossa pedraria.

Naõ eraõ maos doze mil cruzados pera as despezas Reaes; grande era a tomadia, mas este glorioso Monarcha, & este Alexandre Portugues, estimaua menos o ouro, & mais o amor de seus vassallos: & com grande & verdadeira razaõ; porque os cruzados, cõ breuidade se gastaõ, & os coraçoẽs rendidos ao Principe, sempre duraõ. Desprezou as riquezas de Dario, em sua presença Diogenes pobre, mas grande Sabio, dizendolhe. *Seu mais rico, do que tu es,*

*porque*

Banco de España. Biblioteca

*porque as tuas riquezas pereecem, ou às mãos do tempo, ou da cobiça. Mas as minhas, como são de bons amigos, durão muito, & permanecem.* Quem persuadira ao mundo esta verdade! Quem vira abraçada dos homens taõ certa, & irrefiagauel doutrina? Que difficuldades não rõpèra hũ vassallo obrigado, & amãte do seu Principe? Obriga & prẽde a liberalidade os coraçoẽs; a escaseza, os faz isentos & liures, diz Publio Syro.

Refiramos outro exemplar do mesmo Autor, no lugar que deixamos aduertido. Vindo outra frota da India (que todos os annos vinha, porque hia, que no Oriente tem aquelle grande Estado o corpo, a quem Portugal cõmunica a alma & a vida) hum Indiatico achando lugar hũa noite, as furtadas, tirando grande cantidade das mais preciosas drogas, encheo dous barcos, e se foi com elles a Sacauem, pera dali por terra as pòr em parte segura. Sabido o furto, deuse conta a ElRey. Mandou chamar o delinquente, & era o Capitaõ da nao, informandose do crime, conheceo, que o ser pobre fora o motiuo, & occasiaõ.

Esperando os Ministros leuallo preso, carregado de ferros, sahio com hum real decreto, que fosse descarregar os barcos a sua casa, & que liuremente se ficasse cõ a sua fazenda (que tal ficaria aquella deuota gente!) porque necessitaua della, & com muita afflicçaõ & custo a tinha acquirido & gran-



Banco de España. Biblioteca

geado,& que na materia se naõ falasse.

Com estas, & com outras taõ illustres, & grandiosas acçoẽs, ganhou este soberano Monarcha o mais honrado nome de Pay da Patria. Amaua a seus vassallos como filhos, & estes o amauaõ como Pay. E que segura & poderosa se achaua entaõ esta Monarchia! Esta liga he a primeira, he a mais forte & dura,& de maior importancia pera segurança do Principe, conseruaçaõ & augmento do Reyno. Esta nouidade he a de maior preço, & pera os que gouernaõ a mais necessaria & precisa.

A outra nouidade em que (com todas as forças, & incansauel cuidado, procurou effectiuamente exceder aos Monarchas, que o mundo celebrou mais poderosos) foi nas grandes, fortes & continuas Armadas, com que pouoaua os mares, como jà em parte,& por maior deixamos ditto; & na realidade foraõ tantas ,& taõ soberbas & duras, que diz Vasconcellos, que em seu tempo se viraõ as maiores em poder & multidaõ, que a memoria, & a fama continuaõ & conseruaõ.

Assi escreue no numero 32. *Illo regnante classes omnium maximæ, robore, ac milite ornatissimæ.* Naõ satisfeito ElRey de manifestar seu poder, com a multidaõ excessiua dos guerreiros Baxeis, que mandou fabricar em seu tempo; de nouo,& com particular inuentiua & applicaçaõ, mandou formar hum taõ

grande,

Banco de España. Biblioteca

grande & tão poderoso, que fez a todo o Vniuerso bizarra ostentação da potencia de seu braço forte & real grandeza; intentando, que a extraordinaria forma de hum só corpo naual, certificasse os olhos que o viaõ, das forças de Portugal, que em innumeraueis vasos, se conhecião repartidas.

## CAP. XXXIV.

### *Do grandioso arteficio do mais forte, & poderoso Galeão São Ioão, que tanto acreditou este Reyno.*

COm este veramente real & grandioso intento, mandou laurar o Galeão S. Ioão, que por fama viue na posteridade, com o nome de Bota fogo. Foi este o maior, & o mais forte & guerreiro baixel, & o de maior força, que os homens viraõ, & por ventura naõ hajaõ de ver. Assombrou o mundo com sua grandeza, & pera seu dono grangeou nome immortal. Todos os Escriptores estrãgeiros passados & presentes o celebrão & engrandecem; & sò os Portugueses o enterraõ & occultaõ, acção na verdade ingrata ao deuido reconhecimẽto de hum tal Principe, que tanto se desuelaua, em



Banco de España. Biblioteca

illuſtrar as glorias de Portugal, por todas as vias poſſiueis.

Muito he pera ſentir, que as penas de caſa, lancem borroẽs nas proprias grandezas, quando as de fora ſe aparaõ & adelgaçaõ pera as eſcreuer com mais clareza. Se o motiuo fora modeſtia, era indiſcreta; mas he natural deſcuido, & falta grande. Occultar defeitos he prudencia; enterrar grandezas, naõ he de hiſtoriador. Graças mil aos Chroniſtas eſtranhos, & poucas, ou nenhũas aos naturaes. Eſte vexame ouçaõ com paciencia, pello trabalho, que nos deo ſua negligencia & deſcuido; porque naõ sò na eſtampa ſe paſſou por alto a grandeza, & particularidades notaueis deſte mais celebrado galeaõ, mas ainda poucos papeis antigos achamos, que renouaſſem a memoria taõ deuida de ſua grandeza. Neſta falta, aperto, & eſcuridaõ, faremos & colheremos ſua poderoſa & eſpantoſa corpulencia, por conſequencias topicas, ou prouaueis, inferidas do que os Autores eſcreuem, referem memorias antigas, & a tradiçaõ continua do Reyno, confirma, cõuence & perſuade; & naõ pouco authorizada, com as noticias que colhemos de hum liuro antigo de maõ, de muitas couſas paſſadas, & dignas de memoria, q̃ tinha Dõ Antonio de Meneſes, Comendador de Caſtelbrãco, q̃ Deos tem, que elle eſtimaua muito, & nos cõmunicou, eſtãdo na villa de Abrãtes.

Todos

Banco de España. Biblioteca

Todos os graues Escritores, antigos & modernos estrãgeiros, illustraraõ seus escritos, com a memoria desta fortaleza maior, torre naual, & machina mais gnerreira, como destes q̃ referimos (por ser impossiuel allegar todos) se colhe, & argumenta.

Assi escreue o grande Chronista Illescas, na 2. p. da Historia Pontifical, liuro 6. cap. 27. §. 1. fol. 346. falando da jornada, que o Emperador Carlos V. fez a Tunes em Africa, no anno de mil quinhentos, & trinta & sinco, aonde foi este famoso Galeaõ São Ioão. *Vino tambien alli el Infante Don Luis de Portugal, hermano de la Emperatriz nuestra señora, con veinte y sinco carauelas, y con vn Galeon, el mayor, y mas bien armado, que hasta entonces se hauia visto en la mar.*

Sandoual, na 2. par. da Historia de Carlos Quinto, liuro 22. §. 4. *Entró con las carauelas vn Galeon armado, gruesso, y famoso, en aquellos tiempos por su grandeza.* E adiante diz. *Las carauelas de Portugal, con las galeras de Don Aluaro Bazan, lleuauan la vanguardia.* Eraõ as carauellas daquelle tempo, maiores que as de agora, fortes, & muito armadas, com artilharia, & soldadezca, & por serem estas, as pos o Emperador na vanguarda, em que vaõ os nauios de maior força, primeiros no choque, & na batalha. Com ellas nauegaua o galeaõ referido, como Capitão & General de toda a Armada Imperial, q̃ se formaua de setecentos vasos. Assi se collige destas palauras de



Banco de España. Biblioteca

Sandoual. no §. 14. *Adelantose el Galeon de Portugal, lleuado de dos galeras al remo, y començo a bombardear la Cõleta, con ochenta bocas de fuego, y mas sessenta menores.* Cõforme este Autor, jugaua cento & quarenta peças de artilharia, mas mais eraõ na verdade.

Manoel de Faria de Soula, no Epitime das Historias Portuguesas, 3. par. c. 16. num. 9. algum cuidado teue; porque sendo Portugues, faz memoria deste Galeaõ, em lingua Castelhana. *Llegó el Infante Don Luis, cuñado del Empeaador a Barcelona, mientras desde Lisboa nauegauan 26. vasos, el mayor dellos, con duzientas pieças de artilharia.* Assi escreue, mas diz pouco.

Esteuão de Gariuay, no quarto volume da Historia de Espanha, liuro 35. cap. 37. *Ayudò el Rey de Portugal al Emperador, con buena armada, de vn famoso Galeon, y muchas carauelas.*

Paulo Iouio, no liuro 34. das historias, fol. 231. na lingua latina refere assi. *Ludouicus Lusitani Regis germanus frater, cum classe viginti quinque nauium, quas carauellas vocant. In his videre erat excelsum galeonem, incomparabili tormentorum apparatu præmunitum. Ea in classe duo milia peditum, præter nautas.* Quer dizer em vulgar idioma. *Assistio na jornada de Tunes o Infante Dom Luis, irmão del Rey de Portugal, com hũa armada de vinte & sinco naos, das que chamão carauellas; & com ellas era muito pera ver & admirar hum hum grandissimo*

*& le-*

Banco de España. Biblioteca

*& leuantado Caleão, com hum incomparauel espectaculo, & apparato de artilharia, que todo o cercaua & armaua fortemente. E nesta armada nauegauão dous mil infantes Portugueses, a fora a gente do mar.*

Girolamo Ruscelli, no liuro 34. diz assi. *Era venuto ancora de Portagallo, l'Infante D. Luigi, fratello carnalle del Re di Portogallo, la cui sorella era moglie dell'Imperatore, con vna armata de venticinque naui, dequelle, che si chiamano carauelle, auezze alle nauicationi d'India; fra queste carauelle, era vn gran Galeone fornito d'vn grandissimo numero de artiglierie, &c.*

Diz Ruscello. Chegàra tambem de Portugal o Infante Dom Luis, irmão carnal del Rey de Portugal, cuja irmãa era molher do Emperador, com hũa Armada de vinte & sinco naos, chamadas Carauellas, costumadas à nauegaçaõ da India. E entre ellas, vinha hum famoso & grande Galeaõ, armado & fortalecido, com hum numero grandissimo de artilharia.

Tarcagnota, na 3. par. da historia do mundo de Mambrino Roseo, liuro 3. fol. 170. escreue assi (que athe Italia celebrou, & se assombrou, com este Galeão). *Viera parimente venuto l'Infante D. Luigi di Portogallo cognato dello Imperatore; qui haueua pè le mare condotto vn armata di venticinque naui, ben fornite, di artiglierie, i di ogni altra cosa, da loro chiamate carauelle, con vn gran galeone; che tute insieme, portauano du mila Portugesi,*

*vale-*

Banco de España. Biblioteca

*valeroſi, in mare.* Naõ neceſſita de tradueçaõ, porque bem ſe entende.

Franciſco de Andrada, Chroniſta mòr, que foi deſte Reyno, na vida & feitos delRey Dom Ioão o Terceiro, par. 3. cap. 15 pouca curioſidade moſtrou na diſcripçaõ deſte Galeão, deixando cair das mãos obra tão groſſa, & machina tão grande. Contẽtouſe com dizer o ſeguinte, poupando a pena, & fiando tudo da noſſa memoria, que pera o que releua & importa, he muitas vezes fragil & eſquecida; & pera o que menos val, muito apurada & eſperta. Aſſi toca o particular Andrada, folhas 20. verſo. *ElRey noſſo ſenhor, que não ſe deſcuidaua da Armada, que o Emperador ſeu cunhado lhe mandara pedir, logo em tendo o ſeu recado, mandou fazer preſtes hum grande & fermoſo galeão, chamado São Ioão, que então hauia neſte Reyno, tão afamado em todas as partes, que achei eſcrito, que o Emperador lho mandara pedir, & duas naos groſſas, & vinte carauellas, em que embarcou muita & mui boa gente, muitas munições, & boa artilharia, &c.* E a folhas 22. diz o ſeguinte, & por deſcuido. *Não tardou muito tempo, que ſe não começaſſe a bataria, por terra & por mar, com tamanho eſtrondo, & terremoto (ſem ceſſar hum sò momento) que logo nos inimigos ſe começarão a enxergar moſtras de fraqueza, em que o noſſo Galeão (que batia por ſima de toda a armada) o fez de maneira, que de propoſito ſe punhão os olhos nelle.* E al não diſſe eſte Eſcritor, paſſandolhe por alto, cõ

o mais

Banco de España. Biblioteca

o mais, o numero grande de artilharia, que jugaua. Deos lhe perdoe, que em tempo escreueo, que o podera apurar.

## CAP. XXXV.

### *Da tradição & memoria, que os Antiguos nos deixarão deste Galeão.*

EM grande obrigação estamos os Portugueses aos Autores estrangeiros, que com seus illustres escritos nos inculcão & conseruão as excellentes & nobres memorias de Portugal, que os naturaes, com tanta culpa & descuido, extinguem, encobrem, & sepultão. Falta na verdade grande, & muito pera sentir, & particularmente à vista dos estranhos, que tanto engrandecem, celebrão, & perpetuão as suas; não sò em liuros, que sempre viuem, mas nas continuas tradiçoẽs constantes, & permanentes.

Esta excellencia & perfeição, se conhece em todas as naçoẽs do mundo, & em particular no Reyno de França, que vimos em seruiço (mas sem premio) desta Real Coroa, no anno de mil & seiscentos & quarenta & quatro; alcançando, que todas as cousas grandes, & notaueis daquella Monarchia se con-

Banco de España. Biblioteca

conserua na Estampa, & todas andão na memoria, & boca de todos. Acção na verdade nobre, & digna de gente de entendimento & juizo. Grande he o nosso esquecimento, assi o tocou delicadamente o maior Poeta.

*Não deixarão meus versos esquecidos*
*Aquelles, que nos Reinos là da Aurora,*
*Se fizerão por armas tão sobidos.*

Supposto que o primeiro entendimento do Poeta he dizer, que não serão esquecidos os illustres Heroas, que tanto dilataraõ o Imperio do Oriente, tambem em segunda intelligencia, & não impropria, chama seus versos esquecidos por dous titulos. Hum, pellos sogeitos que com elles engrãdece, que jâ estauão esquecidos cõ suas proesas & façanhas; outro, porque via, que athe os seus versos, em que as canta & louua, hauião de ser em breue tambem esquecidos, pello natural esquecimento Portugues.

E tanto he isto assi, que ha homens, que vos repetem as chimeras & fabulas de Gongora inteiras, sem as entender (& por isso tem disculpa, porque a intelligẽcia diz relação a entidade, esta lhes falta) sem se lembrarem dos excellentes versos de Camoẽs, tão cheos de verdades, que assombraõ, & tão ricos de sentenças, que ensinaõ. Já disse antigamente

mente hum grande ſenhor, mui diſcreto (cuja memoria com tanta razão celebra eſte Reyno) conhecendo eſta falta noſſa. *Los Portugueſes todos los miercoles, han meneſter vn Memento homo.* Muito nos eſquecemos de tudo o que nos honra, ſublima & engrandece. Alguem quiz diſculpar eſte defeito, com a falta do fauor. Aſſi parece o ſentia jà em ſeu tempo o noſſo Virgilio Portugues.

*Todos fauorecei em ſeus officios,*
*Segundo tem das vidas o talento.*

Eſta diſculpa ſerá baſtante pera reter a pena: mas hũa vez que hum Autor ſe reſolue em eſcreuer, ha de ſer como conuem, & pera não o deixar no tinteiro tudo o que importa, & tudo o que ſerue & conduz, pera ſublimar a gloria, & illuſtre fama de hum Reyno & Imperio. Neſta materia & neſte ſogeito, tem grandiſſimo & deuido lugar, a memoria & a lembrança de hũa obra tão grandioſa, & inſigne, qual foi o ſoberbo & famoſo Galeão Bota fogo, que tanto engrandece o Real animo de hum Principe, que fazendo tantas & tão poderoſas Armadas, de tantos & tão fortes nauios, ſoube em hũ sò fazer muitas, vnindo & compondo em hum ſogeito as forças, que por muitos poderoſos baxeis, ſe vião ſeparadas & repartidas.

E ſe

Banco de España. Biblioteca

E ſe he manifeſto argumento do ſoberano poder de Portugal, compòr muitos & grandes exercitos nauaes, & muitas & differentes naos, quem duuida, que he igual à ſua maior grandeza vnir, & reduzir a hũa sò, o poder de muitas Armadas? He o homem o mais cabal & perfeito compoſto do Vniuerſo, porque todas as perfeiçoẽs recopilou nelle o Artifice Diuino, diz o graue Tertuliano, no liuro 8. *Homo eſt ſumma creatæ pulchritudinis.*

Semelhantemente podemos diſcurſar no preſente aſſumpto. Se grandes exercitos nauais, ſaõ agradaueis à viſta, pella diuerſidade de famoſos baxeis; & tambem formidaueis, & terribeis pellas forças de que ſe compoem; com maior razaõ deue ſer aos olhos agradauel & fermoſo, hum sò Galeaõ, & juntamente eſpantoſo & terribel, comprehendendo & contendo dentro em ſi, todo o poder & forças de muitas Armadas. E deſtas, podemos dizer, que foi hum vniuerſal, exiſtente à parte rei, & a ſumma & forte vniaõ de ſeu poder.

A tradiçaõ que noſſos Pays & Auòs nos deixaraõ deſte mais ſoberbo, admirauel & famoſo Nauio, que aqui referimos, he eſta. Formauaſe o corpo, deſta maior fortaleza naual, de forte & dura madeira, que veſtiaõ ſinco cubertas altas, largas, & taõ compridas, que occupaua o comprimento, hũa vez & meia, de hũa grande nao da India. Eſta grandeza

dezia persuade facilmẽte o bõ discurso; porq̃ sendo as naos da India naquelles tẽpos, de quatro cubertas, como consta, pera este Galeaõ as exceder & ser maior, era força que se cõpusesse de sinco, & mais; porq̃ se fora de quatro, como ellas eraõ, fora igual, & naõ maior. E sendo superior na altura (pellas regras da maritima Architectura) necessariamẽte hauia de ter o referido comprimento.

Persuade-se mais esta grandeza excessiua, porque alguns dos Escritores, que allegamos, affirmaõ, que forão a Tunes na Armada de Portugal, tres naos da India, que erão de quatro cubertas; & Sandoual, no lugar que deixamos escrito, diz, que Andre Doria leuaua nellahum grandissimo Galeão, o maior, que se vio em Italia. A estes depoimentos & testemunhos verdadeiros, ajuntemos o de Francisco de Andrada, Chronista mòr, que depoem assi, na 3. par. cap. 15. fol. 22. col 1. *O nosso Galeão, que batia por sima de toda a outra Armada, o fez de maneira, que de proposito se punhão os olhos nelle, &c,*

Indo nesta poderosa Armada os maiores nauios, que hauia em Espanha, naos da India de quatro cubertas, & o alteroso Galeão de Andre Doria, & affirmando Andrada, que batia o nosso Galeão por sima de toda a outra Armada (que constaua de setecentos vasos maiores, grandes & pequenos) bem se infere, que era maior, mais grande, mais alto, & mais



Banco de España. Biblioteca

mais leuantado & superior, que todos elles; porque se não fora tal, nunca podera a sua artilharia jugar contra a fortaleza da Goleta, por sima de toda a outra Armada. E como nesta entrauão muitas naos de quatro cubertas, bem se argumenta & infere, que o Galeão Bota fogo, era de sinco & mais cubertas. Este discurso he formal & concludente na forma da boa Argumentação.

Diz mais a tradição, que era tão armado & forte, que jugaua tantas peças de artilharia, entre grãdes & menores, como quantos dias tem o anno, que saõ trezentos & sessenta & seis dias. E segundo esta constante memoria, com trezentas & sessenta & seis peças, de artilheria de bronze, se armaua & vestia. Assi o dà a entender a hyperbole & encarecimento de Paulo Iouio, jà referido, que tornamos a repetir, obrigados da formalidade de nosso discurso. Assi diz, no liuro 3. fol, 231. *In his videre erat excelsum galeonem, incomparabili tormentorum apparatu permunitum.*

Nesta poderosa Armada (diz este Autor graue) era muito pera ver (hum grandissimo Galeão, armado & fortalecido, com hum incomparauel & não visto apparato, & numero de artilharia. Quem affirma, que o numero era incomparauel das bõbardas, bem mostra, que a multidão era incriuel ao parecer de quem a não via. Menos diz logo Sandoual,

Banco de España. Biblioteca

doual, que o arma, com cento & quarenta; & pouco diz Faria, que o compoem, com duzentas. Seja logo o testemunho da tradiçaõ o mais certo, que jugaua trezentas & sessenta & seis peças de fogo, por tantas bocas de bronze, que he a multidaõ, & o apparato incomparauel de artilheria, que certifica Paulo Iouio.

Esta multidaõ incomparauel (& nunca athe entaõ, nem depois vista) se repartia por quatro andares de artilharia, que jugaua por cada banda, assentada nesta forma, como dizem. O primeiro, era ao lume da agoa, q̃ enchião canhoẽs mais reforçados & grossos de bater, que assombrauão a quẽ os via. O segundo, se compunha de colubrinas. O terceiro, se formaua de meios canhoẽs. O quarto, se auistaua cõ Esperas, & meias colubrinas. Pouoauaõse estas nauais galarias, cõ tantos vasos de bronze. Na poupa, & na proa, se leuantauaõ duas grandes torres, com hũa multidão notauel de bombardas, & tão visinhas & densas, que parecião duas pinhas de forte artilharia, em que entrauão as menores, que erão Camelos, pedreiros, meias Esperas, Aguias, Sacres, Falcoẽs & Berços. Vltimamente no conues, estauão grandes & fortes Roqueiras. Assi colhemos de algũas memorias antigas, que desenterramos do sepulchro do Portugues esquecimento.



Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXXVI.

## *Continuase o mesmo assumpto, & multiplicãose mais exemplos sobre a necessidade de Armadas.*

ESta grande, & espantosa arca de Noe guerreira, recolhia em si seiscentos duros, fortes, & destros mosqueteiros, & tresentos soldados mais, valerosos, esforçados & valentes, que jugauão espada & rodella; & alguns querem fossem mais. E naõ ha duuida, que assi hauia de ser; muitas almas, mais eraõ necessarias, pera animar corpo tão grande, taõ espantoso & terribel. Não se duuide o referido, que a tradição o affirma, & algũas memorias antigas o certificaõ. E naõ menos se conjectura & infere formalmente, pois escreue Andrada, no lugar citado, que o Emperador Carlos Quinto, mandou pedir a el Rey Dom Ioão Terceiro seu cunhado, que no socorro de Portugal, fosse este galeão celebrado.

Assi escreue este graue, ainda que deminuto, Author, a fol. 20. verso, col. 1. *Achei escrito, que o Emperador, lhe mãdara nomear este Caleão em particular, na Armada, que lhe mandara pedir, & duas naos grossas, & vinte ca-*

Banco de España. Biblioteca

*te carauellas, &c.* Bem se argumenta, & bem se infere destes antecedentes, que tal deuia ser este galeão, qual deixamos debuxado com a pena; pois hũ Principe taõ guerreiro, inuenciuel, & que tantas & taõ grandiosas Armadas tinha, que era tanta a opiniaõ & conceito que tinha deste nauio, que se empenha em o pedir nomeadamente. Grande sem falta foi o poder q̃ trasia, & extraordinaria deuia de ser a sua grandeza.

Naõ satisfeito ElRey Dom Ioão de ajudar ao Emperador, empenhouse muito em que este galeão fosse à empresa, taõ armado & poderoso, que podesse resistir, & romper toda a resistẽcia dos Mouros, que foi grãde, pellas grãdes fortificaçoẽs, que o renegado Barbarroixa, Rey intruso de Tunes, tinha feito na Goleta. Era esta hũa grande fortaleza, posta na ponta de hũa garganta, por onde o Mediterraneo entra com hum braço, & vai lauar os mufos de Tunes, vezinha da antigua & celebrada Cartago, caminho pouco mais de hũa legoa, de quem ainda apparecem algũas roinas. Dista esta garganta da Cidade duas legoas, & da fortaleza, a outra põta da terra, tinha o infiel posta por baixo da agoa, hũa forte & grossa cadea froixa & bamba, peraque os nauios menores & gales da Armada, naõ passassem pello rio assima, que tem pouco fundo, mas parassem naquella boca ou gargauta, o que na ver-



Banco de España. Biblioteca

dade aconteceo, como logo mostraremos, pera gloria de Portugal, & credito da tradiçaõ deste poderoso Baixel, que este respeito nos dilata, & faz estender a narraçaõ.

Sabida em Portugal esta preuençaõ, & conhecido este ardil, pella informaçaõ de alguns catiuos, que fugiraõ de Tunes, cuidandose na contramina, & expugnaçaõ da traça do Barbaro, elegeose hum excellente, & efficaz arbitrio, que o successo comprouou. Mandou ElRey fazer hum talhamar, ou serra grande de aço fino, o qual se pos pella proa do Galeão, pera que quando abalroasse a cadea, a podesse romper & cortar com facilidade, sem receber dano algum. Offereceose a occasiaõ preuenida, despois de os mais poderosos nauios do Imperio se acharem frustrados, & rechaçados da dura cadea, que naõ poderaõ vencer. Pede o Emperador ao senhor Infante Dom Luis, que com o seu Galeão a inuista, obedeceo; mas ficou o primeiro golpe em vaõ. Os Mouros, & os Castelhanos deraõ grandes gritas & surriadas de vosaria, mas differẽtes no fim; porque nos infieis, foi soberba, & nos Catholicos, desconfiança & gostinho, de que Portugal naõ leuasse a melhor: toce antiga nos Castelhanos, nos lhe perdoamos, cõ tanto que cõfessem a causa, & o porque.

Empenhouse o Infante, em segunda ferida, mandando

dando ao Piloto, que se fizesse ao mar, & que largasse todo o pano (preuençaõ que faltou no primeiro lanço) ao vento, que refrescaua em poupa, abrio o nauio as azas, enueste segunda vez a cadea, com tanta furia & violencia, que logo a rompeo, & fez em pedaços, leuantando hũa cerra de agoa, como hum monte. Ouue grandes viuas em toda a Armada, & nos inimigos temor & confusaõ. Lançou o Galeaõ ferro entre a dura sortaleza de Ladrilho, & a outra torre, & posse a bater a Goleta, como se fora de pedra & cal, & gastou tantas horas do dia em desparar & esbombardear a praça forte, que os Castelhanos espantados & assombrados de tantos, & taõ furiosos tiros, deziaõ, que se desfazia em fogo. E daqui lhe ficou o proprio nome, que o vulgo repete, & a pena naõ permitte, & nos lhe chamamos, Bota fogo.

Acabada a sua surriada & bataria, entraraõ os mais nauios da Armada na boca da garganta da Goleta, que tẽ de largura no principio, pouco mais de vinte braças, começandose segunda, jugaua o nosso Galeão por sima della toda, com que se desmantelou tanto a força, que em breues dias foi entrada & rendida.

Esta grande victoria principiou este Galeão famoso, rompendo aquella grossa cadea, que impedia o passo a tãto poder junto de poderosos nauios.

Nem estes obraraõ nada, se não fora tanta a força deste maior baixel, de que grande gloria & hõra resultou a Portugal; o que os Authores estranhos tãto celebrão. Os nossos se descuidarão de eternizar esta grandeza tão rara, em que ouuerão de gastar muitos capitulos, & não porem perpetuo silencio em hũa cousa de tanta importancia & credito pera a nação Portuguesa, & fazerem ostentação bizarra do real animo de hum Principe, que tanto entendeo a necessidade que este Reyno tẽ de Armadas; porque não contente de tantas, & tão poderosas, quantas fez, traçou hum tão poderoso Galeão, que valesse por muitas, & por todas. Assi se fez este Principe amado, respeitado, & temido.

O valeroso & guerreiro Principe, o senhor Rey Dom Sebastião, bem mostrou nos poucos annos, que teue de Imperio, a natural propenção, herança de seus auòs, a grandes Armadas, & a grandes exercitos (foi sempre o generoso animo bellico, accidẽte inseparauel dos Principes de Portugal) doutrina que estudou, & concebeo na tenra idade, a que tanto se entregou, que parece naceo mais pera a espada, que pera o Cetro; & que mais queria o duro capacete, que a Real coroa. Com singular valor & animo grandioso, cõseruou os exercitos nauais, que seus illustres progenitores lhe deixarão. E como aspiraua a empresas grandes, com hũa brauosidade incriuel,

incriuel, acrescentou tanto as forças nauais, com que passou a vltima vez a Africa, com intento nobre, & soberano (mal logrado por juizos incognitos de Deos) de o dominar & sogeitar, a fim de plantar naquellas vastas Regioẽs a lei de Christo, & o culto do verdadeiro Deos.

Pera o conseguir, cortou os mares Oceano & Athlantico, com hũa tão grande & poderosa Armada, que affirmão graues Authores daquelle tempo, que se compunha de mil & tresentas vellas, entre grandes & piquenas. Assi escreuem, Mariz, nos Dialogos, Dialogo 5. cap. 3. fol. 234. verso. Agustinho Domenichi, na historia vniuersal do Mundo. Marco Mambrino Roseo, na historia do mundo, 3. par. liuro 3. no segundo volume, & outros. Tanta era a multidão de naos, galeoẽs, nauios, carauellas, gales, & outros baxeis fortes, ainda que menores, que pòde este Principe sair com hum tão grande poder, que assombra, & parece incriuel, mas na verdade o não he; porque sempre este Reyno foi o mais poderoso nos exercitos do mar, como a fama continua persuade, & tantos & tão graues escritores certificão.

E vltimamente houue hũa poderosa Armada, q̃ chamarão dos doze Apostolos, de galeoẽs muito grãdes & fortes, feita cõ o dinheiro do Cõsulado (justo & licito tributo que pera Armadas se impòs, & nel-



Banco de España. Biblioteca

las sò se deue gastar) os quaes forão de grande poder & força, como a tradição affirma. Esta dizem, se consumio às mãos do gouerno Castelhano, que não fez nesta Coroa mais, que perder, & destruir, tratando tudo como fazenda alhea, & na verdade o era, & por nenhum titulo justificado sua. Dizem que destes afamados galeoẽs, que forão alterosos & grandes, escapou hum, que ainda hoje existe, & se conserua, não se sabe qual seja, nem aonde estara; mas se tal he, bem se pode piamente crer, que será o de Iudas, como os effeitos mostrão, & persuadẽ. Acabarão os dos outros Apostolos, & sò este viue, triumpha, & permanece. Com zelosas apparencias de ajuntar & conseruar, recolhia este o peculio do Collegio Apostolico, & com fome de cobiçoso insaciauel o furtaua & escondia, & em pena de seus delitos, se enforcou por suas mãos. Estas teue pera si, & contra si. Acção justificada fora praticar naquelles que logrão o primeiro effeito, exprimentar o segundo; porque mal se reformão culpas sem castigo.

CAP.

# CAP. XXXVII.

*De outros exemplos nobres, que obrarã as nossas Armadas, effeitos do esforço Portugues, engrandecido atè pellos inimigos Castelhanos; estymulo grande pera excitar nosso prudente cuidado, a quẽ não faltarà o fauor Diuino.*

NO tempo deste valeroso Principe o senhor Rey Dõ Sebastião, obrarão os Portugueses com suas fortes Armadas, façanhas tão excellentes & admiraueis, que excederão as de maior fama, nome & gloria; pois consta, que Dom Luis de Attayde fez tributaria a esta Real Coroa, a republica de Braçalor, & com seiscentos Portugueses defendeo a Cidade de Goa, cercada pello Hid l ã, com cem mil Barbaros, dous mil elefantes gu e re-ros, quasi tresentas peças de artilharia grossas, fazendoo retirar com perda de mais de oito mil homens, que forão degollados.

Assim em Chaul, Dom Francisco Mascarenhas, resistindo valerosamente a Nisamaluco, que por seu mal a sitiou, com cento & sincoẽta mil combatentes,



Banco de España. Biblioteca

tes, treſentos elefantes, quarenta canhoẽs groſſos, & deſpois de nove meſes, de hum porfiado cerco, foi vencido, com morte de doze mil infieis. Aſſi Dõ Conſtantino de Bragança, filho do Duque Dom Gemes, em Damão. Aſſi, Iorge de Moura em Onor. Dom Leonel Pereira em Malaca, contra o duro Achem. Dom Diogo de Meneſes, no valente Malauar, & Reyno de Mangalor; & outros muitos, que hoje viuem por gloria, & por fama, & aqui não relatamos; porque ſeus illuſtres feitos pedem outro lugar & tempo.

Eſtes meios, & eſtes caminhos ſe deuem practicar & ſeguir, pois os comprouão tantos, & tão proſperos ſucceſſos, certificados com tão certa & infalliuel euidencia. Não reprouamos as fortificaçoẽs da terra neceſſarias, que ſora cegueira, & ignorancia, mas condenamos o deſcuido do mar, que he neceſſidade & prudencia. Se o piſarmos com fortes Armadas, conſeruaremos a patria, cõ grandes augmentos, & ſe nos deſcuidarmos dellas, tudo perecerà com grandes diſcreditos. Bem conhecemos, que ſaõ os tempos differentes, & que o Principe muitas vezes não pode, o que mais deſeja: mas ſe com muitos talẽtos & milhoẽs, ſe obra muito; tambem deue luzir a obra daquelle, que agencea com menos. Louuado ficou por Chriſto o ſeruo, que com maior cabedal obrou muito, & condenado o

que

Banco de España. Biblioteca

que reparando no pouco, se descuidou negligente.

Sigamos as estradas reaes, & não busquemos atalhos à despeza necessaria, que quem atalha, mais rodea. Se as Armadas não podem ser muitas, sejão poucas; & se não pode o cabedal ainda com poucas, seja hũa, & boa; porque se o pouco tem descarga, o nada não tem disculpa. Conheçamos por maxima indubitada & infalliuel, que se formos senhores do mar, que o seremos da terra.

Abra Deos os olhos aos Ministros, pera que vejão a fonte clara desta verdade, & tão necessaria pera nossa defensaõ. Não diuirta & impida esta o particular respeito da commodidade propria, que tinha tão cega a escraua Agar, q̃ não via a agoa, que tinha presente. Nos olhos tinha o perigo da cede mortal do minino Ismael, & tanto nas mãos o remedio: mas a inueja contra Isac, & paixão contra Abrahão, a fazião não atinar com elle. Todos desejamos vida & liberdade, nas nossas mãos estaõ os meios. Não esperemos que tudo sejão milagres, porque se duuida se merecemos tantos: & querellos sem razão, he culpa de que Deos se offende. Obrigação he do Christão pòr todas as suas esperanças nelle: mas nem a Fè Catholica, nem o Sancto Euangelho nos manda dormir, & descuidar, se não que vigiemos, & que trabalhemos nas cousas que nos importão; & por isso louua Deos o seruo que tra-

balha,

balha, & condena o que dorme & se descuida.

Hum grande seruo de Deos, o Beato Padre Frãcisco de Borja, da sagrada Religião da Companhia de Iesus, custumaua dizer ao nosso intento, a quem lhe pedia conselho. *Hermano, ansi haueis de confiar en Dios, como si no huuiera medios; y ansi haueis de tratar de los medios, como si no confiareis en Dios.* Não quer dizer o Santo, que não cõfiemos em Deos, porq̃ sò nelle hauemos de pòr todas as nossas cõfianças, mas quer dizer, que sem embargo dellas, que trabalhemos, & façamos tudo o que estiuer na nossa mão, porq̃ elle nos ajudará. O conhecimento da Omnipotencia Diuina, não nos desobriga da prouidencia humana, antes por ella obra (sendo causa principal & primeira) como meio, & instrumento necessario, & conueniente.

Em sua casa tinha o Santo Lot Anjos, que vinhão assolar Reynos, & destruir Cidades, & quando os nefandos intẽtarão à força consũmar seu appetite lasciuo (cuidauão que os Anjos erão mancebos) fechou o Patriarcha a porta, & poslhe a tranca, pera nos insinar, que he obrigação de cada hum assegurarse por todas as partes, & cerrarse ao dano que se teme, ainda quando tenhamos Anjos em casa. Pede a razão, & a prudencia, que confiemos muito de Deos, mas tambem elle quer, que façamos da nossa parte o que pudermos, & deuermos, regulado

Banco de España. Biblioteca

lado pellas regras de prudencia, & da razão.

Haja por amor de Deos hũa boa Armada sempre prestes, viua, & permanente neste rio; porque as mercantis, saõ Armadas de vão, & vem. E cõ esta preuenção estaremos seguros, & nossos inimigos timidos, & medrosos. E não se pode duuidar, que o estejão, a vista da confissaõ, que seus Authores fazem do valor Portugues, como consta destes testemunhos seguintes dos Chronistas, & Doutores Castelhanos.

1. *Testemunho do valor Portugues.*

Esteuão de Garibay, no tomo 4. liuro 35. do Cõpendio de historia de Espanha, & dos Reys de Portugal, cap. 16. assi escreue. *Son los Portugueses valerosos, que siempre en los hechos de armas se señalaron, &c.*

2. *Testemunho.*

O Padre Frei Antonio de S. Romão, Castelhano, na historia gèral da India Oriental, que com grande cuidado compos, no liuro 1. cap. 16. diz assi. *Son los Portugueses hombres de valor, y gente gallarda, y bizarra, &c.*

3. *Testemunho.*

Sandoual, na 2 par. da historia do Emperador Carlos Quinto, liuro 22. §. 4. assi nos engrandece. *Quiso ElRey de Portugal, como Principe Catholico, y guerrero, ayudar en esta jornada al Emperador, y que se hallasse en*

*ella*

Banco de España. Biblioteca

*ella el Infante Don Luis su hermano de la Emperãtriz, con otros Caualleros, y señores de Titulo, y valiẽtes soldados, quales entre aquella belicosa gente, siempre se criaron, que como tales, hizieron en esta jornada, hechos de memoria, &c.*

4. *Testemunho.*

O douto Padre Mestre Frei Ioão Sanches Sedenho, da Sagrada Ordem dos Pregadores, na Epistola dedicatoria da sua Logica Magna, ao Duque de Lerma, tratando dos seus parentes, que morrerão às mãos dos Portugueses, na insigne & memorauel Batalha de Aljubarota, em lingoa Latina, testefica assi. *Ferdinandus verò Gutierres de Sandoual, & frater Aluarus Gutierres de Sandoual, contra Lusitanos viros fortissimos, pro Rege, & patria tuenda, sanguinem, cum vita effuderunt.* Em vulgar quer dizer. Fernando Guterres de Sandoual, & seu irmão Aluaro Guterres de Sandoual, morrerão às mãos dos Portugueses homens fortissimos, pella defensaõ do Rey & da patria, &c.

Louuão & engrandecem os Castelhanos o valor & esforço dos Portugueses, argumento he & indicio, que os temem, & que os confessaõ valerosos (não por amor: porque saõ inimigos tão declarados) mas por temor & medo, lembrados dos duros golpes de seus fortes braços. Publico & sabido era de todos a grande inimizade, & o cruel odio, com que

ElRey

Banco de España. Biblioteca

ElRey Saul perseguia & buscaua a Dauid pera o matar. Entra hũa noite na sua tenda, achao dormindo & sem goarda, & podendolhe a seu saluo, tirar a vida, contentase com lhe tomar a lança, & hũ jarro de agoa, que tinha à cabeceira. Foise Dauid valeroso com estes despojos. Acorda Saul, sabe que estiuera debaixo do punhal de Dauid, & q̃ o podèra acabar a punhaladas. Poemse a falar com Dauid, chora, louuao grandemente, & dizlhe que ha de tèr o imperio de Israel, & que era melhor homem que elle. *Iustior me es, certissimè scio, quod regnaturus sis.* Assi consta do primeiro liuro dos Reis, cap. 24.

Como louua & engrandece Saul inimigo, tanto a Dauid? Huns Doutores dizem, que procedeo este louuor de vergonha, de pejo, & de se correr Saul de perseguir a Dauid, que tantas vezes o podèra matar. Outros dizem, que foi medo & temor. Conheceo, que esteue entregue nas mãos de Dauid, que o podera matar, & não quiz. Medroso & temeroso do perigo de que escapou, louua & engrandece o valor & esforço de Dauid. O louuor do inimigo (cõfessando o valor do contrario) he argumento & forte indicio, de medo & de temor, diz Vegecio, no liuro de Re Militari, cap. 3. *Laus inimici, indicium est timoris.* Confessaõ, apregoão, & publicão os Castelhanos o valor dos Portugueses, falão verdade, porque a confissaõ da parte inimiga he maior, que

todas

Banco de España. Biblioteca

todas as prouas, conforme a Direito. Seguese tambem, que por medo & por temor nos engrãdecem & louuão. Não tem logo os Portugueses que temer os Castelhanos, pois cõfessando seu valor, mostrão temellos; & inimigo temeroso, logo he rendido & vencido.

## CAP. XXXVIII.

### *De hũa grãde difficuldade, que se oppoem ao intento de grandes, & fortes Armadas.*

NAõ se pode duuidar, que a força mais precisa, & necessaria dos Reynos maritimos, saõ fortes & poderosas Armadas, assi pera a defensaõ de suas Costas, & Portos, como pera a segurãça de suas frotas. Assim o praticarão sẽpre os senhores Reys deste Reyno, & mais os senhores Reys Dom Manoel, Dom Ioão Terceiro, & Dom Sebastião, com o que se fizerão muito ricos, & grandemente poderosos, que estes saõ os effeitos das grandes Armadas. Acrescentar riquezas, & engrandeer o poder do Principe. Contudo se nos tempos passados era facil a pratica deste verdadeiro arbitrio, pello muito ouro, & prata que hauia neste

Reyno,

Banco de España. Biblioteca

Reyno (que foi tanto, que affirma Manoel de Faria de Sousa, como jà deixamos escrito, que era o ouro tanto como a prata, & esta tanta como o cobre) mas na presente Era, que he tanta a falta delle, como he possiuel se fação & cõseruem grandes Armadas, porque as impossibilita a falta de dinheiro?

Outra grande difficuldade se offerece, contra o intento do Autor, que grandemente o difficulta, a qual he, a gente necessaria pera estas Armadas, & a razão he. Porque se no tempo do senhor Rey Dom Ioão o Primeiro, se pouoarão as praças Africanas, com quarenta mil homens de guerra Portugueses, a fora os mareantes, comtudo o Reyno se foi attenuando, & deminuindo de gente, em tão grande maneira, que em tempo do senhor Rey Dom Sebastião, com grande trabalho se podèrão tirar doze mil homens de peleja, a fora gastadores, & bagajem. As Conquistas de Portugal, saõ tão vastas & grandes, que nos leuarõ toda a gente, & particularmente a da India, donde de cem Portugueses, não tornaõ a este Reyno dez. Assim o mostra a experiencia, & o affirma Botero, no titulo de Portugal, folhas 15. Com estas Conquistas se despouoou este Reyno, & deminuio tanto de gente, que jà Camoẽs, conhecendo essa falta, a lamenta em seus versos, dizendo.



Banco de España. Biblioteca

*Deixas crear às portas o inimigo,*
*Por ires buscar outro de tão longe;*
*Com que se despouoe ò Reyno antigo,*
*Se enfraqueça, & se vâ deitando a longe.*

Destes antecedentes se colhe & infere claramente, que naõ pode hauer Armadas grandes, nẽ immitarse a potencia, que os senhores Reys desta Monarchia conseruaraõ sempre nos mares. Naõ pode hauer soldados sem dinheiro, nẽ sem dinheiro pode hauer Armadas; logo de balde se cansa o Autor em seus desuellos.

## *Respondese às duuidas propostas.*

Cõfessamos & reconhecemos, que os dous nervos mais poderosos pera a guerra, & precisamente necessarios, saõ dinheiro, & gente; & isto em taõ grande maneira, que dinheiro sem gẽte, obra pouco; & soldados sem pagas, pelejaõ menos. Por onde pera a conseruaçaõ da guerra, & do poder de hũ Imperio, o que só he necessario, he ouro, & gente. E pera respondermos às duuidas propostas, he necessario que se apure, se tem este Reyno dinheiro bastante, & gente.



Banco de España. Biblioteca

## *Respondese á falta do dinheiro.*

Tres opinioẽs, & tres pareceres se achaõ nesta materia, & se exprimentaõ nesta difficuldade, conforme tres estados de gente, que nesta Republica se conhecem & consideraõ, que saõ estes. Politicos, Viuidouros, & Zelosos. Os Politicos, fazem seus computos & discursos, & affirmaõ, que ha dinheiro pera se fazer, & sustentar hũa poderosa Armada, que sustente o credito de Portugal, & impida a liberdade dos estrangeiros; que sẽpre contra os Reynos desarmados, tiueraõ poder, & atreuimento.

Os Viuidouros, saõ gente muito honrada, & cortès, & neste particular se ajustaõ, & acomodaõ muito, com as occasioẽs em que achaõ; & como gente que tem por vida, temperar tudo ao gosto alheo, se lhes dizem que naõ ha dinheiro, affirmaõ que assi he, & tal vez com juramento. Se outros porfiaõ, que o ha, elles se fazem logo em sua volta, seguem o seu rumo, & affirmaõ, que ha cabedal pera tudo. He esta gente muito de Corte, & hoje muito valida no mundo, donde tantos males procedem em hum Reyno, & em hũa Monarchia. Saõ estes, monstros grandes & abominaueis, homens de dous rostos, & de duas lingoas; & finalmẽte, inimigos declarados da verdade.



Banco de España. Biblioteca

Os Zelosos dizem, que ha dinheiro bastante pera grandes Armadas, porque se cobra com effeito, mas que se furta, & que por isso o cabedal se diminue & falta: & prouaõ o seu intento, com este discurso. Quantos ha, a cuja recamara, fazia guardaroupa hũa estreita mala, & hoje? Quãtas capas de baeta çafada, se conuerteraõ em limistes finos? E quãtos picotes rotos, se trocaraõ em veludos razos? E finalmente, quantas chimines arebentaõ cõ fumo, q̃ dantes naõ fumegauaõ? Cõ este prudẽte juizo, prouaõ os Zelosos, seu intento. E estas acçoẽs referidas, se naõ saõ milagrosas, parecem do diabo, que milagre he seu, engrossar muito em pouco tempo.

Se os Zelosos falaõ verdade (& conforme o que vemos, parece que verdade dizem; porque muitos muitos homens se vem hoje, por quem se pode dizer o rifaõ Portugues. *Miguel, Miguel, não tens abelhas, & vendes mel?*) Não he materia de espanto, nẽ de admiraçaõ faltarem neste Reyno as Armadas; porque este he o leite com que ellas se criaõ. Naõ corre por nossa conta (senaõ pella do poder soberano) apurar estas faltas: mas o que podemos fazer, he receitar contra este grande mal algũs remedios. Seja o primeiro. Aueriguese, com toda a verdade, com que cabedal entrou cada official, ou Ministro, em seu officio, & se nelle engrossou demasiadamẽte (o que facilmente mostra o trato de sua pessoa & casa)

Banco de España. Biblioteca

casa) demlhe hũa boa sangria, que assi se fazia nos melhores tempos.

O segundo remedio, que nos parece se pode applicar a este mal, he fazerse algũa composiçaõ, com estes furtos, assim como os Ægypcios vsauaõ antigamente, cõ os seus ladroẽs. Era ley daquelle Reyno, que nenhum homem pudesse ser ladraõ, sem licença da Iustiça, & assim se obseruaua. Hiase o homem a casa do Iuiz, & pedialhe licença pera furtar; o Iuiz lha concedia, mas com obrigaçaõ, que hauia de furtar conforme as leis do Reyno. Estas eraõ, que tanto que furtasse algũa cousa, hauia de vir ali a juizo depositar o furto, diante do Iuiz, o qual mandaua fazer hum termo da quantidade delle, & do dia; & casa aonde se fizera; & dali se mandaua entregar ao dono as tres partes do q̃ lhe hauião furtado, dandose ao ladrão a quarta, em pena, & castigo, de ò senhor do furto não guardar bem a sua casa; porque se pusera bom recado nas suas portas, nunca o ladrão as entrara, nem lhe leuara cousa algũa. Achauão aquelles Barbaros, que era esta lei justa pera castigar o descuido daquelle, que não guardaua a sua fazenda.

Assim o affirma Diodoro Syculo, no liuro 2. cap. 2. *De rebus antiquis*. Abstrahindo da justiça desta lei, parece, que se pudeião immitar os seus decretos, fazendo hum pacto & concerto com os nossos



Banco de España. Biblioteca

ladroẽs, obrigandoos a que se contentem com furtar sò a quarta parte daquillo que podem hauer às mãos. Mas elles não querem ser Quartanarios, se naõ Conegos inteiros. Se se deraõ por contentes com lhes ficar o quarto dos furtos, naõ ouuera tãta falta de dinheiro, mas como leuaõ todo, he força que tudo falte. Remedee o Principe estes males, porque he precisa obrigaçaõ sua, & sò elle com seu poderoso braço lhe pode applicar remedios efficazes.

## *Respondese à falta da gente.*

Naõ negamos, que nos tẽpos antigos, tinha este Reyno muita mais gente, como comprouaõ as grãdes, & poderosas Armadas, cõ que cortaraõ os mares os senhores Reys, Dom Ioão o Primeiro, Dom Duarte, Dom Manoel, & D. Ioão Terceiro; & que esta foi em grande falta & deminuiçaõ, com a Conquista da India, & descubrimento das mais. Porem deuese aduirtir, que entaõ eraõ as Armadas muito grandes, pois ouue algũas, que se compunhaõ de doze, treze, quatorze, quinze, atè dezaseis naos grãdes. No tempo presente saõ as Armadas muito piquenas, & limitadas, & naõ lẽuaõ a decima parte da gente, que as antigas leuauaõ. Acrescentase mais, que se este Reyno se despouoou nos tempos passados, com os Portugueses, que foraõ pouoar nossas

Con-

Banco de España. Biblioteca

Conquiſtas, tornou a gente a multiplicarſe de ſorte, que creceo em grande numero. Donde ſe infere, que naõ he a falta tanta, quanto ſe quer pintar. Façaõſe boas pagas aos ſoldados, que as pedras ſe conuerteraõ em homens.

Sobre tudo ſe deue aduirtir, que no tempo que gouernou eſte Reyno a Princeſa Margarita, Duqueſa de Mantua, ſe mandou fazer hum computo da gente que hauia de peleja, & ſe achou, hauer, quaſi ſeiſcentas mil peſſoas em todo Portugal, que podiaõ tomar armas, de idade dos vinte annos, atè os ſeſſenta. Naõ eſtálogo eſta Coroa, taõ falta de gente, nomo ſe repreſenta. E alem diſto, ſe tem recolhido a eſte Reyno (depois da felice Aclamaçaõ de Sua Mageſtade aſſim de Caſtella, como de outras partes differentes) mais de quatro mil homens, como ſe ſabe.

E ſe eſtas razoẽs naõ conuencerem àquelles, cuja vontade, tudo pera o bem impoſsibilita, & quizerem que o Reyno eſteja falto, immitem os dictames dos Romanos antigos, que com amigos, & cõfederados pouoauaõ ſuas terras deſpouoadas. Aſſim o affirma Ioão Botero, no lugar acima referido, que o fizeraõ por muitas vezes. Aſſim o fez o valente & famoſo Capitaõ Belizario, imperando Iuſtiniano, na occaſiaõ em que o Barbaro Rey Godo Totila, deſtruio, & deſpouoou a cidade de Roma, & grande



Banco de España. Biblioteca

parte de Calabria, as quaes por falta de naturaes Romanos, pouoou Belizario com os estrãgeiros amigos,& aliados.

Deixamos outros exemplos, porque a mesma natureza comproua este arbitrio, & justifica o intento; & com elle damos por respondida a duuida proposta, contra a intençaõ de quem faz estas aduertencias,pera nossa conseruação & descanso;pouco appetecida daquelles,que nellas naõ imaginão, nem dellas tratão, pera persuadir ao Principe os effeitos, que com ellas se intentão, que saõ nossa defensaõ, & segurança. Não consiste a fidelidade,na cobiça insaciauel de ajuntar muitas riquezas,senão no desuellar pella conseruação, & seguridade do Rey, & da Monarchia.

## CAP. XXXIX.

### *De hũa graue questão necessaria pera aquelles, que militão nas Armadas, & continuão a nauegação.*

SVposto que nos empenhamos tanto, em mostrar a grande necessidade que temos de grossas Armadas, como força de maior importancia pera os Reynos maritimos(cuja conseruação,& aug-

Banco de España. Biblioteca

augmento, sò cõ ellas se sustenta & dilata; & sem ella se deminue, & perece) pareceo nos muito necessario tratar & disputar, ainda que breuemente, hũ caso que a malicia do tempo faz muito contingente & ordinario, como he vermos, que os soldados na peleja, conhecendo que o aperto contrario he tão grãde, que se não pode euitar serem rendidos, & catiuos do inimigo, & tal vez mortos, & totalmente destruidos, com a perda da reputação do nome, & cõ o mesmo nauio, q̃ ganhado por elles, lhes acrecenta as forças & o poder. Por euitar estes males, & estes danos tão graues, costumão porse fogo, queimando a nao propria, pera abrasar os contrarios, liurando a esperança da vida, lançandose ao mar, & fiando na piedade dos vencedores. Praticado este caso, & pera que os nossos soldados saibão o que podem fazer sem perigo de peccado, fazemos esta questão.

## *Se podem os soldados nas guerras nauaes queimar o nauio proprio, peraque com elle não fiquem catiuos dos inimigos?*

ESta graue questão tratão os D. D. modernos, como Lessio, de Iustitia, lib. 2. cap. 9. duuida 6. num. 34, aonde diz assi, traduzido em vulgar. *Podemse escusar de peccado os nossos soldados & seus companheiros,*

*nheiros, que muitas vezes, despois de pelejarem valerosamente contra os hereges, vendo que delles vão ficando vencidos, & que com a sua nao hão de ficar entregues nas suas mãos, com parecer comum, poem o fogo á embarcação, & se lanção ao mar, pera saluarem as vidas, priuando com esta acção o inimigo de ficar rico & poderoso com os nossos bens, armas, & muniçoens. E com esta obra de valor, não querem, nem intenção a morte propria, senão impedir por este meio ao inimigo, que não fique com maior poder, procedido dos nossos despojos.* Assi sente este grande Autor.

Segue o Maldero, na 22. tract. 3, cap. 1. Aprouao Fagũdes, nos preceitos do Decalogo, tom. 1. liuro 5. cap. 11. num. 14. mas limita a opinião com dous casos. O primeiro, quando a nao estiuer entrada pellos inimigos, contra quem os nossos naõ podem preualecer. O segundo, quando as naos contrarias saõ tantas em numero, que a nossa naõ pode liurarse dellas.

Nestes accidentes podem os nossos pòr fogo à nao propria; porque os nossos Capitaẽs, nem directa, nem positiuamente, intentaõ matarense a si, senaõ destruirem os contrarios, o que he bem cõmũ, & authoridade do Principe. Assim resoluem estes D.D. affirmando, que podem os soldados pór fogo à sua nao, ãntes de se lançarem á agoa, do que fazem muitos argumentos, que deixamos pera as Escholas.

Nouissimamente trata esta questão o doctissimo

P. M.

Banco de España. Biblioteca

P.M. Frei Luis Bertrando Loth, da ſagrada Ordem dos Pregadores, nas ſuas Reſoluçoẽs Theologicas, ſobre os caſos acontecidos em Flandes, impreſſas no anno de 1648. A ſua reſoluçaõ propoem neſta forma. *Não podem os ſoldados pòr fogo à ſua nao, em quanto eſtiuerem dentro della; mas dando tal traça, que primeiro ſe ſayão della, em tal caſo, podem licitamente pôr fogo á nao, pera que ſe queime & abraſe.* Aſſi reſolue eſte graue Doutor, no tratado 5. da Milicia Belgica, & Flamẽga, artigo 5. Affirma ſentirem o meſmo Syluio, na 2.2. de S. Thomas, queſtão 64. artigo 5. ad quartum. Vuiguer. de Iuſt. & Iure, Tract. 2. cap. 2. dubio 18. num. 106.

Que o ſoldados não poſſaõ pòr fogo a ſua nao, em quanto eſtão dentro della, proua com eſte fundamento. Directamente, & primariamente, ninguẽ ſe pode matar a ſi meſmo, como todos os D.D. affirmão, com o Doutor Angelico, na 2. 2. queſt. 64. art. 4. porque he hũa acção intrinſeca & eſſencialmente mà, & iniqua, & nenhum delinquente juſtamente cõdenado a morte, pode matarſe a ſi proprio, & ſer algos de ſi meſmo, por mais que o Iuiz o obrigue & force. Os ſoldados que queimão a ſua nao, & lhe poem fogo, em quanto eſtão dentro della, directamente tomão a morte por ſuas mãos, & ſaõ cauſa proxima, & immediata della. Logo, não podem pór fogo à nao, em quanto eſtiuerẽ dentro.

E que

Banco de España. Biblioteca

E que estes soldados directamente se matem, se proua; porque a acção de pòr o fogo, mais visinha & propinquamente (em quanto he em si, & de sua natureza & vehemencia terribel) primeiro offende & queima aquelles, que acendem o fogo, & poem o murrão na poluora, & em segundo lugar, abrasa o inimigo. Assi que em primeiro lugar, se queima quem poem o fogo, & em segundo, & consecutiuamente, se abrasa o contrario. Logo os soldados, que estão dentro na nao propria, lhe poem o fogo, peccão; porque se matão & queimão.

Confirmase mais este parecer. Quem ha que affirme, que se possa lançar em hum poço alto, aquelle, que vai fogindo de outro, que vai apos elle, pera o matar a punhaladas? Certo he, que se não pode dizer tal absurdo. Pois muito menos conuem, & muito menos pode ser no nosso caso, pòr fogo estãdo dentro na nao, A razão he. Porque mais certa he a morte naquelle, que poem fogo na poluora, q̃ no outro, que se lança no poço alto, que tal vez, pode escapar com vida.

A segunda parte desta opinião, que diz, poderem licitamente os soldados, tanto que se deitão ao mar, pòr fogo a sua nao; se proua com este discurso. Estes que assi se lanção ao mar, directamente naõ se mataõ, mas so se expoem a perigo de morte, com esperança directa & primaria de vida, pegandose em

hũa

Banco de España. Biblioteca

hũa taboa, nadando, ou fiado na compaixaõ do inimigo, esperando delle bom quartel. E a este perigo se poem, por amor do bem cõmum, & pera priuar os contrarios da presa, com que ficaraõ mais poderosos. E conclusaõ he assentada entre os D. D. que (com justa razaõ & causa) licitamente pode hum homem expòr a propria vida a perigo de morte.

E este he o fundamento, que escusa, & liura de peccado aos soldados valerosos, que primeiro sobẽ às torres, aos muros, & entraõ as portas da praça inimiga; & aquelles que nos exercitos daõ principio â batalha, & à briga, em que ordinariamente, auenturandose muitos, poucos escapaõ com vida. O mesmo se ha de julgar do caso proposto & resoluto.

Esta resoluçaõ do P. M. Frei Luis Bertrando, parece mais prouauel & segura, & com facilidade se pode conciliar com a de Lessio, Maldero, & Fagundes, dizendo, que estes D. D. se deuem entender no caso, que os soldados poem fogo à sua nao, estando dentro della, quando o podem fazer de tal sorte, & com tal ardil, que o fogo os naõ abrase tambem, com os inimigos; se naõ que posto o fogo, immediatamente se lancem ao mar. Assi o fez ha poucos annos, hum valente Capitaõ Frances de Saõmalò, vendose (depois de grande peleja) entrado de dous nauios de Turcos, dando certo final a hum bombardeiro, que pos o fogo ao proprio nauio, que logo se abrasou.

Com

132

Banco de España. Biblioteca

Com esta combinaçaõ parece, que ficaõ concordes estas opinioẽs Mas o certo he, que naquelle temeroso conflicto naual, he tal a perturbaçaõ, & taõ grande a confusaõ (dizẽ os expertos) que em nada se repara, & q̃ mal se pode pôr o fogo â nao, depois dos soldados se lançarem ao mar, que seja efficaz & de importancia. E assi o que parece mais seguro, & de melhor effeito he, que se o fogo se pode pôr, sem que o autor delle se mate, que o ponha, porque he esta acçaõ a que mais faz luzir a obra pera destruiçaõ dos inimigos.

Parece tambem (valha o que valer) que se deue reparar na calidade dos inimigos, pera esta acçaõ ser mais justificada; porque sendo infieis & hereges, inimigos da Fè Catholica da Romana Igreja, fica o incendio sem scrupulo algum: mas sendo verdadeiros Christaõs do gremio de Christo, & tendose algũa certeza, que vem com tençaõ sò de catiuar, & naõ de matar & destruir, neste caso, & com estas limitaçoẽs, naõ se deue condenar quem reparar no incendio. Compadecese com a clemencia, a paixão no Catholico; o erro no infiel, contradis a piedade, que cego com a falta de Religiaõ, reputa sacrificio agradauel, a effusaõ do sangue do verdadeiro Christaõ.

CAP.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXXX.

## *Propoemse algũas duuidas, contra a segunda opinião, a que se responde.*

PEra os curiosos, que desejão sempre saber, l uados da natural inclinaçaõ, que a natureza prouida em todos infunde, com que querẽ appetecem saber as causas & razoẽs das cousas, e mo o Principe da Philosophia insina, com esta vulgar Maxima. *Omnis homo, naturaliter scire desidera.* Queremos, satisfazendo a este racional appetit tocar algũas objecçoẽs, que parecem militar em f uor da opiniaõ de Lessio, Maldero, & Fagundes contra o P.M. Bertrando, Syluio, & Vuiger. & da sua reposta, & soluçaõ, ficarà mais corroborada a segunda sentença.

Diz o primeiro argumento. Samsaõ, por matar seus inimigos, se matou a si tambem, derrubando as colunas da casa em que estauão, a qual logo cahio, & matou a todos os que achou, & ao mesmo Samsaõ. Assi consta da Sagrada Escriptura, no liuro dos Iuizes, cap. 16. E Samsaõ foi santo, & nesse acto, naõ peccou matandose a si proprio directamente: porque querendo derrubar a casa, estando preso & cego,



Banco de España. Biblioteca

go, parece que tambem quiz morrer. E se este caso foi licito, logo tambem o deue ser, pòr hum soldado fogo a sua naõ, aindaque esse fogo o haja de matar.

O P. Mestre Bannes, na 2. 2. questaõ 64. artigo 5. diz, que Samsaõ naõ peccou, porque a sua total tenção, foi matar os inimigos, & naõ a si proprio, & que esta tençaõ o saluou. Esta soluçaõ padece replica & instancia; porque aquelle, que poem fogo a sua nao, tambem quer matar os inimigos, & nunca se quer matar a si: logo, se Samsaõ intentando só a morte dos Gentios, & naõ a sua, naõ peccou; tambem naõ peccará o soldado, que poem fogo à nao propria, porque naõ intenta matarse a si, senaõ aos inimigos.

Por onde a melhor reposta deste argumento, he a de Santo Agustinho, no liuro 1. da Cidade de Deos, cap. 21. & de Santo Thomas, na 2. 2. questaõ 64. artigo 5. ao quarto argumento, & em outros lugares, os quais insinaõ, que Samsaõ, por particular moçaõ, & efficaz impulso interior do Spirito Santo, se matou a si, por matar os inimigos. Assi como tambem o foi, na gloriosa Virgem & Martyr Santa Apollonia, lançãdose na fogueira, que a abrasou, como diz a Santa Igreja. Deos he o senhor de nossas vidas & da nossa morte, diz o Espirito Santo, no cap. 16. da Sapiencia. *Tu es Domine, qui vitæ, & mortis habes potestatem*, & como tal, quãdo he seruido,

inspira

Banco de España. Biblioteca

inspira interiormente, a hum que morra, com os inimigos, derrubando as colunas, como Samsaõ; & a Santa Apollonia, que se lance no fogo, & a Santa Pellagia, que com mãy & irmãas se afoguem todas em hũ rio, por guardar a castidade, como o Padre Santo Ambrosio affirma, no 3. liuro, de Virginibus, tom. 5. Se o soldado tiuer esta moçaõ diuina, ponha o fogo ao nauio, queime se, & abrase se, cõ os inimigos, que vai seguro, mas sem ella naõ; que obra arriscado.

O segundo argumento, com que estes D. D. proũaõ o seu parecer, he nesta forma. De muitos exemplares da sagrada Escritura consta, que Varoẽs insignes se mataraõ por suas proprias mãos, assi por honra de sua lei & patria, como por não ficarem catiuos dos Gẽtios inimigos seus, que os perseguião, afrontauão, & matauão cruelmente. Parece logo conueniente, que ainda com risco da vida, podem os soldados queimar o seu nauio, no caso que fica declarado; porq̃ menos he arriscar a vida, que perdella com effeito. E quando morrão pondo o fogo, como seja por honra da patria, & da lei Catholica, & pera que o inimigo não fique mais poderoso cõ as nossas presas, parece, que fica a morte justificada & inculpauel. Mostremos os exemplos daquelles, q̃ se matarão por suas proprias mãos, pera maior corroboraçaõ deste syllogismo.



Banco de España. Biblioteca

ElRey de Syria Anthioco Eupator, querendo tyrannizar o pouo Hebreo, & ſogeitallo a ſeu Imperio, contra razão & direito, ſendo hum Gentio idolatra, formou hum taõ poderoſo exercito, que conſtaua de cem mil Infantes, vinte mil cauallos, & trinta & dous Elefantes armados, muito inſinados & deſtros na guerra daquelles tempos, que erão a força de maior conſideração, & que mais cauſauão terror naquellas batalhas. Com todo eſte formidauel poder, começou o Gentio a entrar por Paleſtina, deſtruindo, & aſſolando tudo, & chegou a citiar apertadamente a cidade famoſa de Bethſura em Iudea, que eſtaua preſidiada pello valeroſo Iudas Machabeo.

Sahio eſte valente Capitaõ valeroſamente a pelejar, de poder a poder com o inimigo. Hum esforçado Capitaõ ſeu, chamado Eleazaro, perſuadido, que o Rey Gentio vinha ſobre o maior Elefante de todos (que as beſtas auultaõ muito) rompeo pello eſquadraõ Gentilico, & à força da eſpada, chegou ao Elefante, & metẽdoſelhe debaixo, entre as maõs o ferio taõ fortemente, que o animal cahio logo morto, & colhendo ao animoſo Eleazaro debaixo, com o grande peſo o oppremio, & matou logo, ficando morto, mas vencedor.

O motiuo deſta façanha, o eſtymulo de taõ euidente perigo, foi perſuadirſe Eleazaro, que matando o

do o Rey, liuraua o ſeu pouo de hum cruel Tyrano. E em ſegundo lugar, por ganhar fama cõ a poſteridade, diz a ſagrada Eſcritura, no liuro 1. dos Machabeos, cap. 6. por eſtas palauras. *Dedit ſe* (& fala de Eleazaro) *vt liberaret populum ſuum, & acquireret ſibi nomen æternum.*

O ſegũdo exemplar nos offerece o diuino Texto, no 2. liuro dos Machabeos, cap. 14. do venerando, & inſigne velho Razias, hum dos mais graues & authorizados Cidadoẽs de Ieruſalẽ, & por ſua grande virtude, & zelo do bem publico, chamado, Pay dos Iudeos. A eſte mandou o Gentio Nicanor, General del Rey Antiocho, prender a ſua caſa, por quinhẽtos ſoldados, perſuadido pellos meſmos Iudeos, que cõ a ſua priſaõ, todos os mais, ſe renderiaõ a Anthiocho.

Cercaraõ a caſa, arrombaraõ as portas, intentãdo queimala. E vendo o valeroſo velho, que eſtaua quaſi entregue aos inimigos, deuſe a ſi proprio de punhaladas, querendo antes morrer como honrado, que ſofrer a vileza de catiuo. E vendo, que ainda a vida ſe dilataua, por as feridas naõ ſerẽ muito penetrantes, lançouſe do alto muro de ſua caſa, ſobre os meſmos inimigos, & cahindo no chaõ, quebrou pello eſpinhaço, & leuantandoſe, jà quaſſi eſpirando, fez animoſamente tiro aos inimigos, cõ as proprias entranhas, que lhe ſahiaõ pellas feridas; & in-



Banco de España. Biblioteca

uocando a Deos, que o resucitasse, morreo, & acabou a vida.

Assi o lemos na sagrada Escritura; & como esta, naõ condena, nem reprehende estes taõ singulares & illustres actos de valor, parece (argumentando à simili) que o soldado, que se queima pondo o fogo ao nauio proprio, por honra da patria, por naõ ser catiuo, & por tirar aos inimigos a vtilidade & lucro dos nossos despojos, q̃ naõ cõmeterá peccado mortal, nem arriscará a saluaçaõ; antes fará hũa illustre & licita proesa, digna de eterna memoria.

## CAP. XXXXI.

### *Respondese aos Argumentos propostos.*

AO primeiro exemplo referido de Eleazaro, respondem alguns D. D. que peccou, pondose a perigo euidente de perder a vida, como perdeo. Com tudo, o P. Santo Ambrosio, no liuro de Officijs, cap. 40. o liura de peccado, dizendo, q̃ procedeo bem; porq̃ se pos a taõ apertado risco, estymulado do zello da honra de Deos, & de sua lei & por liurar o seu pouo de hũ taõ cruel tyranno; & que hia com esperança de poder escapar & fugir; com o que, ainda que morreo no perigo, directamente

Banco de España. Biblioteca

mente naõ quis a morte, nem a intentou, antes mais se animou, com a esperança da vida, persuadido, q̃ com facilidade se liuraria de ficar opprimido debaixo do Elefante.

Estas circunstancias, & estes accidentes, que disculpaõ, naõ pode hauer naquelle, que estando dentro na nao, poem fogo nella; porque como o instrumẽto terribel da poluora, he taõ instantaneo, veloz, furioso, & repentino, he impossiuel (moralmente falando) que ponha hum soldado nella o fogo, & que escape com vida, pois em hum instante arruina grandes torres, como se exprimenta nas minas; quanto mais hum nauio, recosido em breu, materia taõ apta pera o fogo, que com estranha velocidade, mais o reforça & acende. Naõ he logo conueniente, queimar o proprio nauio, na forma que fica explicado. Porem se ouuer tal ardil, & engenho, cõ que, sem perigar a vida, se possa pòr fogo á nao, hauendo lugar pera saltar no mar, entaõ serà a acçaõ licita, com as mais circunstancias requisitas.

Ao segundo exemplo do valeroso Razias, respondem alguns Doutores, que foi licito. Com tudo o Padre Santo Agostinho, na Epistola 61. & o Doutor Angelico, na 2. 2. questão 64. Artigo 5. na reposta do quinto argumento, o reprehendem & condenaõ. Assi diz o Padre Santo Agostinho.



Banco de España. Biblioteca

*Quamuis ille homo fuerit laudatus, factum tamen eius, vidimus narratum, non laudatum, & iudicandum potius, quàm immitandum.* Quer dizer. Ainda que Razias no exterior foi louuado, com tudo o seu feito, & a sua façanha, se a sagrada Escritura a conta & relata, não na louua, nem approua. Foi esta obra mais pera ser julgada, com temor & duuida, que pera ser immitada com segurança & certeza. E dis mais o Santo, que Razias foi mais impaciente, pera sofrer hũa val seruidão, que eleitor de hũa morte valerosa.

O Doutor Angelico, no lugar referido, assi sente deste feito de Razias traduzido em vulgar: & he doutrina muito pera saber. *Consiste a fortaleza, & o esforço, em que hum homem por amor do bem da virtude, não recuze a morte por temor della, & por euitar peccado, quando outro lha quer dar. Mas quando alguem se mata por suas proprias mãos, por se liurar dos males que padece; postoque este acção tenha hũa apparente specie de fortaleza (& por este motiuo se matarão muitos, persuadidos, que fazião hum acto de valor, licito, & virtuoso, entre os quaes se conta Razias) com tudo, não foi a obra de verdadera fortaleza, se não hũa fraqueza de animo, que não póde sofrer os males, que padece.* Assi o sente tambem o Principe da Philosophia no 3. liuro das Ethicas.

Conforme esta doutrina verdadeira, pois he das maiores duas luzes da Igreja Catholica, não foi

acto

acto licito o de Razias referido, & por tal, se não pode seguir, nem immitar, & consequentemente, não pode ser exemplo, pera que o soldado, que poem fogo ao proprio nauio, estando dentro nelle, com euidente perigo de se matar, possa licitamente queimallo, se não da maneira que deixamos explicado, & referido. Com tudo, não negamos, que alguns Doutores, que approuão o caso de Razias, dizem, que o fez por especial impulso, & moção interior do Spirito Santo. Mas muitos o contrario sentem, & particularmente, Lyrano, como refere o Padre Mestre doutissimo Bertrando, no tract. 5. art. 1. E assim concluimos, que se o soldado, não pode queimar a sua nao, sem morrer tambem, que o não pode fazer de nenhũa sorte licitamente.



Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXXXII.

## *Das mais finas & fortes armas, com que os soldados sempre saem vencedores.*

PEraque as nossas Armadas, & nossas espadas sejaõ vencedoras, & gloriosas, deuemse ajudar muito os soldados de duas condiçoẽs, & dous requisitos importantissimos, sem os quaes se perdẽ, regularmente, grandes exercitos. Saõ estes. Trazerem as almas limpas & puras de peccados, mediante a frequente confissaõ Sacramental, & sagrada Comunhaõ. A outra, he grande obediencia aos Maiores, & officiaes da guerra, a quem se deue tanta, que diz Plutarcho, que mais ha hum soldado de temer o seu Capitaõ, que os inimigos. *Miles metuat Ducem magis, quàm hostem.* Falta he esta antiga, & cõtinua nos Portugueses, que todo o mundo condena & reproua.

As armas dos Sacramentos da Igreja, saõ muito necessarias & importantes, & fazem os soldados inuencieis, como comproua este exemplo. Eneas Syluio (que despois foi Summo Pontifice, Pio II.) escreue no liuro 3. c. 50. hũa historia digna de eterna

Banco de España. Biblioteca

na memoria, & de hum animo taõ catholico, como foi o delRey Henrique Quinto de Inglaterra. Pellos annos da Redempçaõ de 1415. estaua este Principe cercado em hũa Cidade, cõ grandissimo aperto, por ElRey de França, & offerecendo a este, em partido (que o deixasse ir liuremẽte pera Inglaterra) que logo lhe largaria tudo o que lhe tinha ganhado em França. nunca o Frances quis vir em concerto algum, senaõ que o hauia de destruir, & prender, & passar todos os Ingreses pellos fios da espada. Desenganado Henrique, de achar conueniençia humana pera sua liberdade, recorreo ao remedio diuino, que he o seguro porto nestas tormentas. Vinda a noite chamou o Ingres a conselho todos os Capitaẽs, Mestres de Campo, & mais officiaes da guerra, & lhes falou desta maneira.

Soldados, bem vedes o grande aperto em que todos estamos, pois naõ podemos retirarnos, nem darnos a partido; & por outra parte, tambem tendes presente, que só as nossas armas nos podem defender de tantos inimigos, com tudo, tende bom animo, porque temos por nos justa causa, & Deos, que he luz recto, melhor a conhece Por isso estai certos, que nos ha de fauorecer & ajudar: por tanto, confessemonos todos, huns com os outros, pois naõ temos Sacerdotes (vsauase naquelles tempos este modo de confessar, que naõ era Sacramento,

mas

Banco de España. Biblioteca

mas huma remota disposiçaõ, pera aquelle, que se confessaua ter vergonha, & erubescencia de dizer a outro homem suas culpas) & a manhãa, pois que não temos formas, nem quem as cõsagre, iremos às Igrejas, & com grande dòr, sogeição, & humildade, em veneração da sagrada Comunhão, comungaremos hũa pequena de terra, em memoria do desejo q̃ temos de receber o Santissimo Sacramento do Altar (era naquelle tẽpo o Reyno de Inglaterra muito Catholico) & com esta demonstração de penitencia, & deuação, espero na Diuina Misericordia, que hauemos de alcançar victoria famosa de nossos inimigos.

Executarão os soldados pontualmente os referido, leuantandose pera isso de madrugada, & tanto que foi claro dia, armados interiormente, com estas deuotas armas, sahirão aos Franceses, que erão sessenta mil, & todos os destruirão, & derrotarão, não sendo mais, que oito mil Ingreses, cousa qne assombra & espanta. Refere este successo o Padre Alonso Ribeira, nos Annaes do Santissimo Sacramẽto, tratado 14. §. 9. fol. 180 col. 2. Se hũas tão remotas representaçoẽs, & sombras grossas destes Mysterios, forão tão poderosas nas batalhas, quanto mais o será a verdade, & a realidade, fazendo os soldados hũa pura confissaõ Sacramental, & comungando aquella diuina Hostia Sacrosanta, que entre os effei-

tos

Banco de España. Biblioteca

tos infinitos, que causa, hum delles, he dar vitoria dos inimigos. Assim o canta a Igreja Santa, tomandoo da boca do Doutor Angelico, nos Hymnos deste mais Alto, & Soberano mysterio, como se vè nestas Angelicas palauras, no officio desta festa, Opusculo 57.

*O Salutaris Hostia!*
*Quæ Cœli pandis ostium.*
*Bellæ premunt hostilia;*
*Da robur, fer auxilium.*

Quer dizer. O Hostia saudauel & salutifera, que nos abris a porta do Ceo, & quebrantais as forças & armas inimigas; infundi em nossos coraçoẽs valor contra ellas, sendo vos a nossa mais forte & poderosa ajuda. Armense os nossos soldados com estas diuinas Armas, & teremos seguras as mais grandiosas vitorias. E ja que falamos neste particular, he muito pera sentir hũa diabolica practica, que corre entra a gente de guerra, dizendo, que he bom não confessar, nem Comungar, quando se entra nas batalhas; porque os primeiros, que morrem, saõ os que vão confessados, & Comungados.

Doutrina

Banco de España. Biblioteca

Doutrina he esta infernal, & dictame infiel, & peruerso. E taõ mao he morrer estando bem com Deos? E em caso que fora assim, o que naõ he (q̃ naõ ha vencer sem sangue) ao Ceo vai o soldado que morre em graça cõ Deos; & o que morre em peccado, digaõ estes cegos aonde vai? Miserauel he por certo a morte eterna destes, & venturosa & ditosa a dos que morrem bem com Deos, mediante a sagrada comunhaõ, & confissaõ Sacramental.

Mais nos poderamos dilatar nos particulares, q̃ neste liuro tocamos; mas porque naõ faltará melhor pena, que com mais erudiçaõ os possa escreuer, nos contentamos com estes breues bosquejos, do q̃ tanto nos importa, que he a conseruaçaõ & defensaõ da nossa liberdade. Procure o Principe, com todas as veras, a obseruancia da lei de Deos; a igualdade da justiça; que ninguem retenha injustamente o alheo; que se restitua; que se pague o que se deue; que a ninguem se faça violencia; que se castiguem as culpas; que se naõ dissimulem peccados escandalosos & publicos, como hoje ha: que se respeitem as cousas sagradas, & venerẽ os Ministros de Deos.

Com este religioso culto se conseruaõ, & dilataõ as Monarchias, & Imperios: & se vio em muitos Principes, & mais em particular, no Emperador Theodosio o mais moço, que foi notauel o affecto, & o respeito, que tinha âs cousas da Religiaõ, como

referem

Banco de España. Biblioteca

referem tantos Autores, & com elles Narbona, na Politica, num. 12. & 13. E neste Reyno ha larga experiencia, que os senhores Reys, que nesta materia se empregaraõ mais, foraõ mais temidos, mais ricos, mais vencedores, & possantes; porque todas as felicidades buscaõ aquelles, que tem a Deos cõsigo.

Haja nos Gouernadores das Armas saber, & valor contra os inimigos, brandura & cortesia com os soldados, & nas ocasioẽs prudencia, & conselho de homens exprimentados, como Agesilao Rey dizia, & o refere Eborense, nos exemplos. Acudase aos q̃ militaõ, pontualmente com suas pagas; conserue se o amor dos Ponos, que he o que mais importa, seja o peso, & carga (quando o tempo, & a razaõ o pedirem) medido com suas posses, & forças. E sobre tudo, obserueise a lei Diuina, que cõ estas cõdiçoẽs, seraõ os nossos exercitos sãtos, & andarâ Deos nelles, como diz o Spirito Sãto, aos 23. capitulos do Deuteronomio, que em Portugues referimos no §. seguinte.

*O senhor vosso Deos, anda no meio dos vossos Arrayaes, & exercitos, sò a fim de vos defender, & liurar, & entregar vossos inimigos nas vossas mãos. Por tanto, sejão os vossos esquadrões santos, & não haja nelles a sealdade do peccado; porque sabei, que se fizerdes o contrario, logo vos ha de desemparar & deixar.* Ate aqui saõ palauras da sagrada

grada Escritura. Que victorias não alcançará hum arrayal, em que Deos anda, & gouerna? E que desauenturas naõ padecerà aquelle, de quem Deos fogiu?

Sejaõ, sejaõ, os inimigos muitos, que isso pouco importa: porque o forte braço Diuino os enfraquece, & apouca. Sempre os Castelhanos foraõ muitos, & os Portuguezes poucos: mas com esta differença, que elles nos excedem no numero, & multidaõ, & nos os excedemos a elles, no animo, & no valor, como elles confessaõ. Naõ temamos suas forças, que temos por nos a Deos, que he o que dà as victorias, & naõ sò o braço humano, como nos certefica o Spirito Santo, no primeiro liuro dos Machabeos, cap. 3. por estas palauras. *Non in multitudine exercitus victoria belli, sed de Cœlo fortitudo est.*

Com estas aduertencias, & as mais que deixamos escritas neste liuro, se pode, cõ menos custo, rechaçar o inimigo, & frustrar seus intentos; porque faltando os meios necessarios, nunca os fins se podem conseguir. E como os nossos, saõ ordenados à cõseruaçaõ, & defensaõ da propria liberdade, ficaõ bons, rectos & justificados; & por taes, dignos & capazes de Deos os fauorecer. E com seu auxilio Diuino, & particular protecçaõ, naõ ha que temer exercitos inimigos, como affirma & certifica o Real Propheta, no Psal. 36. *Si consistant aduersum me castra, non timebit cor meum.*

CAP.

Banco de España. Biblioteca

# CAP. XXXXIII.

## *Da conclusaõ deste liuro.*

AInda que, aos que sabem & professaõ sciencia, parecerâ este Capitulo pouco necessario (porque nas premissas, & antecedentes se vem & conhecem as illaçoẽs, & consequencias) cõ tudo, como a materia deste liuro toca a todos, pede a razaõ, & a conueniencia, que della façamos prato a todos, & que todos gostem della, temperando o estylo de tal modo, que toda a sorte de gente, possa julgar, & conhecer sua sustancia, & vtilidade, pella summa & resumo deste Capitulo vltimo. E conseguido, & alcançado este fim, naõ ficarà pouco abonada esta nossa applicaçaõ, & trabalho, como lá diz o Poeta.

*Omne tulit punctum, qui miscuit vtile dulci.*

O objecto motiuo, & terminatiuo, & o fim total, & principal destes nossos escritos, he puramente nossa conseruaçaõ, & augmento; estimulando, & excitando a prudencia humana, & nossa prouidencia, peraque se naõ falte na eleiçaõ dos meios (que correm por nossa conta) pera conseruarmos, & sustentarmos tantos effeitos, & obras diuinas, quantas se tem visto, & experimẽtado, com a noua Resurrei-

çaõ

çaõ deste Imperio Portugues, que Deos por sua infinita clemencia resuscitou depois de morto, & enterrado em Castella, por sessenta annos. E postoque o cuidado, & appliçaõ de ir alentando, & animando este nouo & fraco resurgido, em primeiro lugar toca a Sua Magestade (que Deos guarde) & a seus Ministros; com tudo, naõ se pode negar, que a todos, & a cada hũ dos particulares Portuguefes pertencem os mais efficazes, & feruorosos desejos da conseruaçaõ desta noua Monarchia. Estes prudentes brios, & estes justificados intentos, saõ effeitos naturaes, & necessarios do grãde amor, que os filhos deuem à patria, em que nasceraõ. Assi o affirma, & certefica o Poeta, no liuro 1. de Ponto, dizendo.

*Rursus amor Patriæ, ratione valentior omni.*

A todos os naturaes communica a natureza hũ grandissimo amor, & affecto (mais forte & poderoso, que toda a razaõ & respeito) pera se empregar efficacissimamente no bem, & nas melhoras da terra em que nasceraõ. Sendo pois, este amor natural em todos, a todos toca, pertence, & incumbe procurar (do modo possiuel) a conseruaçaõ, & augmẽto da sua patria, & naõ cessar nunca em aduertir a quem gouerna, todos os particulares, & inculcar todos os remedios, pera seu bem, & melhora. Este cõselho, ou pera melhor dizer, esta obrigaçaõ precisa nos lembra, & encarece o Padre Santo Agustinho,

na

Banco de España. Biblioteca

na Epistola 202. *Bonis, nullus est finis consulendi Patriæ.* Quer dizer. Os bons Cidadoẽs, & os verdadeiros naturaes, naõ deuem nunca parar, nem descansar, em dar todos os conselhos, & em manifestar todos os arbitrios, qne se ordenaõ ao bem, & conseruaçaõ de sua patria, & de sua terra.

O Principe dos Oradores, nas Tusculanas, lib. 5. diz, que o bom Cidadaõ, naõ sò na vida, mas pera depois da morte, ha de tratar de inculcar, acõselhar, & aduirtir a quem gouerna, todas aquellas cousas, q̃ saõ proueitosas, conforme a boa razão, & vtiles a sua Republica. He a Patria mãy vniuersal, & cõmũa de todos, diz o mesmo Cicero, na oraçaõ de Catalina. *Patria communis omnium parens.* Bem se infere logo destes antecedentes, que se a patria he mãy de todos: que somos todos verdadeiros filhos, & por taes, obrigados a procurar, & solicitar, com todas as forças, o bem, & conseruaçaõ desta mãy. Naõ fazer caso della, naõ na ajudar, naõ na aduirtir; mas desprezalla, fazendo della pouco caso, naõ na ajudando no tempo do aperto, & da necessidade, he argumento euidente & infalliuel, de o filho ser homẽ nescio, & ignorante. Assi o publica o Spirito Santo, no cap. 15. dos Prouerbios. *Stultus homo, despicit matrem suam.*

Por naõ encorrermos em tal censura, & por fugirmos deste labeo, & euitarmos esta nota, ordena-



Banco de España. Biblioteca

mos este liuro, & compuzemos esta copiosa obra, pera acudir a esta patria nossa Mãy, & impedirlhe, com aduertencias & auisos, os males, que lhe podẽ acontecer; inculcandolhe os remedios mais efficazes, & importantes. Asi o manda o amor de filho, & natural, & de verdadeiro Portugues. Este amor, & esta natural affeiçaõ, nos obriga a sair de nossa esphera, & exceder os limites de nossa profissaõ. Este priuilegio, esta licença, & esta liberdade, nunca pode ser culpa; porque o verdadeiro amor, he muito priuilegiado, & isento, & pode obrar todas as acçoẽs, que com elle se cõpadecem, & permittem; por todos os modos, que dictar a ordenada affeiçaõ, em ordem ao bem desta patria, & desta Mãy. E por isso diz là o Poeta, que pera o amor, naõ ha leis, nem modos; porque todos os decentes, se lhe concedem, & sogeitaõ, como diz o elegante Propercio, no liuro 2. das Elegias.

*Verus amor, nullum nouit habere modum.*

Obrigados do amor de filho, ordenamos esta Memoria, diuidida por tantos Capitulos, todos ordenados, & dirigidos ao bem desta Mãy, & desta Monarchia Portuguesa, qual he sua conseruação, sua estabilidade, sua firmeza, & sua segurança. Esta he a causa total & principal, este o vltimo fim, que nos excitou & moueo. Importa muito, que todos ajudemos, & cooperemos na producçaõ & forma-

çaõ

Banco de España. Biblioteca

çaõ deste composto politico, & deste effeito natural, que he a nossa conseruaçaõ, como tantas vezes deixamos repetido. Mas porem, ha se de aduirtir, que he necessario, pera se produzir, & formar este grande bem, concorrerem pera a execuçaõ, & formaçaõ delle, quatro causas politicas & moraes, exẽpladas & immitadoras das naturaes, q̃ vnidas causaõ, & produzem os naturaes cõpostos, & effeitos.

E pera que melhor se comprehenda, & conheça esta nossa conclusaõ, certa & verdadeira; he pera saber, que quatro causas concorrem, pera a efficiencia & causalidade de qualquer effeito natural. São estas. A efficiente, que moue & faz obrar. A formal, que como Idea & exemplo, ordena & regula o que se ha de fazer. A material, que ministra a materia, pera a noua producçaõ: & a final (primeira na intençaõ, & vltima na execuçaõ) mouendo & excitando o agente pera que obre. Esta Philosophia, he natural, & verdadeira, acreditada por S. Thomas, Doutor Angelico, no Opusculo 31. & na 2.2. questaõ 2. artigo 3. & em outros muitos lugares. Aristotiles, no Texto 68. O Beato Padre, Frei Alberto Magno neste lugar, tratado 2. cap. 7. O Padre Mestre Soto, no 2. liuro da Philosophia, quest. 3.

Facilitemos, & declaremos esta doutrina, com dous exemplos, hum natural & phisico, & outro politico, moral, & artificial. Quer o fogo gerar outro



Banco de España. Biblioteca

fogo em hum madeiro, que està na chimine, quatro causas concorrem pera este effeito, que saõ. A efficiente, que he o fogo generante. A formal, que he o seu calor. A material, que ministra a materia & o madeiro. E a final, que he o fim, pera que o fogo se accende. O artificial exemplo pede o mesmo concurso de causas pera sua formaçaõ, como se verifica no imaginario, que quer obrar hũa imagem de nossa Senhora, ou de Santo Antonio. O Imaginario, he a causa efficiente & operante. A idea & exemplar, que tem na cabeça, da sua arte, he a causa formal, por cujas regras, & formas trabalha a figura. A materia, & o pao de que se faz a imagẽ, ministra a causa material. A final, que moueo o agente & operante a obrar, he o seu lucro, & vtilidade, ou a deuaçaõ, & culto do Santo, quando naõ interuem outro respeito temporal.

O gouerno politico, & moral de hum Reyno, & de hũa Republica, pera se acertar, & ser, o que conuem, & deue ser; ha se de ajustar & compor, cõ os exemplares da natureza. E tanto tem as acçoẽs moraes, & politicas de boas, acertadas, & prudentes; quanto mais imitaõ, & seguem o modo de proceder das causas naturaes. E por isso, se disse aquelle vulgar, & verdadeiro proloquio, que a Arte immita a natureza. *Ars imitatur naturam*. Comprais hum cauallo por quarenta, ou sessenta mil reis, copia este

hum

hum famoso pintor, com grande propriedade, & perfeiçaõ, em hum quadro, & sobe tanto no preço, & estimaçaõ, que dais por elle quatrocentos, ou quinhentos cruzados. A razaõ deste valor he, porque o pintado immita grandemẽte o verdadeiro, & natural. Leuanta a natureza a valia, à Arte. Assi nas demais cousas, obras, acçoẽs, & operaçoẽs liures, politicas, & moraes.

A causa final, & o fim, & motiuo deste liuro, he a nossa conseruaçaõ, firmeza, estabilidade, & segurança. Pera conseguirmos este fim, & este total intento, he necessario, que nossas acçoẽs immitem, & se regulem pellas da natureza. E assi como esta, pera produzir algum effeito, & formar algum composto, necessita da influẽcia, & causalidade das quatro causas, que deixamos declaradas: assi nós, & aquelles, que gouernaõ principalmente, haõ de seguir, & immitar esta ordem natural, pera que as liures, moraes, & politicas, consigaõ o fim a que se ordenaõ. Incitanos, & mouenos a causa final, & total, que he a nossa conseruaçaõ, & liberdade: pera esta se alcançar & conseguir, he precisamente necessario, que concorraõ com ella as outras tres causas, que saõ, a Efficiente, Formal, & Material. A Efficiente, ha de ser o poder, as forças, & o valor. A formal, ha de ser a boa ordem, & conueniente disposiçaõ desse poder, com saber, & experiencia



Banco de España. Biblioteca

pera o ordenar, conforme as regras da arte, & da Milicia. A material, ha de ser, armas, muniçoẽs, & fortificaçoẽs na terra, & nas fronteiras, armadas, & mais armadas, no mar.

Com estas causas assi subordenadas, & vnidas, infalliuelmente, se conseguirâ, & lograrâ a final, que he a nossa conseruaçaõ, & estabilidade. E qualquer dellas, que falte; naõ nos conseruaremos, nem poderâ esta liberdade durar, & permanecer. Assi, porque naõ pode hauer effeitos sem causas, que os produzaõ, como tambem: porque Deos nosso Senhor, que com seu poder infinito, pode produzillos, sem ellas milagrosamente; com tudo, nem sempre faz estes milagres, nem a malicia do tempo os merece. Se queremos permanecer, conseruarnos, & subsistir, & que esta noua Monarchia cresça, dure, & permaneça, appliquemos estas quatro causas referidas.

Que importa, que tenhamos poder, & forcas, se faltar, quem com saber as disponha, ordene, & gouerne? Que monta, que haja quem gouerne, & disponha as cousas, se faltar a causa material, que ministre, armas, forças, fortificaçoẽs, & armrdas? Que val hauer artilharia nas torres, & nas praças, se faltar a poluora, & os pelouros? De que vtilidade podẽ ser muitos reductos, & baluartes, se lhes faltarem as bombardas necessarias? Assi em tudo o mais discorrendo.

Banco de España. Biblioteca

correndo. Concorraõ estas quatro causas explicadas, & veremos em execuçaõ & effeito, a causa final de nossa conseruaçaõ, segurança, & estabilidade, que na intẽçaõ he a principal & primeira, que nos moue, incita, & obriga a buscar, & applicar todos os meios necessarios, pera effeituar, & conseguir os fins, que intentamos, & queremos. Os meios que de presente nos faltaõ, & os que saõ mais precisos, & importantes, saõ as grandes forças maritimas, de que nos vemos, & achamos, taõ necessitados, & faltos. A este fim, ordenamos este liuro, vestido com tantos Capitulos, cheos de aduertencias, & documentos, pera o que tanto nos importa. O que nelles se achar menos composto, & ordenado; he do Autor. E o que apparecer mais decente, acertado, & luzido, he de Deos; fonte manancial de toda a luz, causa principal, & primeira de nosso bem. *Cui laus, & gloria, per sæcula. Amen.*

# FINAIS,



Banco de España. Biblioteca

# INDEX
# DOS CAPITVLOS
## deste Liuro.

CAPITVLO I.

*Do Argumento deste Tratado.* Fol. 1.

CAP. II.

*Da ordem, & disposição das armas Castelhanas.* flo 7.

CAP. III.

*Da preuenção dos Portugueses, & disposição de suas Armas.* fol. 13.

CAP. IIII.

*Da fortificação maritima dos Portugueses, rendida pella cobiça, mal mais perjudicial; & da necessidade de Conselheiros scientes, & Capitaẽs de experiencia.* fol. 19.

CAP. V.

*Dilatase a materia precedente, & referese hum caso Politico, & discreto.* fol. 24.

CAP. VI.

*Continua o discurso precedente, & ponderase hum accidente muito particular.* fol. 29.

CAP. VII.

*Mostrase o valor Portugues, com illustres victorias dos Castelhanos.* fol. 34.

CAp.

Banco de España. Biblioteca

CAP. VIII.

*De hum grande feito de valor, obrado por poucos Portugueses, contra muitos Castelhanos.* fol. 39.

CAP. IX.

*Descreuemse as calidades, & condições de hum valeroso, & perfeito Capitão, por ocasião do feito referido.* fol. 48.

CAP. X.

*De como se deue aprender a arte Militar, pera se conseguir com perfeição.* fol. 53.

CAP. XI.

*Mostrãose os arbitrios Militares do inimigo, na inuasão deste Reyno & como facilmente se podem frustrar, com o reparo de algũas praças.* fol. 58.

CAP. XII.

*De alguns Arbitrios Militares, propostos ao Autor, sobre a fortificação da Lisboa.* fol. 63.

CAP. XIII.

*Em que se respõde, & satisfaz os Arbitrios propostos.* 66.

CAP. XIV.

*Continuase a reposta do primeiro Arbitrio, & comprouase com exemplos.* fol. 70.

CAP. XV.

*Multiplicãose nouas razões sobre o assumpto, & respondese a hum nouo ardil.* fol. 73.

CAP. XVI.

*Respondese ao segundo Arbitrio.* fol. 79.

CAP.

Banco de España. Biblioteca

CAP. XVII.

*Declarase o proprio Arbitrio, que inculcamos, pera maior segurança do Rio de Lisboa.* fol. 83.

CAP. XVIII.

*Dase satisfação, & reposta ao terceiro Arbitrio.* fol. 89.

CAP. XIX.

*Prouase com exemplos os gloriosos effeitos, que obrarão as nossas Armadas.* fol. 93.

CAP. XX.

*Propoemse algũas objecções contra o conueniencia do Cathalogo que fazemos, das Armadas Portuguesas.* fol. 97.

CAP. XXI.

*Iustifica o Autor a tenção, & intento, com que escreue, & dilatase em mostrar as forças maritimas deste Reyno.* fol. 102.

CAP. XXII.

*Mostrase como as faltas do gouerno (quando os ha) não procedem do Principe, se não dos Ministros, & officiaes?* fol. 106.

CAP. XXIII.

*Dilatase a materia precedente, & mostra o Autor seu parecer, sobre a semelhança do gouerno dos homens.* fol. 117.

CAP. XXIII. segundo por erro.

*Illustrase a materia precedente, com algũas aduertencias, sobre a obrigação dos Ministros.* fol. 123.

CAP. XXIV.

*Da tenção, que ha de têr o ministro em se aconselhar, & dar conselho,*

Banco de España. Biblioteca

conselho, & com quem o deue tomar nas materias tocantes ao bem do Reyno. fol.126.

CAP. XXV.

Dos annos, & mais calidades necessarias, pera o bom Conselheiro. fol.133.

CAP. XXVI.

Do cuidado grande, que os senhores Reys de Portugal tiuerão sempre de poderosas Armadas, pera conseruação, & augmento desta Monarchia. fol.138.

CAP. XXVII.

Particularisãose mais senhores Reys, que conseruarão grandes Armadas. fol.144.

CAP. XXVIII.

Das grandes Armadas, que em tempo do senhor Rey Dom Manoel, sairão de Lisboa. fol.152.

CAP. XXIX.

Dos grandiosos effeitos, que obrarão estas Armadas. fol. 161.

CAP. XXX.

De outros nobres, & gloriosos effeitos, que procedem de grãdes Armadas. fol 166.

CAP. XXXI.

Das muitas, & fortes Armadas, que fez o senhor Rey D. Ioão Terceiro. fol.170.

CAP. XXXII.

Tocase breuemente a inconstancia da poder do mundo, & de suas grandezas. fol. 175.

CAP.

Banco de España. Biblioteca

CAP. XXXIII.

*Comprouase como o Principe inclinado a grandes Armadas, sempre foi liberal, com seus vassallos.* fol. 177.

CAP. XXXIV.

*Do grandioso Artificio do mais forte, & poderoso Galeão, São Ioão, que tanto acreditou este Reyno.* fol. 181.

CAP. XXXV.

*Da tradição, & memoria, que os Antigos nos deixarão deste Galeao.* fol. 187.

CAP. XXXVI.

*Continuase o mesmo assumpto, & multiplicãose mais exemplos, sobre a necessidade de Armadas.* fol. 194.

CAP. XXXVII.

*De outros nobres exemplos, que obrarão as nossas Armadas, effeitos do esforço Portugues, engrandecido, até pellos inimigos Castelhanos: estymulo grande, pera excitar nosso prudente cuidado, a que não faltarà o fauor Diuiuino.* fol. 201.

CAP. XXXVIII.

*De hũa grande difficuldade, que se oppoem ao intento de grandes, & fortes Armadas.* fol. 208.

CAP. XXXIX.

*De hũa grande questão necessaria pera aquelles, que militão nas Armadas, & continuão a nauegação.* fol. 216.

CAP. XXXX.

*Propoemse algũas duuidas, contra a segunda opinião, a que se responde.* fol. 223.

CAP.

Banco de España. Biblioteca

Index dos Capitulos deste Liuro.

CAP. XXXXI.

*Respondese aos Argumentos propostos.* fol. 228.

CAP. XXXXII.

*Das mais finas, & fortes Armas, com que o soldados sempre saem vencedores.* fol. 232.

CAP XXXXIII.

*Da conclusão deste Liuro.* fol. 239.

FINIS.

148

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

Banco de España. Biblioteca

DISPOS
DAS
ARMAS
CASTE

co de España. Bibliot